



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CULTURA E SOCIEDADE**

***CASA DE OXUMARÊ:
DISCURSO E IDENTIDADE NO FACEBOOK***

por

MARINA MARTINELLI SERRA

Orientador: Prof. Dr. Milton Araújo Moura

**SALVADOR
2019**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CULTURA E SOCIEDADE**

***CASA DE OXUMARÊ:
DISCURSO E IDENTIDADE NO FACEBOOK***

por

MARINA MARTINELLI SERRA

Orientador: Prof. Dr. Milton Araújo Moura

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre.

**SALVADOR
2019**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Martinelli Serra, Marina

Casa de Oxumarê: discurso e identidade no Facebook
/ Marina Martinelli Serra. -- Salvador, 2019.

121 f. : il

Orientador: Milton Araújo Moura.

Dissertação (Mestrado - Programa Multidisciplinar
de Pós-graduação em Cultura e Sociedade) --
Universidade Federal da Bahia, Instituto de
Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton
Santos, 2019.

1. Candomblé em redes sociais. 2. Candomblé no
Facebook. 3. Ethos discursivo. 4. Identidade
coletiva. 5. Narrativa de identidade. I. Araújo
Moura, Milton. II. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

MARINA MARTINELLI SERRA

CASA DE OXUMARÊ: DISCURSO E IDENTIDADE NO FACEBOOK

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre.

Aprovada em 27 de junho de 2019.

Milton Araújo Moura – Orientador
Doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

Carlos Alberto Caroso Soares
Doutor em PhD. em Antropologia pela University of California Los Angeles, (EUA)
Universidade Federal da Bahia

José Roberto Severino
Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo
Universidade Federal da Bahia

**SALVADOR
2019**

DEDICATÓRIA

A
Meus pais, irmã e sobrinhos,
pelo companheirismo, confiança e torcida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço antes de tudo a meu *odun*, ao caminho que os orixás me designaram e no qual me acompanham. À acolhida da Casa de Oxumarê, com carinho especial dedicado a Babá Pecê, ao Babá Egbé, a Ebomi Sandra, a Ebomi Janete, e Ekedí Cida, pela paciência e afeto que me dedicam. Sou grata a meus pais, irmã e sobrinhos, pelo apoio incansável nos momentos mais desafiadores. Aos meus ancestrais, cujas vidas duras proporcionaram minha vida menos dura. À Dimenti Produções Culturais, pela compreensão e parceria. A Fernando Firmo, Ana Terse Soares, Paula Lice, Lia Lordelo, Danillo Barata e Gildon Oliveira pelos feedbacks e conversas cruciais. Aos amores e amigos que perdi: obrigada pelo tempo que tivemos juntos. Aos amigos Guacira Cavalcante, Larissa Souza, Alan Ramos, Stefan Dudovitz, Nívea Luz, Felipe Lasserre, Joy Rodrix, Jorge Alencar, Ellen Mello e Larissa Lacerda, por acreditarem em mim e gritarem no meu ouvido todas as vezes que perdi o fôlego.

EPÍGRAFE

E enquanto você reza, vai fazendo.

Provérbio africano.

MARTINELLI SERRA, Marina. Casa de Oxumarê: discurso e construção de identidade no Facebook. 120 f.il. 2019. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

RESUMO

A pesquisa interdisciplinar ora desenvolvida, em formato de estudo de caso, visa analisar aspectos da presença virtual e construção de narrativas de identidade coletiva do terreiro de candomblé conhecido como Casa de Oxumarê em sua fanpage oficial no Facebook. Para tanto, faz uso de conceitos e ferramentas da análise do discurso proposta por Dominique Maingueneau, em simbiose com noções de cultura, cultural e identidade de Appadurai, Bhabha, Canclini e Hall. Leva em conta implicações de práticas e entendimentos de mundo do grupo étnico-religioso observado, privilegiando conteúdo produzido por ou com grande participação de pessoas da própria Casa de Oxumarê, em paralelo com particularidades comunicacionais e interacionais da rede social Facebook. De um escopo de 2.657 postagens publicadas no período, 1.065 com mais de 300 caracteres de comprimento foram consideradas. A um corpus de 70 postagens (mostruário ilustrativo) que refletiam características da tônica geral foi aplicado formulário analítico especialmente construído para o propósito deste estudo. A pesquisa observou: padrões de construção de ethe discursivos e argumentação empregados pelo enunciador para atestar sua legitimidade (enquanto agente de discurso); maneiras de se comunicar com coenunciadores presumidos; critérios explicitados de curadoria de conteúdo. Os resultados obtidos revelaram que, para o enunciador, a sua presença ativa em meio virtual de uma não é encarada como contradição, mas antes como uma nova forma de preservar o que considera essencial.

Palavras-chave: Candomblé em redes sociais. Candomblé no Facebook. Ethos discursivo. Identidade coletiva. Narrativa de identidade.

ABSTRACT

The present interdisciplinary research, structured as a case study, aims to analyze aspects of the virtual presence and collective identity narrative construction of the *candomblé* community known as Casa de Oxumarê in its Facebook fanpage. Thus, discourse analysis tools and concepts as proposed by Dominique Maingueneau are applied, in symbiosis with notions of culture, cultural and identity by Appadurai, Bhabha, Canclini and Hall. The research takes into account possible implications of practices and world views pertaining to the ethnical-religious group observed, prioritizing contents produced by or with great participation of members of its community, in parallel to interactional and communicational particularities of the social network site Facebook. From the 2.657 posts published between 2011 and 2016, 1.065 with more than 300 characters were considered. An analytical form specially designed for the present research was then applied to 70 posts considered to reflect the overall characteristics and tone of the narrative. The research observed: patterns linked to the construction of discursive *ethos* and argumentation applied by the enunciator to attest its legitimacy (as a discourse agent); ways of communicating its presumed coenunciators; explicit criteria applied to content curatorship. The results indicated that, as far as the enunciator is concerned, its active presence in the virtual arena is not a contradiction, but a new way to preserve what it considers to be essential.

Keywords: Candomblé on online social networks. Candomblé on Facebook. Discursive *ethos*. Collective identity. Identity narrative.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Postagem 298504916839420	36
Gráfico 1	Comparativo de curtidas com outras páginas.....	42
Gráfico 2	Casa de Oxumarê: média de postagens/dia 2011-2016.....	42
Gráfico 3	Tamanho das postagens - 2011-2016	43
Gráfico 4	Tamanho das postagens % - 2011-2016.....	43
Figura 2	Postagem 630765936946648	44
Figura 3	<i>Ethe</i> em Maingueneau.....	50
Figura 4	Fanpage no Facebook	66
Figura 5	Anatomia de uma postagem.....	67
Figura 6	Subpágina "Eventos"	69
Figura 7	Postagem 821886907834549	70
Figura 8	Postagem 656986767657898	71
Figura 9	Postagem 1227994637223772	75
Figura 10	Postagem 318788448144400	76
Figura 11	Postagem 1189924307697472	83
Figura 12	Postagem 1146390772050826	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Anatomia do link	62
Quadro 2	Quadro histórico resumido da Casa de Oxumarê	111

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Casas matrizes no Facebook, 2017	40
Tabela 2	Casas matrizes no Facebook, 2018	41

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. APONTAMENTOS PARA UM ESTUDO APROFUNDADO DA NARRATIVA IDENTITÁRIA DE GRUPO ETNORRELIGIOSO EM MEIO VIRTUAL	20
3. AS APARENTES CONTRADIÇÕES DA PRESENÇA VIRTUAL DA CASA DE OXUMARÊ	21
3.1 CONCEITOS E GAMBIARRAS: CULTURA, CULTURAL, IDENTIDADE	21
3.2 O CANDOMBLÉ: DESAFIOS ANTECIPADOS	27
3.3 A CASA DE OXUMARÊ	32
3.4 A @CASADEOXUMARE	36
4. IDENTIDADE ÉTNICO-RELIGIOSA COLETIVA PROJETADA EM MEIO VIRTUAL: DESAFIOS METODOLÓGICOS E CONCEITUAIS	47
4.1 CONCEITOS-CHAVE DA ANÁLISE DO DISCURSO E IMPLICAÇÕES	48
4.2 IDENTIDADE CULTURAL EM MEIO DIGITAL: À PROCURA DE TEORIAS E MEDIDORES PARA A ANÁLISE DA PRESENÇA DE UM SUJEITO COLETIVO NA REDE	52
4.3 SOBRE O FACEBOOK	53
5. METODOLOGIA	60
5.1 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE POSTAGENS PARA O RECORTE	60
5.2 A ESCOLHA DO RECORTE TEMÁTICO	61
5.3 FERRAMENTAS DE ANÁLISE DAS POSTAGENS SELECIONADAS	61
5.3.1 Ficha analítica	63
6. ANÁLISE DAS POSTAGENS	66
6.1 CATEGORIAS DE POSTAGEM	67
6.1.1 Convites para festas	68
6.1.2 Relatos de viagem	70
6.1.3 Séries próprias	72
6.2 CAMPANHAS PRÓPRIAS	75
6.2.1 Retrospectivas	77
6.2.2 Concursos/Promoções.....	77
6.3 ASSINATURA	79
6.4 QUEM SOMOS E EM NOME DE QUEM FALAMOS	80
6.5 NÓS	81
6.5.1 Legitimação.....	82
6.6 FAMÍLIA, TEMPLO, COMUNIDADE, RELIGIÃO	83
6.6.1 Missão, Luta, Compromisso	84
6.7 PRESENÇA NA INTERNET	86
6.8 FACEBOOK/INTERNET NA VISÃO DO ENUNCIADOR	86
6.8.1 Objetivo.....	87
6.8.2 A @casadeoxumare e o candomblé: limites	89
6.8.3 Pauta	91
6.8.4 Awo.....	92
6.8.5 Interação com a audiência.....	92
6.9 COENUNCIADOR – A QUEM SE DIRIGE A MENSAGEM	93
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	96

8. REFERENCIAL.....	101
GLOSSÁRIO.....	107
APÊNDICE A - Exemplo de ficha catalográfica usada na pesquisa	108
APÊNDICE B - Quadro histórico resumido da Casa de Oxumarê	111
APÊNDICE C - Modelo de entrevista	119

1. INTRODUÇÃO

Que desafio! Tudo o que me circunda no meu campo de observação é interessante. Mas evidentemente não posso registrar tudo. Como opero por metáforas, vou recorrer a uma que me veio à mente ainda ontem, no ensaio de uma peça com a qual estou envolvida. Por conta de um imprevisto, precisamos fazê-lo numa sala de aula da Escola de Dança da UFBA, ao invés de no teatro do Goethe, onde nos apresentaremos em julho e onde vimos ensaiando. Chovia e o sol se havia posto. Posicionamos as carteiras de forma a delimitar o palco a fim de adequá-lo, mais ou menos, à distância a que o público estará, no local da apresentação. Definidos esses limites, trabalhamos com luzes frias (chamadas em teatro “luzes de serviço”). Estavam em cena atores com trajetórias de vida e repertórios diferentes uns dos outros, porém igualmente empenhados em contar a história proposta: história de um autor com interesses, trajetória e repertório distintos, mas não destoante dos deles. O texto foi adaptado pelo diretor de modo tal que uma camada complementar de mensagem pudesse ser alimentada com recursos capazes de facilitar a compreensão do primeiro estrato, mas permitindo que, ainda assim, um não-dito eloquente transpareça. O chão empoeirado da sala modificou a forma como alguns dos atores performavam suas marcas. A meus olhos de observadora postada na primeira fila, interessava notar como cada um deles se relacionava com um objeto recentemente incluído na encenação: máscaras. Era fácil ver que alguns dos atores do elenco tiveram treinamento em *commedia dell'arte*; era possível vê-los bem postos em seus corpos. Dava para percebê-lo pela forma como conjugavam a máscara e cuidavam dos ângulos, de modo a que a luz - ainda ausente - não lhes sombreasse os olhos; eu podia vê-los a menear a cabeça de forma insólita, eixo um pouco à frente do habitual. Outros não pareciam ter treinamento técnico: não se sentiam compelidos a obedecer aos ditames das formas, a seguir as normas do método. Moviam-se de forma “robótica”, imprimindo outra qualidade à realização.

Uma das atrizes faz Pilates. Isso se evidenciava na angulação de seu corpo, mesmo quando ela não o percebia (pelo menos, não parecia fazê-lo). Um dos atores tinha repertório de comédia e precisava se policiar de forma cuidadosa para que o treinamento do seu corpo não distorcesse a qualidade que o conjunto da obra pretende compor com vistas à transmissão da mensagem tal como foi intencionada pelos agentes envolvidos.

Também da plateia especializada de que eu fazia parte os ângulos de percepção eram diversos. O diretor é dançarino, interessado em subversão de códigos e no momento estava testando como a pauta corporal do primeiro ato deve ser composta para modificar-se nos

seguintes, chegando ao desfecho em tom distinto, conforme seu plano. Eu sou metafórica, referencial e relacional; mantive-me preocupada - talvez um pouco além da conta - com o desempenho das palavras na missão de realizar a obra. Além disso, no meu papel específico de produtora, a cada nova ideia criativa devia acessar a planilha orçamentária que tenho em mente e apontar limites. Fazia poucas anotações escritas porque estava também fazendo as vezes de narradora e ponto.

A iluminadora, que também é atriz, integrava essa plateia do ensaio e suas anotações diferiam das minhas: a ela interessava visualizar a disposição dos atores em cena para que pudesse elaborar o mapa de luz, planejando a posição futura de cada refletor, calculando onde e quando cada um deles deverá acender-se para produzir o clima e o efeito desejados.

Uma estudiosa de teatro, atriz e amiga minha, também estava na plateia: foi convidada para prestar suporte aos atores na tarefa de encontrar, através de um exame prático da qualidade por eles impressa na pronúncia do texto, a forma mais adequada para que cada personagem se desenvolva na trama, transportando a si, à narrativa e ao público pelos caminhos e camadas delineadas em conjunto.

Um ator, também dançarino, dava a dica a outro colega de cena sobre qual musculatura ativar para que conseguisse sustentar uma determinada posição com menos desconforto.

Notei que o ruído das cigarras e do vento nas folhas das árvores no campus onde nos encontrávamos tinha um impacto no ritmo de execução do ensaio, que demorou sete minutos a mais que da última vez. Ou seriam as máscaras? Possivelmente tudo isso junto, somado ao fato de que esqueci de trazer a caixa de som para o ensaio e todos estavam falando como se estivessem microfonados (conforme estarão), o que acabava por dificultar a escuta, em algumas passagens, naquela sala com péssima acústica.

É possível nos aproximarmos desta peça de vários pontos de vista, inclusive o do figurinista e maquiador que teve de sair mais cedo, e está preocupado em conciliar sua proposta estética com o duro fato de que os atores vão suar e isso terá consequências, pois o tecido escolhido para casar-se com a abordagem proposta é sintético e muda de cor quando úmido. Podemos fazê-lo ainda do ponto de vista do diretor musical, que aguarda um rascunho mais fluido da encenação para começar a compor a cama sonora sobre a qual sobreporemos essas outras camadas nas quais trabalhamos em conjunto. Assim ilustro por metáfora, como é meu hábito, a tarefa a que me proponho aqui.

Por mais que me sobrem boa vontade e sensibilidade, não posso desempenhar todos os papéis de semelhante equipe no trabalho que agora realizo. O meu olhar de leitora talvez seja

a minha qualificação mais forte - e é ela que emprego para o sucesso do coletivo, na montagem da peça. No desenvolvimento da presente pesquisa estou sozinha, não posso abarcar todos os papéis. Além disso, o drama é muito extenso, complexo. Não posso assisti-lo de todos os lugares, nem de uma só vez. Não o posso abarcar. Preciso de fazer um recorte. E escolher ângulos, embora esteja ciente de outros possíveis.

De certa forma, falar aqui sobre o meu trabalho será indicar limitações. Preciso dizer como não me servem teorias baseadas no mapeamento das interações entre enunciador e coenunciador (tanto em termos de dinâmica quanto em termos de recepção), pois aqui levo o coenunciador em conta “apenas” no que a sua figura imaginada impacta, ou parece impactar, na elaboração da narrativa identitária em meio virtual. (Digo “apenas” entre aspas porque não considero que este seja um aspecto de menor importância). Em todo o caso, só o faço na medida em que a relação aludida se acusa, ou seja, na medida em que transparece na comunicação a imagem que o locutor faz da imagem que o receptor faz dele; na medida, pois, em que isso produz impacto sobre as escolhas de estratégia comunicacional, afetando vocabulário, argumentação e estilo.

Justamente por ser o meu problema (o meu corpus) terreno fértil de análise, precisei de ajuda durante todo o percurso da pesquisa para não perder o foco da dissertação. E já aviso que às vezes não consegui me conter e olhei por debaixo de uma ou outra cortina. Isso às vezes transparecerá aqui, mas o escopo do presente trabalho e as limitações impostas pela vida fora da academia fizeram com que eu tivesse de fechar essas cortinas rapidamente, para não correr o risco de, como diz o povo, nem fazer arroz nem fazer arroz doce.

Começarei por declinar meu nome, conforme a prática do *candomblé*. Sou Marina Martinelli Serra, *abiã* da Casa de Oxumarê. Segundo minha própria avaliação, uma *abiã* muito displicente, que deveria frequentar mais sua Casa, tanto no dia-a-dia quanto nas festas públicas. Ser *abiã* não me confere nenhum tipo de autoridade para falar em nome da Casa, ou da religião. Talvez indique tão somente que, por ser pré-iniciada, as pessoas têm um pouco mais de paciência quando me ouvem fazer perguntas estúpidas ou descobrir o óbvio. (Isso é uma vantagem na pesquisa).

Ser *abiã* significa que sou pré-iniciada, ao pé da letra “nascitura”. Através de um ritual denominado *bori*, já estudado e descrito por diversos estudiosos como Bastide, Verger e outros, estabeleci um vínculo especial com meu orixá. Preparei o meu *ori* (minha cabeça) para uma conexão mais estreita com o sagrado. Assim, estou inserida na comunidade-família (*egbé*) da Casa e a mim é dispensado um cuidado especial, pois estou no primeiríssimo estágio de aprendizado religioso. Tenho direito a atenção.

Cresci acompanhando um pai etnólogo em suas pesquisas de campo e assim gozei, por associação, de afeto e acesso em grande terreiros, como a Casa Branca e o Opô Afonjá, em minha infância e adolescência. Meu contato com o Oxumarê deu-se já em minha idade adulta e ainda fiado pelo nome de meu pai, pelo que ele representa para o estudo do candomblé como um todo e para a casa em particular: foi Iansã, *manifestada*, quem indicou que ele fosse procurado para redigir o laudo antropológico com vistas ao tombamento da Casa pelo Iphan. Em 2016 dei *bori* no Oxumarê, firmando assim laço próprio de *axé* com o terreiro.

No meu trabalho de produtora cultural, tive contato com ferramentas de comunicação digital. Tenho utilizado princípios e instrumentos dessa natureza a fim de divulgar produtos artísticos com os quais estou envolvida. Valho-me também de ferramentas e medidores próprios das redes sociais na busca de atingir o público que espero venha consumir (assistir) os espetáculos de artes cênicas, ler os livros, comprar os ingressos, comparecer ao show. Trata-se de um exercício contínuo de imaginar o que poderia despertar interesse e mobilizar o meu coenunciador imaginado.

Foi justamente como seguidora virtual que comecei a me interessar pela presença na internet do candomblé, em especial da Casa de Oxumarê, pois o volume e conteúdo de suas postagens me intrigava. Como assim? Uma Terreiro tradicional? Não é o único que aí está, mas claramente o Oxumarê associa à comunicação nesse meio uma enorme importância. É evidente que existe um plano, um esforço consciente e uma dedicação especial ao propósito de fazer-se presente neste lugar ubíquo, de fazer ouvir aí sua mensagem.

A pesquisa inicialmente desenhada para o mestrado propunha a análise da imagem projetada da casa de Oxumarê através de ferramentaria de AD, considerando o ethos discursivo do terreiro no escopo de 2011 a 2016 e compreendendo todas as suas mais de 2.650 postagens. O estudo se basearia no cruzamento de dados quantitativos colhidos na plataforma considerada com dados quali-quantitativos colhidos em entrevistas com geradores de conteúdo, relativos, estes últimos, aos parâmetros e práticas envolvidas na gestão da página.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, surgiram dificuldades de ordem operacional e tecnológica que limitaram o plano inicial. Por outro lado, o assunto provou-se mais denso e merecedor de olhar mais apurado do que originalmente previsto. Assim o presente estudo faz um apanhado de abordagens teóricas que julgo serem de útil conjugação para uma apreciação do ethos discursivo da Casa, ao tempo em que procura levantar hipóteses analíticas a serem comprovadas em momento posterior. Busco também harmonizar conceitos e abordagens de diferentes origens, já colocados em operação em ensaios de corte

transdisciplinar, propondo um modelo de análise de identidade coletiva que leva em consideração os diversos entrecruzamentos implicados na produção de discurso e refletidos em meio digital. O caráter etno-religioso da identidade coletiva que se desenha no meu campo requer a combinação de ferramentaria específica para uma análise que vai além dos métodos de observação habitualmente alocados em pesquisas similares, pois as teorias em voga se baseiam largamente em perspectivas que partem do ponto de vista individual ou mercadológico (branding) no meio digital.

Para efeito de ilustração, foram mapeadas 45 postagens do escopo cronológico nesta pesquisa. Aponto caminhos, baseados nesta experiência, para possíveis desdobramentos de pesquisa mais aprofundada em nível de doutoramento. Entendo esta dissertação como a primeira fase de uma pesquisa em desenvolvimento. Um dos seus produtos é o desenho de um plano de trabalho para o doutorado, no qual espero ter oportunidade de testar hipóteses aqui arroladas.

Ao longo desta dissertação opto pela grafia de termos específicos da religião em forma aportuguesada. Não me valho da grafia convencionada para o iorubá, pois ela mascararia a prosódia do grupo de culto em estudo. A incorporação ao vocabulário do português do Brasil de termos de étimo africano é fato conhecido; o grupo em questão é totalmente lusófono e adapta ao padrão da língua dominante a pronúncia dos termos incorporados. O uso eventual de grafia iorubana por algumas autoridades do candomblé lhes serve, em certos textos, como um marcador identitário, uma garantia de autenticidade e de autoridade. Cabe-me assinalar este fato mas não imitá-lo no texto explanatório que aqui ensaio. Presto homenagem à herança ancestral africana sem deixar de reconhecer que trato com uma religião brasileira - e esse abrasileiramento traz marcas ineludíveis.

Não encontrei pesquisas que abordam o candomblé nas redes sociais a partir da imagem de si projetada no discurso. Acredito estar, no mínimo, dentre os primeiros pesquisadores a fazê-lo – e é com paixão e humildade que inicio esta caminhada.

2. APONTAMENTOS PARA UM ESTUDO APROFUNDADO DA NARRATIVA IDENTITÁRIA DE GRUPO ETNORRELIGIOSO EM MEIO VIRTUAL

A internet já não é mais a novidade do pedaço. Hoje em dia são inúmeros os que têm uma rotina bem estabelecida neste espaço virtual e experimentam um modo de vida muito dependente de seu suporte. Pesquisadores do mundo inteiro já investigam o tema há tempos. Os numerosos estudos sobre a rede percorrem diversas áreas do saber, a partir de vários pontos de vista. Só o campo de redes sociais online, que bebe em muito da fonte de estudos em comunicação, matemática e ciências sociais, é vasto o suficiente para levar uma pesquisadora iniciante a limites vertiginosos. Há tantas possibilidades de abordagens do tema, tantos potenciais cruzamentos apaixonantes, interessantes e ricos de insight! São inúmeros e imponentes os nomes de peritos célebres na área: Barabási, Latour, Recuero, Pappacharissi, Serrano-Pouchet, André Lemos... A lista é enorme. Crescem os campos temáticos que envolvem cybercultura, linguística digital; avulta a especialização do marketing digital, que ainda inspira algum preconceito nos meios acadêmicos. A internet como meio, a internet como suporte, a internet como cenário, a internet como metáfora e como espelho - são quase infinitos os ângulos e enfoques possíveis. A expansão do meio é extraordinária: estudos apontam que hoje milhões de pessoas estão conectadas através das redes sociais online.

Também o candomblé é hoje objeto de numerosos estudos e de enfoques variados. A bibliografia crescente a seu respeito representa um grande desafio.

A emergência de pautas identitárias afirmativas no Brasil dos anos 2000, com demandas de representatividade e reparação, finalmente começaram a desenhar possibilidades de ganhos de cidadania e viabilizar projetos políticos de muita gente marginalizada, abrindo campo a novas perspectivas. Somou-se a isto a melhoria de vida de uma parcela significativa da população que antes sequer podia sonhar com o acesso a alguns bens de consumo e muito menos encontrava meios de se fazer ouvir. O barateamento da tecnologia comunicacional permitiu pôr em evidência discursos e pautas antes só enunciados através da mediação de cientistas, jornalistas, romancistas que, embora emergissem dos grupos sobre os quais versavam, contavam uma história que não era a sua própria, ou pelo menos as transmitiam como se fosse alheia. Fazê-lo na base da auto-referência não era aceito, ou encorajado, ou admitido.

De fato, sabemos que não há discurso livre. Como bem disse Foucault, o discurso tem sua própria ordem e seu próprio regime normativo interno. O meio através do qual o discurso

se transmite também tem suas regras específicas, como demonstrarei mais adiante. Apesar da visão romantizada que se difunde a respeito da internet, segundo a qual ela seria um espaço livre, franqueado a todos, não é exatamente assim que as coisas acontecem.

3. AS APARENTES CONTRADIÇÕES DA PRESENÇA VIRTUAL DA CASA DE OXUMARÊ.

3.1 CONCEITOS E GAMBIARRAS: CULTURA, CULTURAL, IDENTIDADE

A pesquisa de mestrado que ora concluo pretendeu lançar um olhar interdisciplinar sobre a projeção discursiva da identidade cultural coletiva do terreiro de candomblé Casa de Oxumarê em sua página no Facebook entre 2011 e 2016. O que esta comunidade escolhe dizer de si? Que elementos identitários elege em seu discurso? A que causas e grupos se dedica ou afilia? Com que causas e grupos se identifica? Quem pretende representar? Que critérios e dinâmicas emprega na escolha e aprovação de temas e narrativas?

O *ethos* discursivo deste grupo étnico-religioso na rede social Facebook efetivamente implica diversos elementos culturais, com traços de pertença e filiação por espelhamento ou afinidade, que pretendo identificar e comentar a partir de uma abordagem interdisciplinar, usando sobretudo conceitos da análise do discurso (AD) de Dominique Maingueneau.

Procuro assim apoio em teorias norteadoras que têm em comum a atribuição aos fenômenos que pretendem definir (ou problematizar) algumas características-chave: dinamismo, dialogismo, permeabilidade, adaptabilidade, elemento cultural em foco, elemento discursivo em foco, dimensão processual, realização como lugar/cenário/campo disparador, renovador e indispensável à sua configuração.

Frow & Morris fazem várias observações interessantes para a abordagem das questões levantadas no presente estudo, num texto que pretende traçar os contornos históricos dos Estudos Culturais a partir de um breve apanhado sobre o estado da arte e tendências epistemológicas evidenciadas em produções no campo.

O caráter in(ter)disciplinar dos Estudos Culturais tem consequências fenomenológicas e metodológicas: as pesquisas desenvolvidas em seu âmbito tendem a imaginar “seu objeto como relacional”¹; aceitam sua parcialidade e não têm pretensão de esgotar todos os ângulos

¹ FROW, John; MORRIS, Meghan, Estudos Culturais, in: DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs.), **O Planejamento Da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens**, 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 432.

possíveis de análise (“há sempre mais coisas acontecendo do que é possível perceber a partir de uma determinada situação no campo”, *idem*, op. cit. p. 319). Os temas abordados são frequentemente derivados de pautas de movimentos políticos e sociais (p.332) e sua preocupação é “com a constituição e com o funcionamento dos sistemas de relações, e não com os domínios formados por elas” (p.330).

Frow & Morris perguntam-se se os estudos culturais, finalmente, fazem uso do conceito de cultura aplicado às relações no plano Estado-nação ou nos níveis de gênero, etnicidade, coletividade etc. E respondem: “A resposta é que ele pode operar em cada um desses níveis, e que estes não se encaixam perfeitamente entre si” (Frow & Morris, p. 317).

Ora, se os estudos culturais são interdisciplinares, impuros e sombreados, e como tal precisam lançar mão do uso adaptado de metodologias e conceitos de diferentes disciplinas, não seria possível propor novas formas de entendimentos de termos forjados nos próprios estudos culturais, porém no nível Estado-nação / transnacional, para uma pesquisa em etnicidade e identidade?

Subjetividade, cultura e identidade - retalhos para um uso-colcha

A ideia de subjetividade, cultura e identidade como resultantes e agentes dinâmicos de processos e trocas admite criatividade, inovação e reescrita dos mesmos. Autores como Stuart Hall, Néstor Garcia Canclini, Arjun Appadurai, Homi Bhabha desenharam alguns de seus conceitos partindo deste entendimento. Passo a expô-los, brevemente, a fim de evidenciar elementos que, ao final deste texto, proporei adaptar e associar para a elaboração de possíveis ferramentas de leitura de projeção de identidade.

Glissant: relações e narrativas

Em seu livro *Introdução a uma poética da diversidade*, Édouard Glissant propõe um entendimento dinâmico e relacional de identidade em oposição a uma leitura essencialista do termo (e, por extensão, de fenômenos correlatos, como identidade e subjetividade), adaptando os conceitos de rizoma de Deleuze e Guattari:

O que eu digo é que a noção de ser e de absoluto do ser está associada à noção de identidade “raiz única”, e à exclusividade da identidade, e que se concebermos uma identidade rizoma, isto é, raiz, mas que vá ao encontro das outras raízes, então o que se torna importante, não é tanto um pretenso absoluto de cada raiz, mas o modo, a maneira como ela entra em contato

com outras raízes: a Relação. Uma poética da Relação me parece mais evidente e mais “enraizante” no momento do que uma política do ser.²

Entrelaça-se este conceito a outros importantíssimos: culturas atávicas, culturas compósitas e criouliização. Glissant entende por criouliização o processo resultante e o imprevisível resultado das relações entre culturas diversas, gerando um novo texto de cultura, que já não é mais nem um nem outro, nem a soma simples nem a mera subtração dos termos, mas carrega em si memórias, rastros e vestígios que interagem na constante elaboração da trama de um novo tecido. Imagino que esse tecido esteja mais para um metro de pele que um metro de linho...

Glissant julga que o termo criouliização seja o ideal para descrever o estado da configuração atual do mundo, no fim do século XX,

[...] na qual “uma totalidade terra”, “enfim realizada” permite que dentro dessa totalidade (onde não existe mais nenhuma autoridade orgânica e tudo é arquipélago) os elementos culturais talvez mais distantes e mais heterogêneos uns aos outros possam ser colocados em relação. (. 26-27)

Maravilha-me que em 1995, mais de dez anos antes da revolução dos fluxos de comunicação proporcionada pela abrangência e acessibilidade das redes sociais no mundo informatizado, Glissant tenha detectado uma mudança de paradigma essencial para o estudo das dinâmicas de elaboração de narrativas de identidade na segunda década do século XXI:

A questão do ser não se apresenta mais a partir da visão dessa solidão vantajosa à qual havia se reduzido o pensamento do universal. O universal transformou-se em diversidade, e esta o desordena. O que significa que a questão do ser, por si só, não justifica mais a legitimidade, desviada que é pelos assaltos das diversidades concorrentes do nosso mundo. Em outras palavras, o que dita as “regras” não é mais o antigo direito universal, mas o acúmulo das relações. [...] O que emerge, sob o espetáculo das hegemonias, é, sem sombra de dúvidas, a fratura do universal generalizante e, a priori, a surpresa do *sendo*, do surgimento do existente em contraposição à permanência do ser. Tudo isso se sustenta, na minha opinião, no que chamo de pensamento do rastro/resíduo. O rastro/resíduo supõe e traz em si a divagação do existente, e não o pensamento do ser. (GLISSANT, p. 82)

O pensamento de rastro/resíduo é, para o autor, uma reação dinamizante a tendências essencialistas de fixidez da identidade na estrada da História. Não pretende contribuir, diz ele, para “completar a totalidade”, senão para nos dar dimensão do indizível aí existente, substantivo a verbo. Este pensamento rejeita a fixidez, subverte-se para renovar-se, é um

² GLISSANT, Édouard, **Introdução a uma Poética da Diversidade**, Juiz de Fora: UFJF, 2005.

processo dinâmico: “uma maneira opaca de aprender o galho e o vento, ser um si que deriva para o outro, a areia na verdadeira desordem”.

Glissant chama de culturas atávicas, termo que reconhece geral e generalizante, as culturas que sofreram processo de criouliização há muito tempo e que podem (ingenuamente) ser lidas como apaziguadas. Um exemplo seria a cultura dos ameríndios do México. Propõe ele que o modelo de elaboração de narrativa identitária dessas culturas, com noção identidade raiz, excludente da figura do outro, partiria de um mito fundador que legitima o direito ao território através da associação por narrativa de “Gênese, a uma criação do mundo, através de uma filiação legítima” e, no processo histórico, se desdobraria em mitos de elucidação, de explicação, “contos e narrativas que prefiguram a história” (p.75), romances, poemas e textos de reflexão. Denomina culturas compósitas aquelas “cuja criouliização se dá praticamente sob os nossos olhos” (p.27). Seria o caso, no exemplo de Glissant, da cultura geral mexicana atual (p.72). Para essas culturas, alega, o mito fundador não funciona senão como referência. Elas elaborariam sua narrativa de identidade a partir do conto, que “já é uma prática do desvio” da “propensão a associar-se a uma Gênese”, da “inflexibilidade da filiação” e da “sombra projetada das legitimidades fundadoras” (p.76). Essas culturas estariam associadas a identidades rizoma e seu texto de identidade realizado “em torno das tramas da Relação que compreende o outro como inferência” (ibidem).

Nota ainda que há uma tendência de que as culturas compósitas se tornem atávicas, buscando legitimar-se pela chave da raiz única, elaborando mitos fundadores que lhes possam outorgar autenticidade e singularidade, numa dinâmica de identidade por diferença. Já as atávicas, nas quais as identidades se forjariam “em torno do eixo da filiação e da legitimidade, tenderiam a se criouliizar, questionando justamente “o estatuto da identidade como raiz única”. (GLISSANT, p.27, p.75)

Hall e a centralidade da cultura

Em seu texto “A Centralidade da Cultura”, Stuart Hall observa que há no século XX uma mudança de paradigma resultante de uma virada cultural, promovida sobretudo por avanços tecnológicos e comunicacionais (inclusive de contato de mercados), que coloca ao mesmo tempo a cultura no centro discussões epistemológicas e salienta a dimensão cultural das relações sociais. Ele atribui um papel central à cultura no tecido social, e salienta sua intensa relação com o discurso, especialmente no que diz respeito à constituição de um texto

identitário, e a importância desse traço nas interações intensificadas e complexificadas pelos adventos tecnológicos (e) comunicacionais que já se observam.

Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. Isto, de todo modo, é o que significa dizer que devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas. Elas são o resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles). Nossas chamadas subjetividades são, então, produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico³.

Bhabha e o entre-lugar

Em 1994, Homi Bhabha escreve “O Local da Cultura”, no qual propõe sua definição do termo *entre-lugar*. Para ele,

[...] encontramos-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença, identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão.[...]. O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses "entre-lugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. [...]

De que modo se formam sujeitos nos "entre-lugares" nos excedentes da soma das "partes" da diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero etc.)? De que modo chegam a ser formuladas estratégias de representação ou aquisição de poder [empowerment] no interior das pretensões concorrentes de comunidades em que, apesar de histórias comuns de privação e discriminação, o intercâmbio de valores, significados e prioridades pode nem sempre ser colaborativo e dialógico, podendo ser profundamente antagônico, conflituoso e até incomensurável?⁴

Appadurai - paisagens e adjetivação da cultura

Em 1996, Arjun Appadurai propõe um “esquema elementar” para observar as disjunturas do mundo globalizado, que já não se deixam examinar simplesmente pela chave centro-periferia. Ele deveria ser aplicado para

³ HALL, Stuart, A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nossos tempos., **Educação e Realidade**, v. 22, n. 2, p. 15–46, 1997.

⁴ BHABHA, Homi, **O local da cultura**, Belo Horizonte: EDUFMG, 1998.

[...] ver a relação entre cinco dimensões de fluxos culturais globais a que podemos chamar (a) etnopaisagens, (b) mediapaisagens, (c) tecnopaisagens, (d) financiopaisagens e (e) ideopaisagens. Paisagem como sufixo permite-nos apontar a forma fluida, irregular destes horizontes [...]. Estes termos com *paisagem* como sufixo comum indicam também que estas não são relações objetivamente dadas que parecem o mesmo de todos os ângulos de visão, são construções profundamente perspectivadas, infletidas pela localização histórica, linguística e política de diferentes tipos de actores: Estados-nações, empresas multinacionais, comunidades da diáspora, bem como grupos e movimentos subnacionais (sejam religiosos, políticos ou económicos); e mesmo de grupos íntimos e próximos, como aldeias, bairros e famílias. Com efeito, o indivíduo actuante é o último *locus* deste conjunto perspectivado de paisagens, pois estas acabam por ser percorridas por agentes que vivem e constituem formações maiores, em parte à custa do seu próprio sentido do que essas paisagens oferecem”⁵

Propondo combater, também ele, um entendimento fixo e essencialista da cultura, propõe que o termo seja adjetivado, para que possa assim evidenciar o seu carácter relacional, relativo, e dinâmico. Em defesa do *cultural*, afirma que

[..] não vale a pena encarar a cultura como substância, é melhor encará-la como uma dimensão dos fenómenos, uma dimensão que releva da diferença situada e concretizada. Salientar este dimensionamento da cultura em vez da sua substancialidade permite-nos pensar a cultura não tanto como propriedade de indivíduos e grupos, mas como um instrumento heurístico ao nosso alcance para falarmos de diferença.“ (p. 26)

Canclini: chaves de leitura da cultura e uma tentativa de conceito.

Em *Diferentes, desiguais e desconectados*, Nestor Canclini faz um breve apanhado histórico do surgimento, importância e contribuição de tendências teóricas nas ciências sociais a partir das três formas de abordagem que evidencia no título do livro. Quanto à relação entre o cultural e o social, comenta ele:

Nas teorias sociosemióticas, fala-se de uma *imbricação* complexa e intensa entre o *cultural* e o *social*. Dito de outra maneira, todas as práticas sociais contêm uma dimensão cultural, mas nessas práticas sociais nem tudo é cultura. [...] estamos distinguindo cultura e sociedade sem colocar uma barreira que as separe, que as oponha inteiramente. Afirmamos seu entrelaçamento, um vaivém constante entre ambas as dimensões, e só por um artifício metodológico-analítico podemos distinguir o cultural daquilo que não o é.⁶

⁵ APPADURAI, Arjun, **Dimensões Culturais da Globalização**, Lisboa: Teorema, 1996.

⁶ GARCIA CANCLINI, Nestor, **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**, Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.

Sua crítica a esta tendência de abordagem científica é que ela não daria conta das diferenças de cada cultura e(m) suas interações, algo indispensável num mundo globalizado. Canclini chega finalmente a duas definições operacionais de cultura: “Pode-se afirmar que a cultura abarca o *conjunto dos processos sociais de significação*, ou, de um modo mais complexo, a cultura abarca o *conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo de significação na vida social.*” (p. 41).

Mais adiante buscarei mostrar com mais clareza as convergências entre os enfoques que alinhei. Tentarei dizer, então, como pretendo fazer uso desses insumos teóricos.

3.2 O CANDOMBLÉ: DESAFIOS ANTECIPADOS

Como é bem sabido, o candomblé é uma religião brasileira de matriz africana ciosa de seus segredos. É possível conjecturar que a sua economia de comunicação ocorra graças a pelo menos três fatores: (1) o entendimento de que o saber (religioso) precisa ser merecido, deve ser conquistado, e existe a hora certa de saber cada coisa; (2) a circunstância de sua emergência no contexto sócio-histórico de um Brasil escravagista, um contexto onde teve sua existência quase sempre proibida⁷ e coibida, seja através de leis que proscriviam ou limitavam sua prática, seja pela demonização resultante de preconceitos raciais para com seus adeptos; (3) o fato de sua história e conhecimentos serem transmitidos de forma oral, o que, a um só tempo, demanda do enunciador a expectativa atenta marcada pelo esforço de garantir que o coenunciador tenha apreendido a mensagem com coerência satisfatória, e, por fim, limita a abrangência de sua difusão.

O Ilé Òsumàré Árakà Àsè Ógódó, conhecido popularmente como Terreiro de Oxumarê, Casa de Oxumarê ou simplesmente Oxumarê, é um terreiro de candomblé de nação Jeje-Nagô situado em Salvador, Bahia. Trata-se de um terreiro respeitado e reverenciado pelos seus pares, de importância reconhecida por sua atuação em meio ao povo de candomblé. Desta forma, pode parecer surpreendente que, em 2011, esta comunidade representante de uma religião sigilosa, a qual entende que o saber relativo ao sagrado deve ser transmitido segundo a lógica do tempo religioso descrito acima, lance oficialmente sua página (*fanpage*)

⁷ Ainda que sua prática não tivesse sido expressamente proibida nos códigos legais brasileiros, é sabido que os governos e polícias se apoiaram em recursos adjacentes para reprimir de forma seletiva a prática de cultos de religião de matriz africana no Brasil. São alguns exemplos a proibição de cerimônia pública religiosa que não fosse católica do Título 1º, Artigo 5º da Constituição Política do Imperio do Brazil, de 1824, e leis que diziam respeito a atos de charlatanismo, curandeirismo e desrespeito à ordem pública. É apenas em meados do século XX que leis de proteção à liberdade religiosa de forma irrestrita são homologadas, e em 1988 o direito à profissão de fé é expressamente assegurado pela Constituição Federal.

no Facebook. Esta rede social ultrapassara nesse mesmo ano o número de usuários do Orkut, que até então era a plataforma líder do ranking nacional.

O que escolhe dizer de si a Casa de Oxumarê no Facebook? Que elementos identitários eleger em seu discurso? A que causas e grupos se filia? Com que causas e grupos se identifica? Quem pretende representar? São estas algumas das questões que me coloco em minha pesquisa.

A projeção da identidade coletiva no discurso deste grupo étnico-religioso na rede social Facebook naturalmente implica diversos elementos culturais, com traços de pertença e filiação por espelhamento ou afinidade, que pretendo identificar e comentar a partir de uma abordagem interdisciplinar, usando como ponto de partida conceitos da análise do discurso (AD) de Dominique Maingueneau.

Parêntese: envolvimento cotidiano

Faz-se necessário esclarecer para aqueles que não conhecem o candomblé que a estrutura física de um ilê axé é diferente daquela de uma igreja. Um ilê (terreiro, casa) é composto, no mínimo, de: um templo principal (barracão), onde acontecem as cerimônias abertas ao público não iniciado; templos menores dedicados a orixás de devoção de cada casa; clausura para iniciação; uma cozinha ritual que pode ou não ser separada da comunitária; algumas unidades residenciais ocupadas por sacerdotes de alto posto na hierarquia e suas famílias⁸.

O grau de envolvimento com o cotidiano ritual, portanto, varia entre os adeptos. Há os que vivem no espaço do terreiro; os que residem fora do espaço do terreiro, mas que o frequentam muito, ou aí vivem por um período de tempo específico, devido às demandas de seu cargo hierárquico ou do momento ritual, seu ou da casa (iniciação, *obrigações*, períodos litúrgicos); iniciados que residem fora do espaço do terreiro, que por vezes ocupam cargos religiosos em outros axés (onde talvez residam) e voltam à casa onde foram iniciados em ocasiões específicas (festas, preparativos e ritos fechados); não iniciados (chamados simpatizantes), que frequentam as festas e fazem uso de serviços religiosos prestados no espaço do terreiro (jogos de búzio, banhos de folha, *limpeza* etc) sem que deles se espere regularidade ou envolvimento ritual específico. Há ainda os clientes, que procuram os terreiros para serviços espirituais esporádicos, sem para isso terem compromisso formal com a religião.

⁸ Estas são apenas algumas particularidades da configuração do espaço físico do terreiro, que julguei importante mencionar para falar dos diferentes graus de envolvimento com o que chamo de “cultura de terreiro”, para não incorrer em generalizações pretensivas como “cultura negra” ou “cultura afrobrasileira”.

Escolhi, portanto, o termo “vivência de terreiro” para designar a qualificação dos indivíduos que têm mais envolvimento com a dinâmica cotidiana de um templo de candomblé, partindo do pressuposto de que a intensidade de imersão neste espaço onde o código cultural ritual é o dominante possa ter impacto nas estratégias de projeção de identidade coletiva.

Mas até aqueles com vivência de terreiro mais intensa, por mais que possam morar no espaço físico do ilê e aí passarem muitas horas de seu dia, existem também num contexto de sociabilidade para além do terreiro. Frequentam escola, trabalham, interagem com pessoas e instituições que operam de acordo com códigos culturais diferentes do código ritual de suas respectivas casas de axé. Some-se a esse rol a dimensão das redes sociais, que é outra paisagem regida por códigos comunicacionais e culturais específicos, acessível sem deslocamento físico, e começamos a ter uma vaga noção da complexidade de engendramento de códigos culturais diversos no cotidiano desses agentes de discurso.

Afinal, dizer que tais pessoas transitam nessas paisagens e navegam nesses códigos não é, de maneira alguma, afirmar que este trânsito se dê de forma descomplicada, apaziguada, sem suscitar tensões ou dilemas. É justamente o impacto que essas diversas visões de mundo têm na dinâmica e constante produção discursiva de uma identidade coletiva que pretendi estudar em minha pesquisa.

Aparentemente o privilégio de se manifestar em nome da Casa de Oxumarê no Facebook é conferido a pessoas que tenham uma combinação de alto grau de vivência de terreiro (pois o conteúdo deve ser validado e autorizado) e sejam fluentes no uso das redes sociais.

Parêntese: o novo no tradicional

O entendimento do tradicional no candomblé parece ser diferente daquele que temos no vernáculo comum. Cada dia mais tenho a impressão de que quando falamos sobre tradicional entendemos coisas diferentes. Proponho que o *tradicional* do Candomblé se refere mais ao significado do que ao significante.

Em pesquisa interdisciplinar etnobotânica da qual participei no final dos anos 90 / início dos anos 2000, constatou-se que muitas das folhas usadas no candomblé mudaram, enquanto seus nomes mágicos⁹ permaneceram. Ou seja, as plantas em si mudaram, porque

⁹ A própria comunidade de candomblé se utiliza do termo magia/mágico para descrever certas operações simbólicas, como o uso ritual das folhas, o jogo de búzios, as oferendas etc. No contexto da referida pesquisa, o

não ocorriam as espécies africanas no Brasil, por exemplo. Aquelas escolhidas para assumir o seu lugar naturalmente tinham qualidades consideradas essenciais para a operação mágico-litúrgica e portanto herdaram-lhes o nome. Desta forma, a tradição mágica, a fórmula mágica, a lógica mágica, o jogo mágico segue tradicionalmente inalterado... por meio de mudança. Para que essa tradição (significado) se mantivesse, foi preciso uma inovação no significante (a planta)¹⁰.

Quando do surto de dengue, chikungunya e febre amarela em Salvador em 2015/2016, em meio ao combate ao *aedes aegypti*, a Casa de Oxumarê lançou uma campanha em sua página do Facebook para que as *quartinhas* (vasos litúrgicos conservados com água em espaços sagrados) fossem cobertas por um círculo de renda ou crochê, de modo que o mosquito não pudesse pousar na superfície da água e assim colocar seus ovos.

Em 2015, Mãe Stella do Ilê Axé Opô Afonjá anunciou que ofertaria cânticos a Iemanjá ao invés dos tradicionais presentes do 2 de fevereiro. Tata Anselmo, do Mokambo, e outros líderes de terreiros soteropolitanos, inclusive Babá Silvanilton, do Oxumarê, recomendam que os presentes sejam ofertados em recipientes biodegradáveis, que se evite uso de plásticos de vidros etc. Claramente a não poluição, a manutenção do espaço Sagrado do mar, residência da venerada Orixá era um fator que justificava uma inovação importante para que a tradição se pudesse manter... Pois, afinal, sem mar não há Iemanjá, sem natureza não há orixá. Mais uma vez, o significante se altera em prol da manutenção do significado. Nas palavras da própria Mãe Stella:

Quem for consciente e corajoso entenderá que os ritos podem e devem ser adaptados às transformações do planeta e da sociedade. Os ritos se fundamentam nos mitos e nestes estão guardados ensinamentos valorosos. O rito pode ser modificado, a essência dos mitos, jamais!¹¹

Um último exemplo: quando decidiram fazer uma restauração do seu terreiro, as autoridades do Oxumarê procuraram um escritório de arquitetura dos mais avançados de São Paulo e pediram que fosse feito um projeto moderno para guardar sua tradição. O projeto é avançado, propõe a preservação dos lugares de culto mas também reformas que o otimizem; a restauração desejada é muito inovadora.

adjetivo era comumente empregado com o intuito de fazer a distinção entre as (interdependentes e conectadas) propriedades simbólicas, físicas e farmacológicas das plantas.

¹⁰ SERRA, Ordep (Org.), **O mundo das folhas**, Salvador: Universidade Estadual de Feira de Santana, Universidade Federal da Bahia, 2002.

¹¹ AZEVEDO DOS SANTOS, M. S., Presença, sim! Presente, não!, **A Tarde**, 2015.

O ímpar implícito - o não dito

Bhabha, Canclini e Appadurai propõem em suas teorias noções de cultura que as ligam intrinsecamente a processos de instabilidade (porque envolvem troca) e dinâmicas intersticiais. Eles se perguntam: esse “entre” é lacuna ou interseção? Ambos e nenhum? O que é essa força motriz que age nos “entres”? Entrelugares, entretempos - entreoquês? Entrecomos?

Exu é o patrono da comunicação, das trocas. É ele quem opera nas encruzilhadas, entrelugares e interstícios, avesso a paridades, a binômios. É o agente de imparidade e portanto, na lógica da cosmogonia do candomblé, o promotor do movimento, da inovação, da transformação, da dinâmica fundamental na renovação e circulação do princípio mais central do candomblé: o axé.¹²

Na visão de mundo iorubahiana, é preciso sempre que exista um elemento que desestabiliza, portanto move; transforma, portanto mantém vivo - mesmo que ele siga (e às vezes precise seguir, na lógica mágica) inominado. Que fique claro: almeja-se e louva-se sempre o par, mas sabe-se que o ímpar é o oculto indispensável...

No oráculo do candomblé, o jogo de búzios, por exemplo, temos 16 búzios mais um. Ninguém diz que o jogo dos búzios tem dezessete cauris: os babalaôs respondem sempre "dezesseis". Se interpelados com muita insistência, dirão: "dezesseis mais um". Este décimo-sétimo, indispensável, vem a ser justamente Exu.

Ser do mundo e ser discursivo

A análise do discurso de Maingueneau foi também inspirada por teóricos da linguística pragmática, como Ducrot, que distingue o ser do mundo (locutor- λ) do ser resultante de processo intradiscursivo (L). O Locutor- L¹³ segundo a reelaboração de Maingueneau, seria

¹² Um dos mitos da criação do mundo conta que Orixalá, depois de ter feito as coisas e seres perfeitos, aos pares, tirou um cochilo. Prontamente, Exu se pôs a subverter as ordens de tudo. Colocou mulher para cuidar de dinheiro e homem para cuidar de criança. Levou ao mato plantas de cultivo e de lá trouxe plantas selvagens para as hortas; transportou para a selva animais domésticos e colocou bichos do mato nos currais; por fim, quando Oxalá acordou, viu que Exu tentava convencer o Sol e a Lua a trocarem de lugar. O Criador interrompeu esta negociação e empenhou-se na tentativa de consertar os desarranjos de Exu, mas logo desistiu, era impossível. Assim o mundo ficou do jeito como é hoje, "atravessado", e sempre incerto, sujeito a mudanças, transições, desequilíbrios que provocam movimento incessante.

¹³ Faz-se necessário explicar aqui os diferentes empregos dos termos “enunciador” e “locutor” entre a linguística pragmática e a análise do discurso. Uma das inovações da teoria da polifonia de Ducrot é o reconhecimento de vozes discursivas dentro da voz do locutor. Por exemplo, se digo eu, ser do mundo (λ) através destas letras, ser intradiscursivo (L), que “Este chocolate não é tão ruim assim”, é possível localizar diferentes enunciadores dentro de minha fala: um que diz que o chocolate não é ruim, um que diz que o chocolate não é muito bom, um que sugere que ou eu tradicionalmente não gosto de chocolate ou que estou em diálogo com alguém que me

aquele que assume voz e corpo no processo discursivo, o resultado de uma imagem que projeta, da imagem pré-discursiva que o destinatário a ele associa, da imagem pré-discursiva que tem do coenunciador e da imagem que tem que o coenunciador tenha de si.

O *ethos*, portanto, não é resultado de um fenômeno exclusivamente intra nem extradiscursivo, mas antes

[...] uma noção fundamentalmente híbrida (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica. (MAINGUENEAU 2008, p. 17)

Voltarei às particularidades da análise do discurso de Maingueneau e sua aplicação nesta pesquisa em capítulo oportuno. Trouxe este entendimento à luz neste momento com a intenção de expor a filosofia por trás de algumas escolhas de abordagem que faço nesta pesquisa, inclusive a análoga distinção entre a Casa de Oxumarê e a @casadeoxumare nas breves distinções que se seguem.

3.3 A CASA DE OXUMARÊ

As informações sobre a história da Casa de Oxumarê apresentadas nesta seção foram colhidas primariamente de três referências bibliográficas / documentais: páginas de apresentação do site oficial do terreiro¹⁴; o livreto eletrônico *Casa de Osùmarè*¹⁵ disponibilizado no mesmo sítio; o livro *Casa de Oxumarê: os cânticos que encantaram Pierre Verger*¹⁶, resultado de pesquisa coordenada por Ângela Lühning e de coautoria do babalorixá vigente, Silvanilton Encarnação da Mata (Babá Pecê).

Estudos acadêmicos celebrados sobre o candomblé, muitos dos quais também compõem a bibliografia desta dissertação, foram usados como fonte de pesquisa para os textos citados. Não há como negar sua relevância. Entretanto, julguei importante nesta seção privilegiar a versão contada nos textos produzidos declaradamente com alto grau de participação da comunidade do Ilê Axé.

Afinal de contas, o foco desta pesquisa não é o candomblé, a Casa de Oxumarê ou de suas histórias em si, mas como essa memória é registrada e difundida, sua identidade coletiva

havia informado da qualidade do chocolate, e assim por diante. Na análise discursiva de Maingueneau e Chareaudau, no entanto, o termo enunciador é frequentemente usado como sinônimo do Locutor-L de Ducrot, o ser de fala.

¹⁴ CASA DE OXUMARÊ., **Site oficial**, disponível em: <<http://www.casadeoxumare.com.br>>.,

¹⁵ CASA DE OXUMARÊ., **Casa de Osùmarè [Livreto eletrônico]**, disponível em: <http://www.casadeoxumare.com.br/images/livro/livro_oxumare.pdf>.,

¹⁶ LÜHNING, Angela; MATA, Sivanilton Encarnação da, **Casa de Oxumarê: os cânticos que encantaram Pierre Verger**, Salvador: Vento Leste, 2010.

elaborada e conjugada na página no Facebook de um grupo étnico-religioso que é ao mesmo tempo família, templo e comunidade. E embora o material citado não tenha sido gerado tendo em vista sua publicação nesta rede social, carrega em si traços de reelaboração de narrativa: ao contar sua própria história, seus autores/locutores acabam por denunciar que aspectos consideram meritórios de louvor, rechaço, registro e comunicação.

Ora, é a tendência natural de qualquer locutor procurar transmitir a melhor imagem de si possível, de acordo com os próprios parâmetros e em relação a/com a imagem que se faz do coenunciador e a imagem que se imagina que o coenunciador faça de si, antecipando resistências e simpatias, comparações e expectativas.

A disponibilização de um livreto gratuito online que conta a história resumida do terreiro, que ressalta que as principais fontes de informação sobre a história da Casa foram os “registros de memória fornecidos oralmente e os documentos do acervo da Casa de Oxumarê”¹⁷ transparecem a um só tempo um desejo de valorização da sabedoria acumulada e organizada pela comunidade, reconhecimento de protagonismo e qualificação/autorização/distinção do narrador (“essa é a nossa história contada por nós”), importância dada ao registro (manutenção, conservação) de saber e compartilhamento.

O livreto não tem marca de autoria explícita, mas podemos inferir que não foi escrito pelas pessoas que figuram na seção “agradecimentos”: ele não foi escrito pelo Babá Pecê, autoridade máxima da Casa; não foi escrito pelos antropólogos Ordep Serra ou Jaime Sodré, nem pelo etnomusicólogo Xavier Vatin; não foi escrito coletivamente pela “equipe de pesquisadores da Casa de Osùmarè”. A ausência do nome de um autor e do ano de publicação seria mesmo apenas um descuido de edição? Ou poderia ser lida como expressão de um sentimento de identidade coletiva e continuum histórico narrativos?

A escolha das passagens históricas relatadas e a maneira como são contadas evidenciam um desejo de associação contínua da imagem da Casa com atributos como iniciativa, articulação, competência, compromisso com a responsabilidade de transmissão de um precioso legado, compromisso com a atenção à comunidade, perseverança, protagonismo e superação, papel de mediador na relação/relacionamento com a “África” e com a “sociedade brasileira”. É nitidamente importante deixar claro que a história que se conta no livreto é apenas um resumo:

Seriam necessários inúmeros livros para registrar e narrar o histórico de lutas, resistência e fé dos africanos e seus descendentes, que contaram com a força atuante dos Òrisà para preservar e transmitir o inestimável

¹⁷ CASA DE OXUMARÊ., *Casa de Osùmarè [Livreto eletrônico]*.

legado cultural e religioso que identifica e fortalece filhos de santo em todo o Brasil. (p.5)

Além disso, o tom da narrativa é encantador. Exalta abertamente qualidades de caráter de ancestrais e da casa, ressalta a importância dos desígnios dos orixás manifestos em revelações divinatórias por meio de jogo de búzio e incorporação, como apontamento de sucessores e até mesmo intervenção num episódio de batida policial.

Passo agora a um pequeno relato comentado sobre como a Casa de Oxumarê conta sua história. O Ilê Oxumarê Araká Axé Ogodô, conhecido popularmente como Ilê Oxumarê ou Casa de Oxumarê, opta frequentemente pela grafia em iorubá de seu nome - Ilê Òsùmàrè Aràkà Àsè Ògòdó. Situa-se no “panteão das casas matrizes responsáveis pela construção da religiosidade afro-brasileira”, ressaltando a indissociabilidade de sua história da do próprio candomblé, invocando a um só tempo uma autorização e responsabilidade auferidos por este lastro histórico (e encantado) de representação de uma herança cultural: “Guardiã e detentora de uma tradição milenar, a Casa perpetua o legado ancestral do culto aos Òrìsà, lançando as sementes do que hoje representa o candomblé para o país e o mundo” (idem, *ibidem*).

Conta que o fundador da Casa, Tàlàbí, nascido na região de Kpeyin Vedji na atual Nigéria, conhecida pelo culto a Sàkpàta (Ajúnsún) teria chegado ao Brasil na condição de escravizado aos 10 anos de idade, em 1795. Graças à sua sabedoria religiosa e habilidade medicinal, que lhe rendera fama à época, consegue curar seu proprietário de uma doença misteriosa. Agradecido, o influente comerciante Manoel José Ricardo permite que Tàlàbí passe a viver como liberto. Passa então a mercar gêneros e cultiva laços comerciais com o recôncavo baiano.

É nesta época que “estabelece importante vínculo com outro africano liberto, Belchior Rodrigues Moura, do grupo etnolinguístico Ewe-Fòn, povos que originalmente pertencem à nação Jeje”¹⁸, com quem, por volta de 1820, ajuda a fundar¹⁹ ou passara a participar (LÜHNING 2010, P.32) do culto realizado no Calundu do Obitedô, em Cachoeira. Em 1830 se estabelece como comerciante no Mercado de Santa Bárbara em Salvador, fazendo frequentes viagens à África para adquirir mercadorias de uso religioso no culto aos orixás e “renovava seus conhecimentos e valores da cultura africana, trazendo elementos e sacerdotes para enriquecer o culto às divindades na Bahia” (CASA [2014], p.9).

Preparei um quadro histórico de marcos importantes para a história da Casa de Oxumarê elaborado a partir de informações listadas no livreto eletrônico, que anexo a esta

¹⁸ *Ibid.*

¹⁹ CASA DE OXUMARÊ. Site oficial. Disponível em: <<http://www.casadeoxumare.com.br>>

dissertação. As poucas entradas que adicionei, que não são mencionadas na referida fonte, estão devidamente sinalizadas.

Segundo informação divulgada no livreto eletrônico, a Casa de Oxumarê agregaria cerca de 50 mil pessoas em sua família de axé, “entre filhos, netos e bisnetos.”, e teria mais de mil casas descendentes (CASA [2014], p.59).

Os marcos digitais não constam das fontes utilizadas neste capítulo, mas é importante mencioná-los para efeito de minha pesquisa. Em 2011, a Casa de Oxumarê lança site oficial, blog, página no Facebook e perfil no Twitter e, em 2015, um perfil no Instagram. Uma das seções incorporadas ao site oficial, com link permanente na página do terreiro no Facebook, é o cadastro religioso. Em postagem de 2012²⁰, explica que

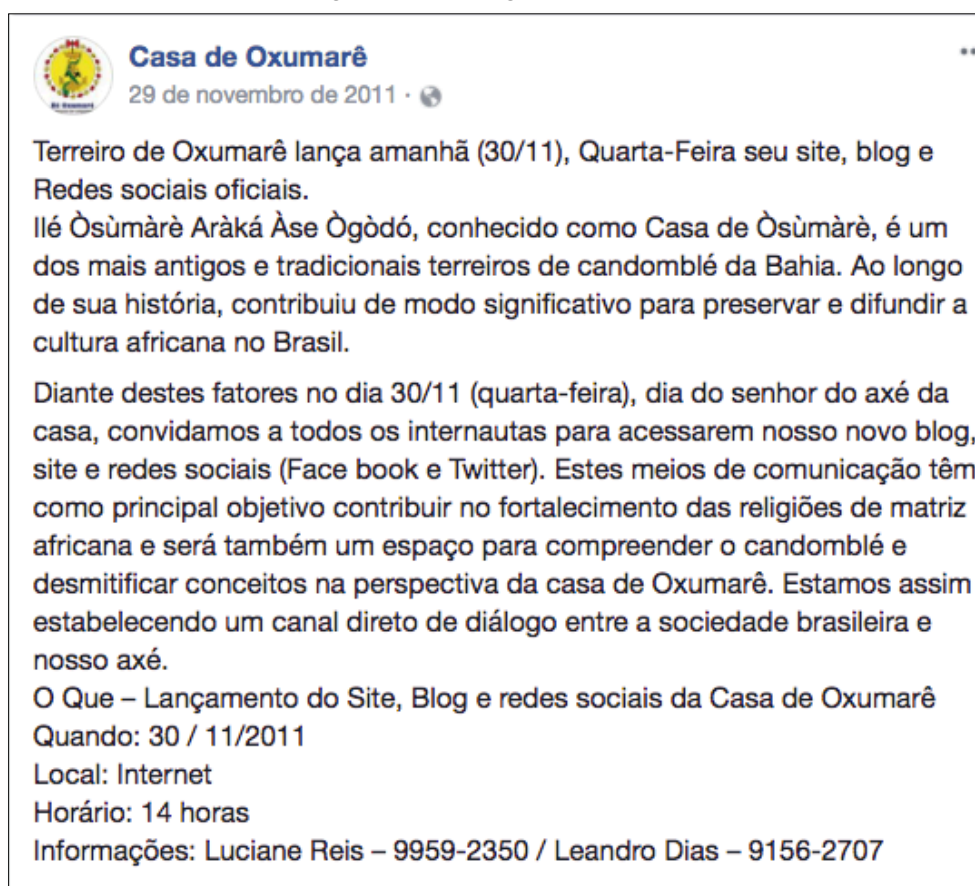
A partir deste cadastro será criado um banco de dados que contribuirá para ampliar a divulgação de nossas campanhas, projetos, eventos e celebrações aos òrisà. Com esta iniciativa, o Ilé Òsumàrè estabelecerá um canal de comunicação direta com os povos de santo das mais diversas nações. Ao mesmo tempo estamos mapeando as Casas descendentes e fazendo um levantamento numérico de nossa família.

O slogan que figura em seu avatar do Facebook resume elementos centrais da imagem coletiva que ancora na narrativa de sua história e declaradamente procura projetar: Tradição Ancestral com Compromisso Social.

²⁰ CASA DE OXUMARÊ, [Você que é filho, neto], **Facebook: casadeoxumare**, v. 318788448144400, n. 2, 2012.

3.4 A @CASADEOXUMARE

Figura 1 Postagem 298504916839420



Fonte: Fanpage da Casa de Oxumarê no Facebook. Captura: 11/06/2019

Com o objetivo declarado de dar continuidade ao histórico engajamento da Casa no trabalho de preservação e difusão “da cultura africana no Brasil” e estabelecer “um canal direto de diálogo entre a sociedade brasileira e nosso axé”, no final de novembro de 2011 foi anunciado o lançamento dos pilares da presença do Terreiro de Oxumarê no mundo virtual. Nasce assim, oficialmente, a @casadeoxumare.

Por questões metodológicas opto por distinguir entre as diferentes dimensões de presença da Casa de Oxumarê. A análise do discurso adota uma distinção - usual na pragmática linguística - entre os diferentes locutores / enunciadores: distingue-os conforme a função por eles desempenhada na dinâmica comunicacional discursiva.

Entre a primeira publicação, efetuada em 1.11.2011, e a data limite do escopo desta pesquisa, a saber, 26.12.2016, a fanpage da Casa de Oxumarê no Facebook fez 2.657 postagens, entre divulgação de eventos, compartilhamento de links, divulgação de material

audiovisual, conclamações à adesão a campanhas formais ou informais, notas e informes das mais variadas naturezas, explicações sobre costumes, tradições e posicionamentos “da perspectiva da Casa de Oxumarê”, congratulações e desejos de bom dia/boa semana.

Trata-se em sua maioria de postagens de autoria da própria @casadeoxumare. Por vezes, a depender do teor e tom da mensagem, chega a ser assinada em nome do Ilê Axé, de seu sacerdote máximo ou de outro locutor socialmente autorizado, reiterando a legitimação do signatário.

Discorrerei sobre esta e outras questões em capítulo posterior. Por ora se faz necessário salientar de que forma a Casa de Oxumarê se destaca de outros terreiros de candomblé de prestígio equivalente em sua investida nas redes sociais.

Ao se inscrever na plataforma social Facebook, o usuário tem a opção de criar um perfil ou uma página. Os campos de definição identitária são: nome, data de nascimento, formação, local de nascimento, local de residência, vínculo empregatício e histórico de carreira. O perfil é pensado para um indivíduo na sua representação não profissional, embora sua atuação profissional seja assinalável e agrupamentos por local de trabalho sejam possíveis e até sugeridos pela plataforma. Do ponto de vista interacional, a modalidade de conexão interpessoal é chamada “amigo”: para que uma pessoa possa seguir outra no Facebook a nível perfil, é preciso que uma solicite amizade e a outra aprove.

Seguir outra pessoa se traduz, na prática, pela figuração de postagens daquele que se segue no *feed de notícias* do usuário, funcionalidade dinâmica da plataforma. A frequência da distribuição das postagens de amigos é regulada por algoritmos do Facebook, baseado nas preferências do leitor inferidas a partir de interesses declarados, páginas curtidas e/ou seguidas, publicações curtidas ou compartilhadas pelo próprio perfil ou por *amigos* com interesses afins (identificados, por sua vez, através de algoritmos que mapeiam as preferências e engajamento desses usuários). Houve nos últimos anos o desenvolvimento de uma nova funcionalidade: o Facebook agora sugere também eventos e páginas baseado no tipo de engajamento que pessoas de sua rede tiveram com os mesmos.

Ainda na dimensão perfil, é possível tipificar o tipo de relacionamento que se tem com as pessoas: parente, amigo, colega de trabalho etc. As postagens privadas (de perfil) podem ser controladas quanto à audiência autorizada: amigos (disponível apenas para pessoas cujo vínculo com o usuário foi confirmado por ambas as partes através de aprovação), amigos exceto amigos específicos, amigos e amigos de amigos, público (disponível para toda a comunidade do Facebook e indexável em ferramentas de busca como o Google).

Ao publicar como perfil, no entanto, algumas limitações se configuram. O limite de amigos é de 5.000 por perfil, não é possível *impulsionar* postagens (anúncios pagos com critérios de público e frequência customizáveis), mandar mensagens em massa pela funcionalidade *messenger*.

O usuário de perfil pode escolher curtir uma página ou apenas segui-la. Enquanto curtir é considerado uma forma de engajamento que conota aprovação, *seguir* representa uma opção de relacionamento assimétrico, implementada para perfis em 2011, para páginas em 2012, que possibilita ao usuário receber informações divulgadas por uma página em seu *feed de notícias* (subscrever a conteúdo) sem declarar implícita ou explicitamente a adesão aos valores e ideias que a mesma representa e difunde. É possível ainda determinar como se quer ser avisado das atualizações publicadas por um amigo específico ou grupo de amigos, ou página: receber um aviso na funcionalidade “notificações”, ou que o conteúdo escolhido apareça sempre no topo do feed de notícias.

Ao se registrar como página, o Facebook pede que o usuário especifique a natureza do que será representado: “negócio local ou lugar”, “empresa, organização ou instituição”, “marca ou produto”, “artista, banda ou figura pública”, “entretenimento”, “causa ou comunidade”. Segundo tutorial do próprio Facebook, a opção pelas diferentes categorias da modalidade página reflete na disponibilidade de preenchimento de campos como “endereço”, “mapa”, “horário de funcionamento” e a funcionalidade “check-in”²¹.

Enquanto um perfil só pode ser operado por um usuário (um e-mail de *log-in* e senha), a estrutura de uma página permite que pessoas autorizadas por um administrador tenham diversas funções ligadas ao gerenciamento de conteúdo. São elas: administrador, editor, moderador, anunciante, analista e colaborador ao vivo. Administradores e editores podem publicar, comentar e enviar mensagens através do *messenger* em nome da página²².

Como mencionado, é possível optar por curtir ou seguir uma página. O número de optantes por cada modalidade é visível na fanpage para qualquer usuário do Facebook, ao contrário do que acontece para perfis, onde só é informado o número de amigos. Fóruns de ajuda do Facebook informam que há diferença qualitativa entre o número de curtidas e número de seguidores, mas não fica claro de que forma se dá a interseção dos dados. Para

²¹ **Quais recursos estão disponíveis com base na categoria da minha Página? | Central de ajuda do Facebook**, disponível em: <https://www.facebook.com/help/918592541485077?helpref=faq_content>, acesso em: 8 jun. 2019.

²² **Funções da Página | Central de ajuda do Facebook**, disponível em: <https://www.facebook.com/help/1206330326045914/?helpref=hc_fnav>, acesso em: 8 jun. 2019.

efeitos de comparação, levaremos em conta o número de curtidas de cada página, que é o dado que a própria plataforma conta para a medição de sucesso de alcance de publicações.

As opções de customização de modos de interação se multiplicam. Este tipo de módulo é pensado para empresas, marcas ou representações profissionais e comerciais de indivíduos. É possível, por exemplo, através do impulsionamento de postagens e criação de anúncios, definir o perfil de público que se pretende atingir baseado em dados sociais tais como idade, localização, interesses e afinidades e até mesmo especificar a forma preferida de acesso do leitor (ou cliente, como “Facebook para empresas” costuma chamar) à plataforma: smartphone, tablet ou desktop.

As postagens impulsionadas possibilitam ao administrador gerar relatórios mais bem detalhados sobre a interação do público-alvo com o conteúdo promovido. Terminada uma “campanha”, o administrador pode promover uma segunda direcionada especificamente às pessoas que reagiram positivamente à primeira, e ou gerar um público alvo que se assemelhe às características demográficas e de comportamento virtual da primeira audiência.

Os parâmetros de medição de sucesso do Facebook advêm de uma lógica de marketing e propaganda: visualização de conteúdo, engajamento e fidelização. Estes serão abordados com mais profundidade em capítulo posterior. Por ora, para efeito de comparação com o grau de dedicação e desempenho da página da Casa de Oxumarê com páginas e perfis de outros terreiros de candomblé de prestígio equivalente, observaremos dois fatores - número de curtidas (páginas) e amigos (perfis) e frequência de geração de conteúdo (postagens, inclusive compartilhamentos).

Os dados a seguir foram todos levantados no mesmo dia, com a ajuda da ferramenta online gratuita Likealyzer, que calcula a média de postagens (dentre outros dados) de qualquer página pública do Facebook. Os terreiros Zoogodô Bogum Malê Rundó, Terreiro do Bate Folha²³ e Terreiro do Cobre não tinham fanpage, comunidade ou perfil no Facebook facilmente identificáveis em 01/06/2019.

²³ Para Bogum e Bate Folha, encontramos páginas não-oficiais (arrolados como *lugares*), segundo explicação da própria plataforma, como decorrência da marcação de localização de usuários do Facebook (funcionalidade “Check in”). Confirmado em 08/06/19.

Tabela 1 Casas matrizes no Facebook, 2017

Terreiro	Codinome Virtual	Categoria	Tipo	Curtidas / Amigos	Média diária de postagens*
Ilê Oxumarê Araká Axé Ogodô	Casa de Oxumarê	Organização religiosa	fanpage	501.000	1,5
Ilê Axé Opô Afonjá	Ilê Axé Opô Afonjá	Organização religiosa	fanpage	17.173	39 em 2017
Ilê Axé Iyá Nassô Oká (Casa Branca)	Casa Branca	Organização religiosa / centro religioso	fanpage	9.089	última: 2012
Ilê Axé Iyá Nassô Oká (Casa Branca)	Iyá Nassô Oká	n/a	perfil	4.991	46 em 2017
Ilê Maroialaji - Alaketu	Ilê Maroialaji - Alaketu	Comunidade	fanpage	1.907	0,2
Zogbodo Malê Bogun Seja Hunde	Roça do Ventura	Organização religiosa	fanpage	1.352	0,2
Tumba Junçara	Terreiro Afro-Brasileiro Angola Tumba Jussara Tata D'Inkisse Ala-omi	Comunidade	fanpage	795	3 em 2017
Vodun Zo Xwe	Vodun Zo Xwe	Organização religiosa	fanpage	313	8 em 2017
Tumba Junçara	Ndanji Tumba Junçara	Comunidade	fanpage	288	2 em 2017
Ilê Odô Ogê (Pilão de Prata)	Terreiro Pilão de Prata	Organização sem fins lucrativos	fanpage	272	9 em 2017
Ilê Axé Iá Omin Iamassê	Ilê Asé Gantois	n/a	perfil	4	23 em 2017
Vodun Zo Xwe	Vodun Zo Xwe	n/a	perfil	114	29 em 2017

* = Medido por Likealyzer²⁴. Quando a média foi menor que 0,2, contagem manual de postagens.

Coleta de dados: 1/1/2018

²⁴ A ferramenta de desempenho de páginas em rede social Likealyzer é desenvolvida pela Meltwater News US Inc e pode ser utilizada online em <https://likealyzer.com/>

Tabela 2 Casas matrizes no Facebook, 2018

Terreiro	Codiname Virtual	Categoria	Tipo	Curtidas / Amigos	Média diária de postagens*
Ilê Oxumarê Araká Axé Ogodô	Casa de Oxumarê	Organização religiosa	fanpage	509.094	1,2
Ilê Axé Opô Afonjá	Ilê Axé Opô Afonjá	Organização religiosa	fanpage	23.119	45 em 2018
Ilê Axé Iyá Nassô Oká (Casa Branca)	Casa Branca	Organização religiosa / centro religioso	fanpage	9.258	0 em 2018
Ilê Axé Iyá Nassô Oká (Casa Branca)	Iyá Nassô Oká	n/a	perfil	4.925	42 em 2018
Ilê Maroialaji - Alaketu	Ilê Maroialaji - Alaketu	Comunidade	fanpage	2.245	0,2
Zogbodo Malè Bogun Seja Hunde	Roça do Ventura	Organização religiosa	fanpage	5.422	0,1
Tumba Junçara	Terreiro Afro-Brasileiro Angola Tumba Jussara Tata D'Inkisse Ala-omi	Comunidade	fanpage	955	0,4
Vodun Zo Xwe	Vodun Zo Xwe	Organização religiosa	fanpage	405	0 em 2018
Tumba Junçara	Ndanji Tumba Junçara	Comunidade	fanpage	293	5 em 2018
Tumba Junsara	Terreiro Tumba Junsara	Comunidade	fanpage	2.233	0,1
Ilê Odô Ogê (Pilão de Prata)	Terreiro Pilão de Prata	Organização sem fins lucrativos	fanpage	766	0 em 2018
Ilê Axé Iá Omin Iamassê	Ilê Asé Gantois	n/a	perfil	4	18 em 2018
Vodun Zo Xwe	Vodun Zo Xwe	n/a	perfil	3.592	12 em 2018

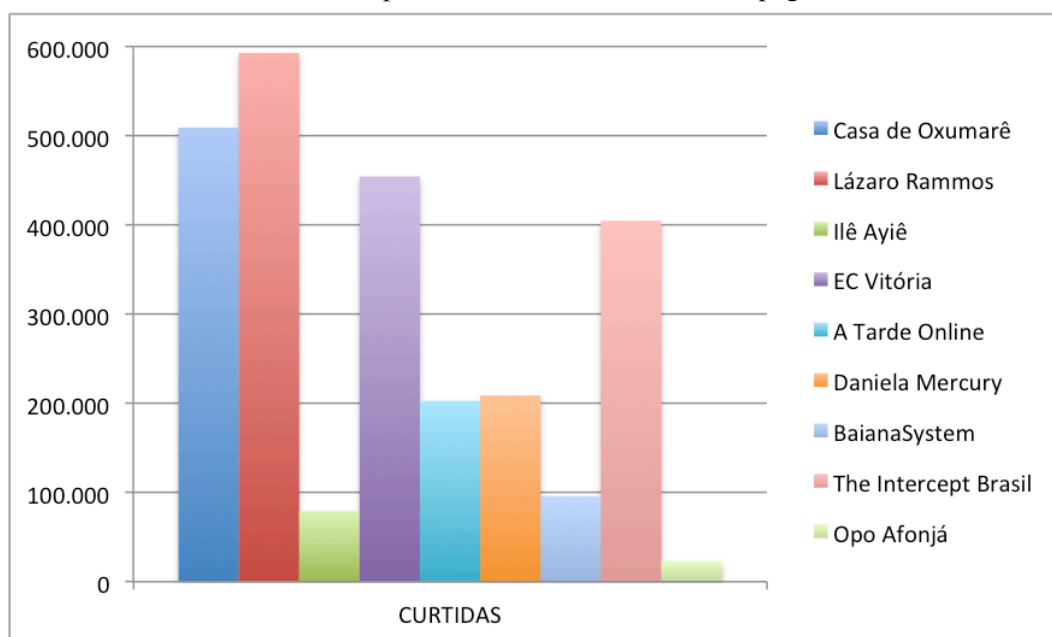
* = Medido por Likealyzer²⁵. Quando a média foi menor que 0,2, contagem manual de postagens.

Coleta de dados: 1/6/2019

²⁵ A ferramenta de desempenho de páginas em rede social Likealyzer é desenvolvida pela Meltwater News US Inc e pode ser utilizada online em <https://likealyzer.com/>

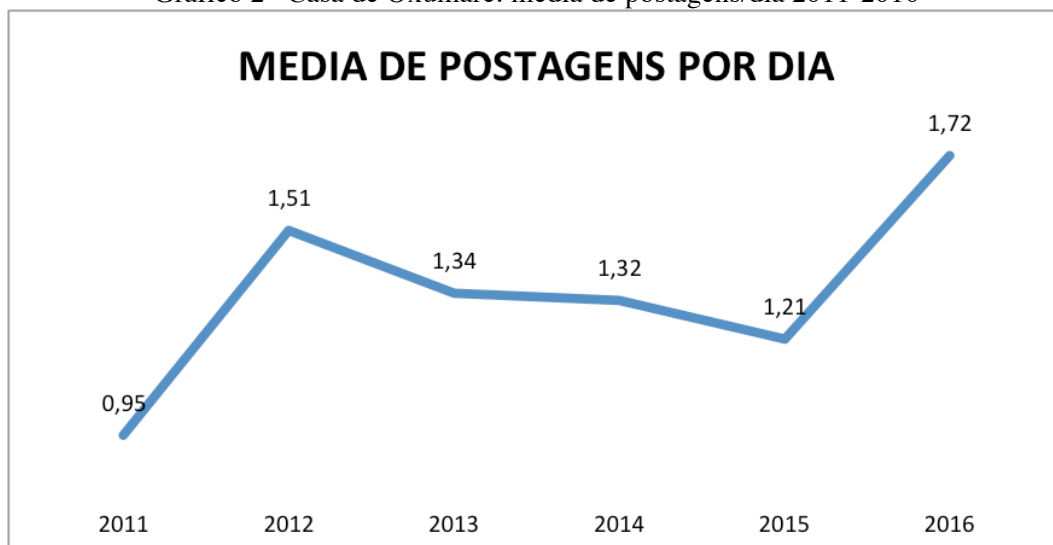
A partir dos dados esquematizados na tabela anterior podemos verificar que tanto a quantidade de curtidas/amigos como a frequência de publicação de conteúdo na Fanpage da Casa de Oxumarê, no Facebook, supera em muito as de outros terreiros de destaque. Esta é uma convincente pista de que seu projeto de comunicação em meio virtual é privilegiado, complexo e planejado. Também em comparação com outras páginas, seu desempenho é surpreendente.

Gráfico 1 Comparativo de curtidas com outras páginas



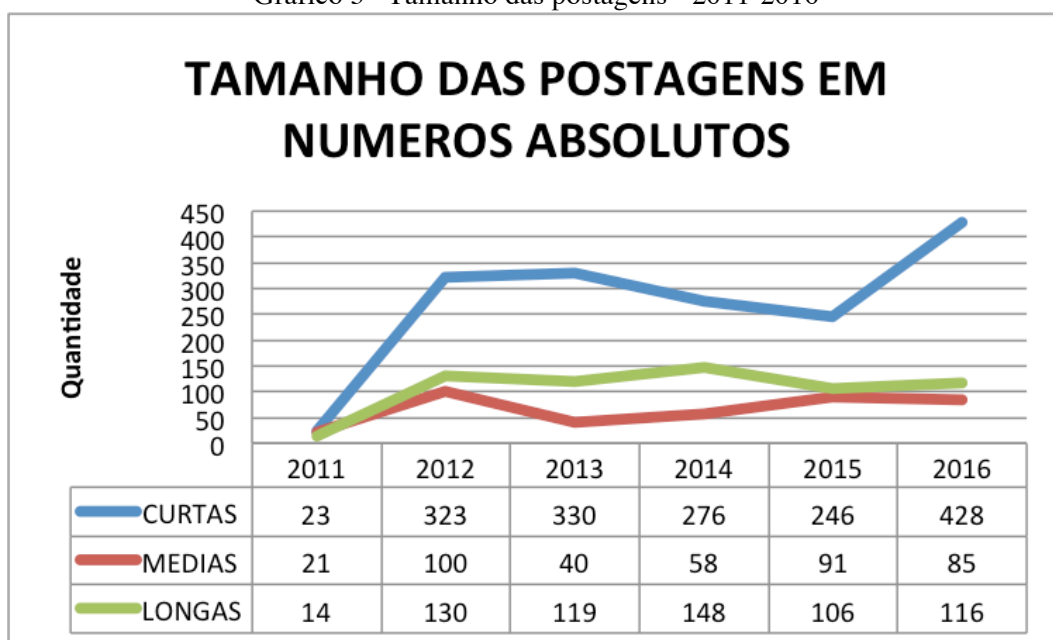
Fonte: Facebook.com. Data de coleta: 12/06/2019

Gráfico 2 Casa de Oxumarê: média de postagens/dia 2011-2016



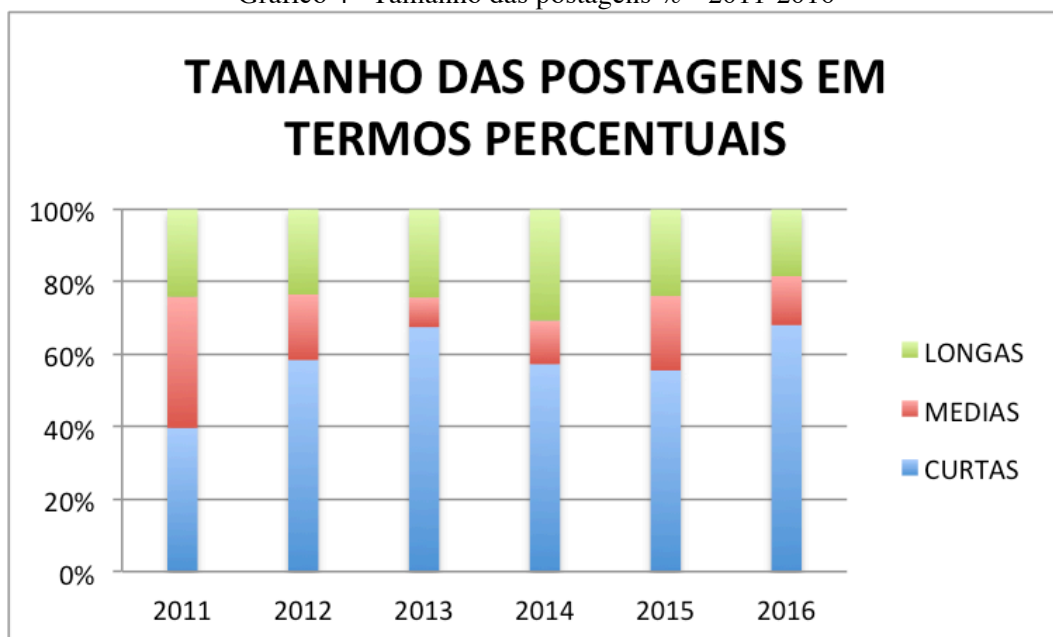
Fonte: Facebook.com, dados extraídos com FacebookTool

Gráfico 3 Tamanho das postagens - 2011-2016



Fonte: Facebook.com, dados extraídos com FacebookTool

Gráfico 4 Tamanho das postagens % - 2011-2016



Fonte: Facebook.com, dados extraídos com FacebookTool

Figura 2 Postagem 630765936946648

Casa de Oxumarê
25 de outubro de 2013 · 🌐

Pense bem antes de falar ou criticar!
Candomblé: Religião africana trazida ao Brasil pelos africanos durante o período escravocrata. Segue as leis da Natureza, que tem como divindade os orixás, estes que cuidam e equilibram as energias da nossa vida.
Umbanda: Religião Brasileira criada através do da mistura dos cultos africanos e do catolicismo. Segue os os princípios da fraternidade e da caridade sob as leis da Natureza do plano espiritual.
Macumba: Apesar do termo amplamente para se referir pejorativamente as religiões descendência africana, Macumba nada mais é que uma árvore africana e também um instrumento musical utilizados em rituais afro-Brasileiros.

SAIBA DIFERENCIAR

CANDOMBLÉ Religião africana trazida ao Brasil pelos africanos durante o período escravocrata. Segue as leis da Natureza, que tem como divindade os Orixás, estes que cuidam e equilibram as energias da nossa existência.

UMBANDA Religião brasileira criada através da mistura dos cultos africanos e do catolicismo. Segue os princípios da fraternidade e da caridade sob as leis da Natureza e do Plano Espiritual.

MACUMBA Apesar do termo ser amplamente utilizado para se referir pejorativamente às religiões de descendência africana, MACUMBA nada mais é do que uma árvore africana e também um instrumento musical utilizado em rituais afro-brasileiros.

👍❤️ 21 mil 2,2 mil comentários 52 mil compartilhamentos

630765936946648#

Fonte: Fanpage da Casa de Oxumarê no Facebook. Captura: 11/06/2019

A postagem acima é a quarta mais “curtida” do escopo, com 21.257 curtidas, 2.242 comentários e 52.191 compartilhamentos.

Limites da aplicabilidade ou ajustes necessários

Dou especial valor aos entendimentos de cultura, subjetividade e identidade apresentados neste capítulo e ao postulado de sua relação simultaneamente constitutiva e derivada de processos discursivos por entender que no campo simbólico o processo criativo é dinâmico e reflexivo: nós, seres humanos, nos inventamos e reinventamos constantemente; revisamos

valores, escolhas e posicionamentos; somos produtos e produtores de nossas representações e relações. Concordo com Stuart Hall em sua paráfrase de Derrida e Foucault: nem tudo é cultura, mas há uma dimensão cultural e discursiva em toda prática social (p.33). Acredito também, como já declarei anteriormente, no caráter intersticial, dinâmico e contínuo da elaboração dos textos de identidade, cultura e subjetividade.

Como Canclini, Bhabha, Hall e Appadurai, cumpre pensar as trocas numa escala macro de realização. Esses autores cunham seus conceitos baseados em dinâmicas de cenários de dominação e choque de poder, processos de globalização, migrações, mercados, procurando observar as contribuições e dilemas que esses grandes impactos tectônicos podem acarretar para as culturas envolvidas, expressas em suas identidades coletivas.

Poderiam as generosas teorias desses senhores serem adaptadas e transformadas, numa pesquisa como a minha, em ferramentas de categorização crítica e de análise do teor discursivo de textos de projeção de identidade coletiva? Se sim, que ajustes precisaríamos fazer? E o que teríamos a ganhar com isso?

O primeiro grande ajuste talvez seja da ordem de proporção. Não estaríamos observando as interações no mapa mundi, nem entre culturas com perfis essencialmente opositivos, contrastivos e com interesses diagonalmente conflitantes. Estaríamos falando de choques culturais que ocorrem em dimensões culturais distintas inscritas no plano intradiscursivo, na projeção do texto identitário a partir da escala do indivíduo, ou de um pequeno grupo autorizado a falar pelo coletivo (ou, no jargão da rede social estudada, editores, administradores ou geradores de conteúdo autorizados a postar como Casa de Oxumarê no Facebook).

Se admitirmos que o discurso é resultado de uma associação de repertórios culturais narrativos distintos quanto a estética e temática, elaborado tendo em mente um público coenunciador complexo e heterogêneo, poderemos, sem dúvida, lucrar com ferramentas que nos ajudem a observar o impacto que essas diversas visões de mundo têm no encontro umas com as outras, na dinâmica e constante produção discursiva de uma identidade cultural coletiva.

Inspirados em Appadurai, podemos partir do pressuposto de que a identidade projetada (coletiva ou não) resulta da interação de textos de identidade de vários níveis ou paisagens culturais, como ele diz.

Inspirados pelo convite de Canclini²⁶, podemos ainda observar como são empregadas as estratégias discursivas de sensibilização de rede e apelo de solidariedade (*desconexão*) em prol de causas de interesse comum ou específico (*desigualdade*), e como os argumentos se ancoram na dimensão cultural declarada de pertencimento do enunciador (*diferença*). Do mesmo autor me parece oportuno incorporar o discurso sobre culturas híbridas e sua advertência de que modernidade e culturas tradicionais não são incompatíveis nem mutuamente excludentes²⁷.

Acredito que esses conceitos e entendimentos municiam a investigação que venho desenvolvendo. Menos para iluminar descobertas ou fazer-me ancorar em portos de respostas; mais para enriquecer o percurso desta “maneira opaca de aprender o galho e o vento”.

A que valores se associam, a que causas aderem, a que lutas se irmanam os agentes de discurso? Que elementos, que características de diferentes repertórios culturais elegem essas pessoas para figurar no retrato de sua identidade coletiva projetada? Como operam esses *entrequens* que situamos nos *entreondes* e *entrequandos*?

Essa operação, essa curadoria, esse movimento é o que me interessa: esse *entrecomo*. Não tenho a presunção explicá-lo de modo exaustivo; longe de mim a pretensão de oferecer uma fórmula. O meu objetivo é tão somente descrever essa pintura complexa da forma como a percebo.

Com apelo à linguagem de meu povo de santo, poderíamos talvez chamar de *Exu* a comunicação, a reação em si entre as coisas. E de *axé* os resultados e resultantes dinâmicos dessa reação - discurso, cultura... É este efusivo ímpar implícito que proponho e procuro.

²⁶ GARCIA CANCLINI, **Diferentes, desiguais e desconectados**.

²⁷ GARCIA CANCLINI, Néstor, **Culturas Híbridas**, p. 349, 2001.

4. IDENTIDADE ÉTNICO-RELIGIOSA COLETIVA PROJETADA EM MEIO VIRTUAL: DESAFIOS METODOLÓGICOS E CONCEITUAIS

Começo por reiterar que o estudo por mim desenvolvido nesta fase de pesquisa não se inscreve na prática da Análise do Discurso de Maingueneau; apenas se vale de conceitos adotados por ele, adaptados aqui para a abordagem de algumas peculiaridades e para a geração de hipóteses acerca da produção de narrativa do @casadeoxumare no Facebook. Faço-o por alguns motivos. Talvez um dos mais forte seja que Maingueneau considera simplista binômios de contraposição empregados no estudo analítico em diversos campos (figura/fundo, texto/contexto, emissor/receptor), tomados enquanto instâncias apartadas.

O interesse que governa a análise do discurso seria o de apreender o discurso como intricação de um texto e de um lugar social, o que significa dizer que seu objeto não é nem a organização textual, nem a situação de comunicação, mas aquilo que as une por intermédio de um dispositivo de enunciação específico. Esse dispositivo pertence simultaneamente ao verbal e ao institucional: pensar os lugares independentemente das palavras que eles autorizam, ou pensar as palavras independentemente dos lugares com os quais elas estão implicadas significaria permanecer aquém das exigências que fundam a análise do discurso.

Aqui, a noção de «lugar social» não deve, contudo, ser apreendida de modo excessivamente imediato: pode se tratar de um posicionamento em um campo discursivo político, religioso, etc.; pode se tratar também de uma categoria de locutores (as enfermeiras, os imigrados de determinada origem, por exemplo), etc. Em todos os casos, o analista do discurso deve conceder um papel central à noção de gênero de discurso, que por natureza impede toda e qualquer exterioridade simples entre «texto» e «contexto».²⁸

Maingueneau se inspira, assumidamente, em estudos de linguística, pragmática, filosofia, sociologia, literatura para desenhar os conceitos chaves de sua teoria. Desde princípios remodelados da retórica aristotélica a entendimentos adaptados de Bakhtin, Barthes, Goffmann e Bourdieu, a característica que me atrai e me inclina para o uso de seus conceitos é que nessa perspectiva a análise é feita a partir do discurso não como se este fosse um fenômeno descolado do tempo e do espaço, mas enquanto instância em constante interação e intercâmbio com outros textos e discursos, relacionando-se a todo tempo com fórmulas discursivas, estratégias narrativas, discursos constituintes, tipologias e gêneros, expectativas (estereótipos) e efeitos, valores e instituições. O discurso é gerúndio, vivo, em movimento,

²⁸ MAINGUENEAU, Dominique, A análise do discurso e suas fronteiras, **Revista Matraca**, v. 14, n. 20, p. 13–37, 2007.

em constante atualização de referenciais e cânones (para usar uma terminologia que ele não adota).

Maingueneau também elabora conceitos a partir de metáforas ligadas a teatro sem imputar-lhes cargas derogatórias. Quando fala em *cenar de enunciação*, remete a um espaço e a uma dinâmica em e através do qual se re-presenta (ele emprega esta grafia) uma série de repertórios e estratégias comunicacionais.

4.1 CONCEITOS-CHAVE DA ANÁLISE DO DISCURSO E IMPLICAÇÕES

Passo a apresentar alguns conceitos-chave da análise do discurso de Maingueneau e a assinalar como eles impactam na presente pesquisa. Chamo a atenção para o fato de que cada um dos fenômenos correlatos, na concepção do autor, existe em caráter simultâneo de agente e resultado, num jogo interacional inscrito no discurso.

O *enunciador*, no entendimento do Maingueneau, é o ser que, no momento do discurso, faz surgir mundos, através da conjugação de recursos diversos de modulação dos códigos partilhados ou presumidamente partilhados. Dá preferência a essa terminologia em detrimento de outras que carregam em si noções ligadas a performances orais (locutor), ou de caráter estritamente ativo (emissor). O enunciador se dá a ver no discurso através da imagem que projeta. Não é autor exclusivo do discurso, posto que o discurso é uma obra conjunta: “o enunciador é, a um mesmo tempo, a condição e o efeito da enunciação”²⁹.

Coenunciador vem a ser um termo originalmente cunhado por Antoine Culioli, com o propósito de assinalar o caráter ativo da instância a que por vezes nos referimos como “destinatário” numa situação comunicacional. Na dimensão da fala, “o locutor é seu próprio ouvinte e o ouvinte é um locutor virtual; o ouvinte se esforça em se colocar no lugar do locutor para interpretar os enunciados e influenciá-lo constantemente por meio de suas reações”³⁰.

O *ethos discursivo* é o resultado dinâmico da interação entre o *ethos dito*, o *ethos mostrado* e o *ethos efetivo*. Encerra uma série de características que são produzidas na cena de uma enunciação específica, resultante da interação de fatores diversos, como: o que o enunciador diz de si; como ele fala de si; como ele demonstra a imagem de si, enquanto antecipa a imagem que o coenunciador dele faz; estereótipos em voga no lugar/situação do discurso; e critérios dos mundos éticos que o enunciador pretende representar.

²⁹ ENUNCIADOR. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique, **Dicionário de análise do discurso**, São Paulo: Contexto, 2008.

³⁰ DESTINATÁRIO. *Ibid.*

Assim, neste momento, o meu ethos discursivo mestrando procura, ao mesmo tempo, demonstrar que domina os conceitos sobre os quais ele versa, que é capaz de associá-los de forma concisa e clara, mas também de imprimir neles um tom de irreverência, ao usar sua própria realização como exemplo de seu emprego na prática. Levo em conta as expectativas que imagino que os meus coenunciadores, avaliadores deste trabalho, têm de mim e do mesmo; procuro satisfazê-las e superá-las, ao mesmo tempo em que subverto algumas regras do meio no qual esta dissertação se inscreve (desafio o manual de Lubisco³¹ e não italicizo a palavra “ethos”). “O ethos se elabora, assim, por meio de uma percepção complexa, mobilizadora da afetividade do intérprete, que tira suas informações do material linguístico e do ambiente.”³²

Como bem o resume Amossy, a noção de ethos discursivo em Maingueneau está ligada “ao estatuto do locutor e à questão de sua legitimidade, ou melhor, ao processo de sua legitimação pela fala”³³.

O ethos pré-discursivo pretende aludir à imagem que o coenunciador tem do enunciador anteriormente à realização do discurso. Essa imagem pode ser pautada por estereótipos ligados ao estatuto que o enunciador representa (ou se espera que pretenda representar), a fatos históricos e sociais existentes “fora” do discurso em questão, a expectativas ligadas à mídia ou suporte onde a comunicação se realiza etc.

Trata-se de um conceito de complicada aplicação, se concordamos que cada experiência de discurso é única e intransferível. Opera-se, portanto, com a consciência de que tal ethos pré-discursivo existe e de que o impacto de sua projeção (conjectura) por parte do enunciador transparece no discurso, mesmo se não se tem a possibilidade de verificar a conjectura. Ao realizar o meu discurso mestrando, tenho em mente a ideia que tenho da ideia que meu orientador faz de mim. Pouco importa, para este efeito, se ela corresponde à verdade (de acordo com meus critérios), mas é fato que ela tem impacto constitutivo sobre a elaboração do meu discurso.

Desde que haja enunciação, alguma coisa da ordem do ethos se encontra liberada: por meio de sua fala, um locutor ativa no intérprete a construção de determinada representação de si mesmo, pondo em risco seu domínio sobre sua própria fala; é-lhe necessário, então, tentar controlar, mais ou menos confusamente, o tratamento interpretativo dos signos que ele produz.³⁴

³¹ LUBISCO, Nícia Maria Lienert., **Manual de Estilo Acadêmico: trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses**, 5. ed. Salvador: EDUFBA, 2013.

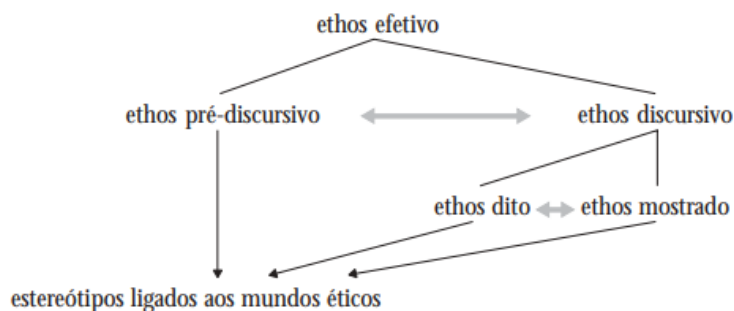
³² MAINGUENEAU, Dominique, A propósito do ethos, *in*: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana; BRUNELLI, Anna Flora (Orgs.), **Ethos discursivo**, São Paulo: Editora Contexto, 2008.

³³ AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: _____. **Imagem de si no discurso: a construção do ethos**, 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

³⁴ MAINGUENEAU, Dominique, **Cenas da enunciação**, São Paulo (SP): Parábola Ed., 2008.

O ethos discursivo, resume Maingueneau, é um “processo interativo de influência sobre o outro [...], um comportamento socialmente avaliado que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica.”³⁵

Figura 3 *Ethe* em Maingueneau



Fonte: MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). Ethos discursivo. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 19.

Maingueneau postula ainda que o ethos discursivo de um enunciador é mediado pela projeção da figura de um *fiador*, através da associação de tom e corpo, a partir de referenciais sociais e culturais dos coenunciadores; assim o fiador legitima o discurso ao tempo em que precisa, paradoxalmente, legitimar-se dentro dele.

Maingueneau entende por *tom* algo como um jeito. O tom remete a uma vocalidade implícita, a um modo de se direcionar que permite à audiência fazer associações com padrões de comportamento que ela reconhece culturalmente e aos quais liga valores sociais. Em seu vocabulário o termo *incorporação* tem um sentido elástico: implica (1) no ato de transferir uma corporalidade ao fiador; (2) na assunção pelo enunciador de um conjunto de esquemas correspondentes a uma maneira específica de relacionar-se com o mundo habitando seu próprio corpo; (3) a constituição, a partir das condições supracitadas, de um corpo da comunidade imaginária daqueles que aderem ao mesmo discurso.

A cena de enunciação em Maingueneau resulta da associação/interação de três níveis de cena: *englobante* (literário, religioso, filosófico), genérico (editorial, sermão, publicidade), cenografia. Deles, o que interessa para o presente estudo é o último.

A cenografia é constituída por elementos que são convocados pelo enunciador para compor a cena do discurso. Ela é, ao mesmo tempo “aquela de onde o discurso vem e aquela que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la”. Como os

³⁵ MAINGUENEAU, A propósito do ethos.

outros conceitos da linha adotada, ela é tanto resultante como resultado do discurso. Assim figura a cenografia no discurso: *enunciador, coenunciador, parceiros, cronografia e topografia*. “São os conteúdos desenvolvidos pelo discurso que permitem especificar / validar a própria cena e o próprio ethos, pelos quais esses conteúdos surgem.”³⁶

Existem ainda dois conceitos na AD de Maingueneau que importam para a presente pesquisa: o de *participação* e o de *hiperenunciador* (ou locutor coletivo). O neologismo do primeiro termo engloba a noção que o teórico pretende dar ao grau de envolvimento que esse tipo de recurso pretende suscitar no coenunciador. São enunciados que não precisam de apresentação de fonte para serem validados: seja porque estão cristalizados no repertório ético/cultural do contexto, seja porque estão ligados à figura de um hiperenunciador (ou locutor coletivo) que garante a sua pertinência. São por exemplo, slogans, provérbios, citações conhecidas³⁷, orações, contos populares, fábulas etc.

O hiperenunciador (ou locutor coletivo) é uma figura discursiva que o enunciador usa como garantia máxima do postulado. Sua autoridade é indiscutível dentro da comunidade na qual se inscreve o discurso. No presente estudo, classifiquei *orikis, itans* e ditados como *participações* e identifiquei “Ancestralidade”, “Candomblé Tradicional”, “Religião dos orixás”, “A cultura africana” e correlatos como hiperenunciadores (instâncias à prova de questionamentos no horizonte do egbé).

Mais alguns ajustes

Já nos alertava Foucault que nenhum discurso é livre, posto que tem ordens internas e externas às quais deve obedecer, fatores sociais e históricos que moldam sua realização. E é por isso que é necessário falar de aspectos condicionantes das diversas camadas de coletividade que o enunciador ora estudado pretende representar.

Outro motivo é que acredito que esta compreensão seja interessante se quisermos nos aproximar de uma proposta de ferramentaria para análise da construção discursiva de uma identidade *coletiva* em meio específico.

No presente estudo, a dimensão do coenunciador é vislumbrada apenas do ponto de vista da presunção de sua existência pelo enunciador. Quero dizer com isso que não farei análise de interações ou traçarei perfil dos seguidores/curtidores da página.

³⁶ MAINGUENEAU, **Cenas da enunciação**.

³⁷ Que prescindem/independem de declaração de autoria, como “Navegar é preciso”

É importante salientar que as questões aqui levantadas, teóricas e práticas, importam para esta pesquisa na dimensão do impacto que têm ou parecem ter sobre a produção do discurso da @casadeoxumare. O cenário valorizado é aquele descrito pelo enunciador. O meio/suporte importa na dimensão da ideia que o enunciador faz do mesmo. Os valores estabelecidos aos quais ele pretende corresponder, aos quais reage, são também aqueles evidenciados no discurso – seja quando o enunciador procura atender ou quando busca frustrar uma expectativa projetada do coenunciador. Logo, procura-se privilegiar aqui os marcos e sucessos elencados pelo próprio enunciador.

Ora, é através da representação de si no discurso que nos damos a conhecer, com o privilégio de poder, através de nossa própria curadoria e escolha de estratégias, versar sobre nossas qualidades, relações, histórias e prioridades. Este estudo se interessa justamente pela produção de imagem de si no discurso da Casa de Oxumarê no Facebook, e por isso toma por referência primária textos produzidos pelo dito enunciador. Pouco importa, nesta fase da pesquisa, quais pessoas de fato se encontram por trás do conteúdo gerado, ou se o mesmo é reproduzido. Enquanto construção de imagem, o cenário que vale é que o enunciador determina, pois é ele que incide sobre as decisões narrativas que toma. O mesmo se pode dizer da audiência (coenunciador presumido ou declarado). É na medida da modulação do discurso que essa figura interessa para a presente pesquisa.

Assim, parto de alguns pressupostos básicos: o enunciador é fluente em seu campo de representação; o enunciador é fluente no meio/suporte (a rede social Facebook, neste caso); o enunciador tem um repertório de referenciais de validação / autoridade aos quais recorre para corroborar a relevância, pertinência, representatividade e competência de seu discurso, em várias camadas.

Não há a pretensão de verificar se a imagem projetada confere com a imagem intencionada, nem sua recepção por meio da audiência (seguidores no Facebook). O presente estudo analisa alguns aspectos que considera chave do discurso da @casadeoxumare, tais como escolhas narrativas, argumentativas e estratégias de comunicação empregadas.

4.2 IDENTIDADE CULTURAL EM MEIO DIGITAL: À PROCURA DE TEORIAS E MEDIDORES PARA A ANÁLISE DA PRESENÇA DE UM SUJEITO COLETIVO NA REDE

Os estudos que encontrei sobre comunicação em rede, ou análise a partir de diferentes pontos de abordagem, giravam em torno do discurso a partir ou de uma identidade pessoal em âmbito direto de interação, ou do ponto de vista de estratégias de *branding*. A meu entender, o

desafio do desenho de uma identidade coletiva se dá no cruzamento dos desafios apresentados para um e para outro delineamento.

Rob Cover, em seu livro “Digital Identities”, aborda a questão da identidade digital sob vários ângulos, oferecendo um bom panorama para quem deseja aventurar-se nessa área de estudo. No geral, adota o já consagrado approach butleriano de identidade através de performatividade. No entanto, não toca no assunto de identidades coletivas em redes sociais.

Em excelente artigo sobre capital social digital, Rachel Recuero sugere que o Facebook “pode ter outra construção de valor, como por exemplo, a construção e a legitimação de uma identidade”³⁸. No mesmo artigo lista os tipos de investimento que a os sites de rede social implicariam por parte dos atores: a) criação e manutenção das conexões sociais; b) construção de perfil; c) compartilhamento de recursos. Salienta que os benefícios para indivíduo ou para a rede variam de acordo com o tipo de conexão estabelecida (associativa ou emergente).

Mais uma vez, sinto falta de um olhar sobre a identidade coletiva nesse cenário, mas arrisco dizer que, pelo menos no tocante a investimentos em associações emergentes (não puramente operadas pelos mecanismos, mas que implicam envolvimento dos atores), o retorno de capital social digital parece ser mais maior: presença, suporte social, legitimação.

Boyd³⁹ advoga a favor da adoção do termo “público em rede” (audiência em rede), de Mizuko Ito, para compreender o tipo de coletividade (ou sentimento de coletivo) que se produz na comunicação em redes:

Networked publics exist against this backdrop. Mizuko Ito introduces the notion of networked publics to “reference a linked set of social, cultural, and technological developments that have accompanied the growing engagement with digitally networked media” (Ito, 2008, p. 2). Ito emphasizes the net worked media, but I believe we must also focus on the ways in which this shapes publics—both in terms of space and collectives. In short, I contend that networked publics are publics that are restructured by networked technologies; they are simultaneously a space and a collection of people.

4.3 SOBRE O FACEBOOK

³⁸ RECUERO, Raquel, O Capital Social Em Rede: Como As Redes Sociais Na Internet Estão Gerando Novas Formas De Capital Social, **Revista Contemporânea**, p. 597–617, 2012.

³⁹ BOYD, Danah, Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications, *in*: PAPACHARISSI (Org.), **A Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites**, New York: Routledge, 2011.

A história da maior rede social online do mundo, Facebook, já virou filme. Iniciada por estudantes universitários em 2004, a rede vem crescendo em cifras e cifrões e se especializando e sofisticando vertiginosamente. Envolvida nos últimos anos, direta ou indiretamente, em polêmicos debates acerca de privacidade e compartilhamento de dados, escândalos e intrigas políticas, o fato é que a plataforma é hoje praticamente um fato comunicacional inevitável. Mais e mais as pessoas utilizam o Facebook como sua fonte primária de notícias, divulgação de eventos, serviços e produtos.

No período do escopo desta pesquisa o Facebook modificou de forma significativa a forma como entrega o conteúdo a seus usuários e o fez pelo menos duas vezes, desde o advento das Páginas (junto com a plataforma de anúncios) em 2007.

A curadoria é feita por meio de algoritmos especializados. Suas linhas de programação são secretas, mas com base em material divulgado pela própria empresa em seminários e *webinários* voltados para profissionais de marketing digital e ainda em alguns pronunciamentos oficiais e entrevistas concedidas para a mídia especializada.

É altamente recompensado no Facebook o fator relevância, medido através de interações de cruzamento de dados socioeconômicos do usuário, suas preferências e palavras-chave explicitadas ou monitoradas com base em curtidas e interações. Ou seja: quanto mais amigos interagirem ou recomendarem uma página, maior a probabilidade de seu conteúdo ser exibido ou sugerido para determinado usuário. Inclusive para postagens pagas, nas quais o refinamento de escolha de público-alvo chega a detalhes assustadores, a curadoria do EdgeRank, algoritmo do Facebook que decidia (até 2013) qual conteúdo seria entregue a qual usuário, tem em altíssima conta as interações e endossos da plataforma. Seus critérios primários⁴⁰ eram afinidade (*affinity*), relevância (*weight*) e tempo (*decay*).

Em 2012, o Facebook admite em sua tradicional conferência anual para desenvolvedores que o alcance de suas publicações orgânicas⁴¹ era restrito a, em média, 16% do seu público.

No ano seguinte profissionais do marketing digital se queixam de uma queda em alcance. Provocado a dar uma resposta, o Facebook divulga em nota oficial, em 2013, declarando que isto se deu devido a um ajuste na forma como o conteúdo é selecionado para

⁴⁰ <https://marketingland.com/edgerank-is-dead-facebooks-news-feed-algorithm-now-has-close-to-100k-weight-factors-55908>

⁴¹ Até 2018, a definição do próprio Facebook para "alcance orgânico" era baseada no número de seguidores que recebiam determinado conteúdo não pago em seu feed de notícias. Com a mudança, a plataforma passa a chamar esse número de "alcance da publicação" e de "alcance orgânico" o número de usuários que visualiza em tela o conteúdo entregue no feed de notícias. Esta mudança não tem implicação metodológica prática para o presente estudo. <https://keymediasolutions.com/news/facebook/how-facebook-organic-reach-has-changed/>

distribuição: como a quantidade de conteúdo publicado na rede havia aumentado (um usuário médio chegava a receber 1.500 postagens diárias em seu feed). A plataforma passa, então, a privilegiar conteúdo de amigos e familiares (nível pessoal, perfis) e eleger conteúdo para a seleta de possíveis entregas de 300 entradas com base em “relevância”. Em 2013 o novo algoritmo do feed de notícias passa a ter, declaradamente, mais de cem mil critérios interrelacionáveis para a seleção de conteúdo. A missão do feed de notícias, diz em nota oficial, seria “mostrar o conteúdo certo para as pessoas certas, no momento certo [...] na ordem em que elas querem lê-las”⁴².

As consequências da implementação do novo algoritmo foram dramáticas para as páginas. Um estudo feito pela Ogilvy & Mather⁴³, divulgado no início de 2014, detectou a queda de alcance das postagens orgânicas (não-pagas) de 12% para 6% dos seguidores das mais de 100 páginas avaliadas entre outubro de 2013 e fevereiro de 2014. Para o caso das páginas da amostra consideradas grandes (mais de 500.000 seguidores), houve queda de 4% para 2%.

A mídia especializada passa a prever o fim do alcance orgânico, lendo nos ajustes do algoritmo do feed de notícias uma estratégia para forçar as Páginas a investirem em impulsionamento de modo a garantir as entregas de conteúdo ao seu público-alvo. A empresa, no entanto, nega que este seja seu objetivo e sustenta que a missão do feed de notícias e, por extensão, do Facebook, seja viabilizar distribuição de conteúdo “relevante” e “de qualidade” para seus usuários.

Em 2010, o Facebook anuncia a implementação de tecnologia que permite a conexão do botão “curtir” da plataforma com sites externos, criando assim uma porta de importação de ainda mais dados de comportamento digital, aumentando significativamente as fontes de dados sobre comportamento nas quais seus algoritmos se baseiam, sofisticando-os, pois. Um artigo de blog especializado preconiza que em breve toda a internet estará moldando sua forma de comunicação para se adequar aos parâmetros Facebook⁴⁴. E isso oito anos antes da empresa assumir a dimensão que tem hoje, tendo adquirido em 2018 o Instagram e What’sapp e, portanto, ainda mais acesso a dados de comportamento online para ajuntar à base de seu algoritmo.

⁴² **News Feed FYI: A Window Into News Feed**, Facebook para Empresas, disponível em: <<https://www.facebook.com/business/news/News-Feed-FYI-A-Window-Into-News-Feed>>, acesso em: 8 jun. 2019.

⁴³ MANSON, MARSHALL, **Facebook Zero: Considering Life After the Demise of Organic Reach.**, Ogilvy Greece, disponível em: <<https://ogilvy.gr/feed/facebook-zero-considering-life-after-the-demise-of-organic-reach>>, acesso em: 6 jun. 2019.

⁴⁴ Facebook To Release A “Like” Button For the Whole Darn Internet.

A propósito da curadoria de conteúdo feita por algoritmos, recomendo a leitura do fascinante artigo de DeVito, no qual o autor investiga, a partir de publicações e declarações, valores-chave para a seleção de conteúdo (histórias) pelos algoritmos.⁴⁵ Essa avaliação é interessante porque, de fato, a fórmula do composto de algoritmos do Facebook é secreta e os estudos sobre a plataforma, como bem aponta DeVito, são majoritariamente sobre o comportamento das pessoas e marcas, e raramente sobre seu funcionamento em si.

Volto a ressaltar: para a presente pesquisa interessa a hipótese de que o enunciador tem ciência das determinantes e métricas de sucesso do Facebook no momento da elaboração do discurso para o meio. Ou seja, este conjunto de condicionantes vem como uma camada a se sobrepor a outras camadas de fatores que implicam na produção de discurso e imagem. Nesse sentido, embora o EdgeRank esteja declaradamente morto desde 2013, as especulações e ideias popularizadas sobre estratégias de comunicação para êxito na rede são quase lugar comum para qualquer alfabetizado digital em nosso contexto.

A prova social, *social proof*, termo recorrente no jargão das mídias sociais, é levada muito a sério por esta e outras redes sociais: quanto mais gente com quem você reconhece vínculo na rede (através de amizades e seguidas) se engaja com uma postagem, recomenda uma página ou serviço, ou indica intenção de comparecer a um evento, maior a chance desse conteúdo lhe ser apresentado. Isso porque há indicativos de que esse tipo de endosso aumenta, para o usuário, a confiabilidade no conteúdo. Diferentes plataformas de interação online exploram a prova social de forma diferente. Por exemplo, se um estudioso que você admira (segue) no Academia.edu salva nos favoritos um artigo de uma estudiosa que você desconhece, aumenta muito a probabilidade de chegar até você a informação que esse endosso social representa.

O Facebook tem ainda uma funcionalidade de verificação de autenticidade de Páginas, que atribui um selo azul ao lado do nome de usuário para páginas ou perfis de “figura pública, empresa de mídia ou marca”, ou cinza para empresa ou organização⁴⁶ A verificação não é obrigatória, mas do ponto de vista de reputação digital, agrega confiabilidade à página que o porta.

Desafios para a coleta de dados

⁴⁵ DEVITO, Michael A., From Editors to Algorithms: A values-based approach to understanding story selection in the Facebook news feed, *Digital Journalism*, v. 5, n. 6, p. 753–773, 2017.

⁴⁶ **O que é uma Página ou um perfil verificado? | Central de ajuda do Facebook**, disponível em: <<https://www.facebook.com/help/196050490547892>>, acesso em: 8 jun. 2019.

A ferramenta inicialmente usada para importar o conteúdo textual da página de Oxumarê, a Facebook Tool, criada pela Universitet i Oslo, foi descontinuada em 2018. Logo, os dados referentes a curtidas, compartilhamentos e comentários por postagem são da data de coleta desse material ou, para o caso das postagens selecionadas para o mostruário ilustrativo, atualizados manualmente.

O Facebook é uma plataforma aprisionada no presente. O que quero dizer com isso, em termos práticos, é que as mudanças feitas na plataforma são implementadas também de forma retroativa. Assim, por exemplo, conteúdo publicado antes da implementação dos botões de curtida nuançados com reações, em 24/02/16, também passam a ser aplicáveis a postagens feitas em data anterior. Da mesma forma, nada impede que uma postagem antiga seja revisitada, comentada, compartilhada, “curtida”. O Facebook tampouco autoriza uma análise histórica de crescimento e as ferramentas gratuitas têm limite de memória analítica em seus planos gratuitos.

Quanto aos dados apresentados nas tabelas foram usadas ferramentas mistas, que estão devidamente assinaladas: algumas disponíveis online e utilizadas para gerenciadores de mídias sociais com objetivo de otimização de tráfego e marketing, conseguem apenas fazer um retrato de alguns indicadores no momento da análise. Assim, não é possível medir o desenvolvimento em números de seguidores para páginas de terceiros num recorte maior que os últimos 12 meses da data da consulta (caso da ferramenta Seekmetrics⁴⁷).

Facebook's Open Graph (the collective name for the products announced at F8) seeks to change that by, in essence, serving as an overarching, personal layer on top of the Web by incorporating your friends, interests and activities. Pages making use of Facebook's new technology aren't static: they know who you are, what you like and what your friends like. "We are building a Web where the default is social," Zuckerberg said⁴⁸

Julgo importante trazer à tona esses aspectos por entender que a @casadeoxumare tem consciência das regras do jogo, digamos assim, na comunicação nessa plataforma específica. Ou seja: estes fatores têm impacto condicionante e restritivo sobre a forma e conteúdo gerado e compartilhado, pois se fazem presentes na consciência do enunciador no momento e durante a realização do discurso. Todo enunciador objetiva o sucesso de sua comunicação. Na plataforma Facebook, esse sucesso depende também de economia de palavras (e aqui emprego o termo em seu sentido mais amplo – não de limitação quantitativa, mas de bom

⁴⁷ <https://seekmetrics.com/>

⁴⁸ FLETCHER, Dan, Facebook Looks to Get Personal, **Time**, 2010.

emprego qualitativo), projeção de desejo do coenunciador e tentativa de satisfazê-lo (muitas vezes declarada), intuição e reforço de hábitos etc. para além dos habituais desafios e condicionamentos resultantes da CMC (comunicação mediada por computador), que aceita, por exemplo, mais abreviaturas, mais espaçamentos e complementos gráficos (ícones, emojis, gifs) como marcadores de intenção.

O frenesi em “acertar” ou agradar o algoritmo fez e faz com que, diariamente, se publiquem orientações sobre como produzir conteúdo para as redes sociais (sobretudo Facebook e Instagram, esta última adquirida pela primeira em 2018); faz também com que sejam divulgadas e elaboradas dicas e mais dicas de como obter sucesso (para o FB isto é sinónimo de engajamento). Algumas das dicas mais populares fazem referência a horários de postagens, tamanho, disparadores/provocadores⁴⁹. Gerar conteúdo próprio (ao invés de repostar), fazer perguntas (como forma de atizar engajamento), postar com frequência, utilizar boas palavras de SEO⁵⁰ (tem gente que vive disso!) são recomendações comuns.

A cada vez que recebemos “recomendação de conteúdo” ou “publicidade mais relevante”, autorizamos o uso de cookies e instalamos plug-ins, nos quais redes de dados cada vez mais complexas se baseiam para prever comportamento futuro, relevância de informação, interação e comportamento digital.

O Facebook é um negócio que tenta ao máximo fazer com que os seus clientes não se sintam como tais, e trabalhem arduamente para manter essa fachada. Embora, como bem pondera Recuero⁵¹, a análise do que representa a interação dos internautas com o conteúdo das postagens seja complicada, não há como fechar questão sobre o quê está sendo avaliado pelo seguidor: o conteúdo da mensagem, o comentário no corpo da postagem sobre o conteúdo divulgado, o compartilhamento em si da informação.

Fato é que, nas redes sociais, toda reação conta. Quer dizer: cada interação aumenta a probabilidade de propagação/longevidade da postagem. A menos que o seguidor seja um daqueles que *favorita*⁵² a página (e portanto recebe todas as atualizações em destaque e no topo de seu feed, além de ser notificado expressamente quando há atualizações), o alcance da mensagem vai depender de sua reverberação em redes de interesse e interação.

⁴⁹ DAMIN, Hiram, **Aumente o alcance orgânico no Facebook - Resultados Digitais**, Blog de Marketing Digital de Resultados, disponível em: <<https://resultadosdigitais.com.br/blog/como-aumentar-o-alcance-organico-no-facebook/>>, acesso em: 6 jun. 2019.

⁵⁰ Search Engine Optimization, uma série de parâmetros para melhorar a detecção e indexação de páginas pelos mecanismos de busca, como o Google e o Bing.

⁵¹ RECUERO, Raquel, Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook, **Verso e Reverso**, v. 28, n. 68, p. 114–124, 2014.

⁵² Termo que indica a operação de indicar uma página ou perfil como de especial interesse no Facebook e em outras redes sociais. Seria o equivalente a se tornar assinante daquele conteúdo.

O endosso virtual tem cada vez mais significado, também, fora do âmbito das redes sociais: em 2013 a Justiça condenou duas internautas a pagarem indenização por terem curtido e compartilhado uma postagem que acusava um veterinário de ter feito um mau serviço. À época, o promotor do caso disse em entrevista que "há responsabilidade dos que compartilham mensagens e dos que nelas opinam de forma ofensiva [...] A rede social precisa ser encarada com mais seriedade e não com o caráter informal que entendem as rés"⁵³.

A questão da autoria

Quero deixar aqui explícito que, para efeitos de pesquisa, escolhi presumir a autoria de todas as postagens publicadas na página como da @casadeoxumare, excetuando-se casos nos quais a fonte diversa esteja explicitada. Justifico esta escolha por entender que, no estudo da composição de uma narrativa identitária coletiva de “ente” tão complexo, mesmo em postagens não assinadas ou desprovidas de selo gráfico, o gesto de compartilhamento de conteúdo não representa alienação de autoria mas, muito ao contrário, representa tamanha adesão à mensagem que acusa propriedade. Em alguns casos é possível reconhecer que as postagens reproduzem conteúdo gerado para outras plataformas ou contextos, seja pelo estilo narrativo ou pela escolha vocabular. No entanto, ao empenhar a palavra sob seu crivo e égide, a @casadeoxumare subscreve seu conteúdo e o incorpora ao próprio discurso – e é isto que de fato importa ao presente estudo.

Repetição e repostagem como estratégia narrativa

Proponho que a repostagem de conteúdo, seja em forma de “retrospectivas”, seja em forma de republicação não evidenciada dos textos, seja lida não só como marca de acento de relevância temática atribuída ao tema pela @casadeoxumare, mas também como reflexo de estratégia narrativa herdada da tradição oral. Repetir é uma forma de ensinar, memorizar é uma forma de lembrar, como nos diz a própria @casadeoxumare em postagem sobre os aprendizados de iaôs.

⁵³ DIGITAL, Redação Olhar, **Justiça condena internautas por “curtir” e compartilhar post no Facebook**, Olhar Digital - O futuro passa primeiro aqui, disponível em: <<https://olhardigital.com.br/noticia/justica-condena-usuarias-por-curtir-e-compartilhar-post-no-facebook/39175>>, acesso em: 6 jun. 2019.

5. METODOLOGIA

5.1 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE POSTAGENS PARA O RECORTE

As postagens analisadas no presente estudo foram escolhidas segundo alguns critérios. Foram selecionadas 10 postagens de média ou longa extensão⁵⁴ (mais de 300 caracteres) por ano do escopo original, com recorte temático que relacionasse noções de fidedignidade a valores princípios “autênticos” e inovações (tecnológicas, de entendimento, de abordagem). Não estão incluídas nessas postagens:

- postagem de vídeo sem nenhum tipo de comentário textual;
- postagens de foto sem nenhum tipo de comentário textual;
- o tamanho dos caracteres contados é referente à postagem referida. “compartilhamentos” contam apenas os caracteres dos comentários autorais do mesmo (o conteúdo compartilhado não é computado).

Algumas das postagens selecionadas para figurar no mostruário dariam pano para manga isoladamente, resultando cada uma em sua própria dissertação de mestrado. O recorte temático se deu por alguns critérios:

- postagens nas quais a @casadeoxumare diz de si de forma explícita;
- postagens nas quais a @casadeoxumare tensiona entre tradição e inovação / tecnologia e expõe seus critérios de tolerância para com o novo;
- postagens que ilustram/exemplificam modos de comunicação da @casadeoxumare;
- postagens que evidenciam o funcionamento da página (nas quais se fala sobre como a pauta foi escolhida, como a programação de conteúdo foi pensada, com quem se deseja conectar etc.).

Repostagem, fator que leio como um crivo de aprovação de conteúdo/valorização tamanha de conteúdo (julga relevante, importante) foi levado em consideração em alguns casos. Adesão (compartilhamentos, comentários, reações) foi um fator que contou menos neste momento.

⁵⁴ Vale ressaltar que as postagens curtas não têm, de forma alguma, conteúdo menos importante ou desprezível. Muitas delas são ditados, legendas de fotografias compartilhadas (inclusive de uma série de fotografias de membros do egbé que acho de extrema importância para futuro estudo), notas de felicitação por anos de vida (*Oku ojo ibi*) ou anos de santo, breves comentários referendando postagens próprias anteriores e endossando conteúdo gerado por outros, bênçãos, votos de datas comemorativas não diretamente ligadas ao candomblé etc. Inclusive, muitas das minhas postagens favoritas se encontram entre essas. Não tenho palavras para dizer do meu apreço, por exemplo, pelos cartões de dia das mães com imagens de orixás femininas. Ou dos curtos comentários cômicos acompanhando vídeos que registram cenas do dia-a-dia do egbé ou fotos de arco-íris (fenômeno que desperta especial comoção nesta Casa).

5.2 A ESCOLHA DO RECORTE TEMÁTICO

Recorro a Barth.⁵⁵ O que contribui para uma identificação étnico-cultural? Ela se funda em autoatribuição e reconhecimento por outros. Um dos aspectos que apoiam a assunção de identidade é o recurso a memória compartilhada, a experiências compartilhadas. Se, por um lado, temos um passado (presumido) que fundamenta os laços, temos também um presente que os estreita e um horizonte atual (um campo de interação) em que isso se dá. Posso entender como signos de reforço identitário compartilhamento de fotos de viagem, relatos, convites. Recentemente, também *lives* de visitas a lugares-origem em África. *Lives* de encontros litúrgicos e sagrados não-tabu (não-secretivos). *Lives* que, posteriormente, ficam disponíveis na rede social para reconsulta.

Aproximo-me assim do meu objeto reconhecendo-o e respeitando-o como complexo, capaz e autônomo. Não é aqui o caso de um corpo estrangeiro usando uma ferramenta que lhe é estranha. Trato, sim, de um corpo complexo, com uma jovem experiência de poder falar de si com sua própria voz, fazendo uso de uma ferramenta, campo ou plataforma que domina. Reitero mais uma vez que esta pesquisa não tem propósito verificatório: não pretende dizer se a @casadeoxumare o faz bem, se consegue realizar a sua intenção ou fazer juízo sobre o conteúdo que divulga. O propósito é tão somente observar como este narrador desenha a imagem de si no discurso: quais temas lhe parecem relevantes, o que julga urgente e louvável, os limites que estipula sobre o que se pode ou não dizer, quais estratégias narrativas adota para reforçar a mensagem.

5.3 FERRAMENTAS DE ANÁLISE DAS POSTAGENS SELECIONADAS

Nomeando as postagens: a ABNT não prevê, ainda, uma forma distinta de se fazer referência a postagens. Sendo assim, refiro-me a cada uma no referencial deste trabalho pelo seu número singular, tomando o endereço de postagens específicas por radical comum.

⁵⁵ Ver a propósito SERRA, 2019, p. 53-4: “Em termos muito sumários, pode-se dizer que Barth propôs considera a identidade étnica de olhos posto na interação [isto é, no jogo das relações interétnicas], relacionando-a com a organização social antes que com idiosincrasias culturais: deslocou o foco para as fronteiras dos grupos e os processo aí correntes de inclusão/exclusão, operantes através da seleção de traços diacríticos empregados a fim de demarcar as posições em confronto no processo interativo. (...) O descolamento operado pela etnologia entre identidade (étnica) e cultura não constitui um corte absoluto. (...) Segundo mostrou Roberto Cardoso de Oliveira, a cultura desempenha no processo um papel importante, de modo algum cingido à provisão de marcadores de identidade e a seu emprego diacrítico, pois se estende ao plano dos valores e concepções ativas no enquadramento das relações “nós x outros”- e estes elementos, tal como suas expressões discursivas, representam fatos culturais”. Cf. BARTH, F. Enduring and emerging issues in the analysis of Ethnicity. In: VERMEULE, H. ; COVERS, C. *The Anthropology of ethnicity*. Amsterdam: Het Spinuis, 1994. CARDOSO DE OLIVEIRA, R. Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Paralelo 15. 2006.

A anatomia de um link de postagens do Facebook carrega em si alguns elementos fixos e outros variáveis, dos quais me valerei como instrumentos de catalogação do material usado na pesquisa.

Quadro 1 Anatomia do link

https://www.facebook.com/215511825138730/posts/309777965712115				
https://	www.facebook.com	215511825138730	posts	309777965712115
a	b	c	d	e

A parte a) é um prefixo de endereçamento (protocolo). É dispensável, mas contém informação relevante para o visitante da página: o “s” indica que este é um ambiente criptografado e com certificados de segurança. A parte b) indica o endereço da plataforma. A parte c) corresponde ao número identificador do autor (perfil ou página) e pode, sem prejuízo, ser substituído pelo nome de usuário (casadeoxumare). A parte d) indica o tipo de envio (postagem, foto, evento etc.) e a parte e) o número identificador específico do envio.

Uma vez que o corpus referencial primário da presente pesquisa consiste em postagens no Facebook de uma mesma página, adaptei as duas recomendações da ABNT para propor um sistema de referenciamento que facilitasse a consulta das mesmas. Proponho uma nova forma de citar postagens mesclando as recomendações para citação de postagem em blog e página do Facebook. Abaixo ilustro os procedimentos:

Modelo de referencia para postagem em blog:

ÚLTIMO NOME, Primeiro nome de autor do post. Título do post. Nome do blog, Cidade, dia do post, mês do post. ano do post. Disponível em: link. Acesso em: data de acesso.

Modelo de referencia para página de Facebook:

NOME DA ENTIDADE. Texto do post. Cidade, dia mês. ano. Facebook: usuário do Facebook. Disponível em: link. Acesso em: data de acesso.

Publicação Periódica considerada em parte:

Artigo e/ou Matéria em meio eletrônico

SOBRENOME, Prenome [abreviado]. Título do artigo: subtítulo. Título da publicação, local, número do volume e/ou ano, número do fascículo, mês ano. Disponível em:

<endereço eletrônico>. Acesso em: xx mês [abreviado] xxxx.

Modelo proposto por mim e adotado neste trabalho:

NOME DA ENTIDADE. Título do post. dia mês ano. Facebook: usuário do Facebook. Número identificador do post. Disponível em: link. Acesso em: data de acesso.

Quando o autor não houver proposto explicitamente um título para a postagem, utilizarei as primeiras palavras da mesma no campo “Título do post”, entre colchetes. Em alguns casos, para efeitos de análise, transcrevo títulos impressos nas imagens das postagens. Então os mesmos serão representados neste campo igualmente entre colchetes. Se o título da postagem for modificado em repostagens posteriores, mantereí o título atribuído à primeira com o intuito de manter o fio da sequencialidade.

Como a cada repostagem de conteúdo (copia-se e cola-se o texto e imagens como se fosse uma nova postagem), o número identificador da postagem e data mudam, farei referência às repostagens como se fossem novas edições.

5.3.1 Ficha analítica

Fez-se claro que muitos dos dados necessários para uma avaliação subjetiva da elaboração de identidade narrativa que me interessa observar se revelariam ainda nesta etapa, a exemplo de *recorrência* (indicador de sucesso de conteúdo) e *modalidades de assinatura* (maneira e impulso de referendar/validar autoria e, portanto, identidade).

Procurando melhor visualizar impactos e reflexos tanto de pautas temáticas da “sociedade”, acontecimentos marcantes para a Casa e mudanças significativas em aspectos tecnológicos do meio de realização da narrativa identitária estudada (Facebook), inspirei-me na noção de Appadurai de “paisagens”, que já havia vislumbrado aplicar para cotejo no âmbito intratextual; senti necessidade de confeccionar uma linha do tempo que relacionasse a ocorrência e recorrência de tópicos e temáticas das postagens e seu sucesso⁵⁶, bem como variações na modulação de “nós”.

Elaborei um modelo de ficha analítica para auxiliar na sistematização de índices relevantes para a pesquisa (ver apêndice). Explicito abaixo o que pretendi mapear com cada campo.

REFERÊNCIA: Número identificador da postagem

⁵⁶ Pelos parâmetros de medição do Facebook

TÍTULO: A @casadeoxumare atribui com certa frequência títulos às suas postagens. Escolhi sinalizar entre colchetes nas referências quando títulos e assinaturas aparecem representados na imagem da postagem, por entender esta informação como imprescindível para a análise à qual me proponho.

SAUDAÇÃO / VOCATIVO: Para além de ser característica de alguns gêneros textuais (carta, discurso) reflete também uma prática narrativa do grupo estudado, que em muitos tipos de interação costuma iniciar sua fala por endereçar um cumprimento ou bênção inicial aos destinatários.

MENSAGEM: Corpo textual da postagem.

BÊNÇÃO / REMATE: Muitas postagens terminam com uma bênção, slogan ou gancho. Essa bênção de encerramento é também reflexo de práticas narrativas às quais me referi no campo “Saudação”. O *gancho* é um recurso originalmente do folhetim, cujo uso se cristalizou em gêneros midiáticos seriados. Pretende cativar a atenção, curiosidade e freguesia do destinatário, alertando-o para os próximos capítulos, por vezes dando uma prévia do tema abordado.

ASSINATURA: Assinatura expressa textualmente ou na imagem, em forma de logomarca ou brasão. Para o último caso, sinalizado entre colchetes.

IMAGEM: É rara a ocorrência de postagens desacompanhadas de alguma imagem.

SÉRIE/CAMPANHA: Faz-se a indicação caso a postagem pertença a alguma série ou campanha assim designadas pela própria @casadeoxumare.

NÓS: Palavras e locuções associadas ao pronome “nós” ou a “Casa de Oxumarê” e correlatos.

NOSSOS/NOSSAS: Palavras e locuções associadas com os pronomes possessivos.

ESCOLHA VOCABULAR: Emprego de vocábulos dignos de notação.

ETHE: Ethe identificados na enunciação.

TEMA CENTRAL: Tema central da mensagem conforme explicitado pelo enunciador.

PARTICIPAÇÃO: Recorrência a uso de slogans, *owes*, *orikis*, *itans*, como recurso de reforço do argumento ou de legitimação.

COENUNCIADOR: Coenunciador presumido declarado ou inferido. No último caso, representado entre parênteses.

OBJETIVO DECLARADO: Objetivo declarado da mensagem.

GRAFIA: Ocorrência de termos em iorubá, iorubaiano e sua tradução para português ou para termos não religiosos. Jargões em português que são explicados entram, portanto, também neste campo.

AÇÕES: Verbos associados ao enunciador, coenunciador, *antifidor* e parceiro, devidamente assinalados.

VALORES: Valores declarados ou insinuados. No último caso, representado entre parênteses.

PAISAGENS/CENAS: Combinando os conceitos de *cenografia*, de Mainguenu, e de *paisagens*, de Appadurai, determinei o parâmetro “Paisagens/cenas”, por meio do qual pretendi mapear a co-ocorrência de cenas e mundos éticos no discurso de cada postagem do mostruário. São incluídos aqui, por exemplo, fatos sociais (a novela), políticos (proposta de lei contra o sacrifício animal), tecnológicos (lançamento de cadastro de familiares no site), religiosos (jubileu de iniciação do babalorixá) e mundos éticos recorridos para embasar a mensagem (herança, pertença, filiação histórica ou religiosa).

PARTICULARIDADE: Característica que não esteja prevista nos demais campos.

Incluí ainda campos para o registro de endereço eletrônico, número de reações (“curtidas”), comentários e compartilhamentos de cada postagem, e “observações”, para registro de variação de conteúdo em eventuais repostagens.

6. ANÁLISE DAS POSTAGENS

Embora a presente fase da pesquisa se debruce apenas sobre o material textual das postagens, faz-se necessário comentar que, ao acessar a fanpage da Casa de Oxumarê no Facebook, alguns elementos de identificação são apresentados ao visitante: uma foto de perfil, que é o brasão da Casa com título “Ilê Oxumarê” e subtítulo/slogan “Tradição Ancestral com Compromisso Social”; uma seleta de fotografias/imagens no cabeçalho da página⁵⁷.

Figura 4 Fanpage no Facebook



Fonte: Fanpage da Casa de Oxumarê no Facebook. Captura: 11/06/2019

Na seção “comunidade”, exibida à direita, vê-se o número de curtidas da página e quem dentre os contatos do visitante demonstrou vínculo com a mesma.

Cada postagem vem com um cabeçalho de página mostrando a foto do perfil e o nome da página (Casa de Oxumarê), apresentando assim graficamente o emissor da mensagem. Assim, a cada interação na plataforma encontra-se assinalada graficamente a autoria, o que faz com que a assinatura textual de uma postagem salte aos olhos, por ser um procedimento de redundância no meio. Vê-se também o número de reações, compartilhamentos e comentários.

⁵⁷ Hoje, uma foto do barracão principal arrumado para festa pública, uma foto do exterior do barracão principal mostrando bandeiras hasteadas, uma foto do babalorixá vigente e uma foto da área externa contígua ao barracão cheia de gente.

Figura 5 Anatomia de uma postagem



Fonte: Fanpage da Casa de Oxumarê no Facebook. Captura: 11/06/2019

6.1 CATEGORIAS DE POSTAGEM

Não há dúvidas de que a Casa de Oxumarê tem uma visão clara e um plano de comunicação bem definido para a sua presença virtual, plano que executa com excelência. Os Terreiros elencados na tabela comparativa utilizam as suas páginas e perfis a fim de convidar para as festas⁵⁸, divulgar notas de falecimento, notas de congratulações por conquista notável de alguém do egbé, uma ou outra divulgação de evento não-religioso ou notas públicas oficiais em caso de extrema polêmica envolvendo a Casa (como as dos últimos meses de vida de Mãe Stella do Opô Afonjá).

A @casadeoxumare, no entanto, faz uso mais sofisticado do Facebook. Mistura diversos tipos de postagens, que vão desde pequenos gestos de manutenção de vínculo (*cards* de bom dia ou com ditados) até longos e rebuscados textos sobre o que pensa acerca de determinado assunto, passando por estratégias de engajamento típicas das redes sociais, como sorteios e concursos.

⁵⁸ E em formato de *card*, o que representa um sub-uso das funcionalidades da plataforma.

6.1.1 Convites para festas

Há duas formas de se compartilhar convites para eventos no Facebook: em forma de card (de fácil reprodução em outras redes sociais como Instagram e Whats'app) acompanhado de mensagem textual, ou através da funcionalidade “eventos” da plataforma. A primeira é de difícil indexação por mecanismos de busca, a menos que tenha SEO muito bons no corpo da mensagem que acompanha a imagem. A segunda permite um grau estupendo de engajamento por parte dos seguidores e suas conexões, pois é possível confirmar presença⁵⁹, divulgar o evento em postagem nas próprias páginas, postar fotos no corpo do evento, registrando, a posteriori, que se esteve lá. O Facebook também faz sugestões de “eventos perto de você” e eventos nos quais as conexões dos usuários “demonstraram interesse” ou “confirmaram presença”.

A @casadeoxumare geralmente cria eventos na funcionalidade específica e depois os compartilha em forma de postagem em seu *mural*. Na subpágina de *eventos* é possível ver os eventos futuros (que a @casadeoxumare é especialmente competente em divulgar com antecedência) mas também os passados: assinala quem demonstrou adesão e discorre um pouco sobre cada festa/orixá, às vezes com ancoragem narrativa em fatos históricos registrados na experiência da Casa; inclui sempre uma breve descrição dos orixás festejados e suas saudações em iorubá/iorubaiano⁶⁰.

Trata-se, a meu ver, de um dos mais interessantes recursos em uso pelas Casas de candomblé: corresponde a uma variante virtual da tradicional folhinha ou calendário litúrgico que se costuma distribuir no início de cada ano nas comunidades de terreiro. Uma particularidade: a @casadeoxumare usa esta função apenas para seus próprio *ajoduns*! Nem mesmo datas de celebração importantes também para o seu mundo ético religioso (por exemplo, jubileu de 50 anos de iniciação de abás ou 180 anos da Casa) figuram nessa modalidade.

⁵⁹ É frequente nos eventos que as pessoas convidadas publiquem sua resposta ao convite de forma subjetiva, na aba discussões além do uso dos botões automatizados de “comparecerei”, “não comparecerei” e “tenho interesse”. Isto em si também já daria todo um outro estudo específico!

⁶⁰ Ao fim de 2018 o modelo padrão de Página do Facebook foi alterado e os administradores foram convidados a escolher um modelo que se adequasse melhor à natureza de seu negócio: evento, loja etc. Aqueles que não fizeram a escolha até determinada data, foram migrados para um novo modelo padrão que, por exemplo, oculta a subpágina “eventos”. Espero que em breve um dos administradores reverta o layout da página para que esta subpágina fique mais uma vez facilmente localizável. Por enquanto é possível acessá-la pelo link direto: www.facebook.com/casadeoxumare/events

O primeiro registro de evento é para a festa de Oxossi, em março de 2012⁶¹. A partir do convite para a festa de Obá em 12 de junho de 2013, a @casadeoxumare passa a utilizar fotos de capa. Do evento de 12/01/2014 em diante, passa a utilizar sobretudo as imagens doadas de Caco Bressane ou imagens de Carybé para ilustrar as capas dos eventos⁶².

Figura 6 Subpágina "Eventos"

The screenshot displays the Facebook interface for the 'Casa de Oxumarê' page. At the top, there are interaction buttons: 'Curtiu', 'Seguindo', 'Compartilhar', and 'Fale conosco'. Below this is the 'Próximos eventos' section, which lists the upcoming event 'Ajòdún Sango' on June 15 at 20:00 UTC-03. The 'Eventos anteriores' section lists several past events, including 'Ajòdún Oya e Oba' (June 12), 'Dia Internacional do Meio Ambiente' (June 5), 'Ébùn Lati Iemojá' (March 24), 'Ajòdún Iemojá' (March 23), 'Mandu' (March 17), 'Ajòdún Ògún Dekísí' (March 16), 'Ajòdún Ode' (March 14), and 'Ajòdún Èsù' (March 9). Each event entry includes the date, time, location (Casa de Oxumarê, Salvador), and the number of attendees.

Fonte: Fanpage da Casa de Oxumarê no Facebook.

Além da função “eventos” e postagens derivadas, a @casadeoxumare costuma reforçar o convite para as festas com cards e postagens em contagem regressiva.

Festas de Casas descendentes

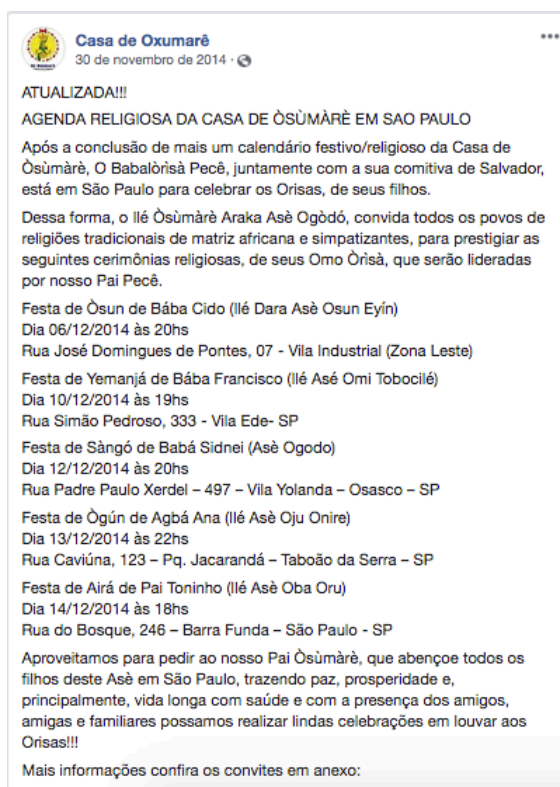
A @casadeoxumare tem por prática compartilhar convites, em forma de *cards*, para festas de Casas descendentes, sobretudo quando se trata de festas das quais participarão representantes do terreiro matriz (do Ilê Oxumarê). É uma forma fenomenal de endosso de filiação, muitas

⁶¹ <https://www.facebook.com/events/830862773668817/>

⁶² <https://www.facebook.com/events/1443903559156439/>

vezes também ilustrada pela imagem que acompanha a convocação: brasão da Casa matriz ou fotografia da líder religiosa do terreiro em festa com o babalorixá do Ilê Oxumarê. Nesse tipo de postagem é comum também o uso de recursos narrativos comumente associados a gêneros publicitários.

Figura 7 Postagem 821886907834549



Fonte: Fanpage da Casa de Oxumarê no Facebook.

6.1.2 Relatos de viagem

Se a memória compartilhada é elemento constituinte da narrativa cultural, um tipo de postagem merece especial atenção: os relatos de viagem. Além de compartilhar convites para celebrações religiosas de casas descendentes, é prática da @casadeoxumare postar fotografias, vídeos e pequenos relatos de viagem das festas das casas-filhas às quais envia representantes⁶³. Há aqui o objetivo declarado de comungar a experiência de família e celebração do elo, além de, de certa forma, conferir/legitimar a ligação e a prática da “discípula”.

Igualmente interessantes são as viagens em comitiva para representação política dos interesses do povo de axé (participação em congressos, falas em plenárias, encontro com políticos, visita a ilustres etc.) ou viagens a territórios africanos com os quais se reconhece um vínculo originário.

Figura 8 Postagem 656986767657898



Fonte: Fanpage da Casa de Oxumarê no Facebook.

Uma variante deste último procedimento (sem dúvida digno de posterior estudo aprofundado) são as *lives* feitas mostrando a chegada da comitiva do Ilê Oxumarê, sua recepção e sua participação em eventos em territórios africanos a que associa sua herança histórica e ancestral/religiosa.

Da mesma forma, e com os mesmos objetivos, a @casadeoxumare costuma compartilhar pequenos relatos, fotos, vídeos e transmissão ao vivo de algumas das suas festas ou dos preparativos para a celebração das mesmas. Trata-se de registro de momentos não

marcados por interditos relativos a documentação: nunca se publica, por exemplo, imagem de qualquer natureza de orixás incorporados ou assentamentos.

6.1.3 Séries próprias

Nesta seção faço um breve comentário acerca das séries próprias de conteúdo difundidas na fanpage da @casadeoxumare. Estes são alguns exemplos, apenas, pois algumas séries têm esta marca explícita apenas nos *cards* que as acompanham, tornando sua detecção pelo FacebookTool impossível.

Foram consideradas “séries” as que assim são designadas pelo enunciador. Há, por exemplo, séries de uma postagem só, e outras como tal declaradas apenas numa primeira postagem, mas servem como diapasão da tônica temática das publicações que as sucedem.

Conheça Antes de Ter Preconceito / Série Orixás

(fevereiro/março 2016, repostagem em maio do mesmo ano)

18 Cards com ilustrações dos orixás, dizeres “conheça-me antes de ter preconceito” sobrepostos à imagem. Imagens às vezes assinadas em emboss, design destoante do “oficial”, sem selo. Acompanhadas de texto falando sobre cada um dos orixás escolhidos, ocorrência de assinatura textual CASA DE OXUMARÊ⁶⁴. Ocorrência de grafia iorubá.

Exemplo:

CASA DE OXUMARÊ, ÈŞÙ, O CONTROVERSO..., Facebook: casadeoxumare, v. 1075802442442993 / Série Orixás, n. 1, 2016. Disponível em:
<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/1075802442442993>

Ética e Moral

(setembro de 2012, com repostagem em 2013)

Na primeira postagem desta série, explicita-se o que levou a sua criação: solicitações feitas pelo público virtual a partir de outra série, “O Preconceito Velado”.

⁶⁴ Note-se que as imagens do ilustrador Caco Bressane, “que dou [sic] para as mídias sociais da Casa de Oxumarê as ilustrações da SÉRIE ORIXÁS” (<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/674376875918887>) não são referentes a esta “Série Orixás”, mas a uma outra homônima de postagens de imagens apenas que, portanto, não entra no presente estudo. Outras imagens foram cedidas para uso nas redes sociais da Casa, de autoria de Marcelo Bruno, presente publicamente agradecido: <https://www.facebook.com/215511825138730/posts/1247266718629897>

Subdivide-se em cinco partes. A primeira, à qual não se atribui título, fala sobre “o momento de maior dificuldade e dor de um Terreiro, a morte da sua Ìyálòrìsà/Babalòrìsà”. As demais são assim denominadas: “Ética e Moral: Parte II Os Caçadores de Cabeças”, “Ética e Moral: Parte III A Troca de Divindades, Muitos Querem Ser do Òrìsà da Moda”, “Ética e Moral no Candomblé: IV O Dinheiro Compra Tudo?” e “A Ética e Moral no Candomblé: V Só a Minha Casa é Certa?!” (única da série que não é repostada).

Exemplo:

CASA DE OXUMARÊ, Ética e Moral: Parte III A Troca de Divindades, Facebook: casadeoxumare, v. 636298889726686 / Série Ética e Moral, n. 2, 2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/215511825138730/posts/636298889726686>

Série ÌYÁWÓ

(2012, repostada em 2014 e 2015)

Série de três postagens longas sobre as condutas apropriadas dos iaôs no Candomblé. Na repostagem de 2015, as três partes assim denominadas são unidas em uma só publicação e a caracterização de “série” é suprimida.

Exemplo:

CASA DE OXUMARÊ, ÌYÁWÓ – PARTE III: A POSTURA DO ÌYÁWÓ NO TERREIRO, Facebook: casadeoxumare, v. 684168834939691 / Série ÌYÁWÓ, n. 2, 2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/215511825138730/posts/684168834939691>

Série “Ede Yorubá”/ “Èdè Yorùbá”

(2014)

Série em três partes “que tem por objetivo abordar importantes conceitos acerca do Yorùbá, a língua do Òrìsà”.

Exemplo:

CASA DE OXUMARÊ, [Em continuidade a série “Èdè Yorùbá”], Facebook: casadeoxumare, v. 757122587644315 / Série Èdè Yorùbá, n.1, 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/215511825138730/posts/757122587644315>

**Série “O Preconceito Velado”
(2012, com repostagem em 2016)**

Aborda “questões que de modo subliminar, alvejam a nossa religião e o nosso povo”. Fantástico cruzamento de mundos éticos, a primeira postagem da série analisa um capítulo de novela televisiva.

Exemplo:

CASA DE OXUMARÊ, O Preconceito Velado - A Profanação do Sagrado – Parte I
Facebook: casadeoxumare, v. 444423472247563 / O Preconceito Velado, n. 1, 2012.
Disponível em: <https://www.facebook.com/215511825138730/posts/444423472247563>

Note-se: esta não é a única da postagem da @casadeoxumare com a cena pop! Mais adiante encabeça uma pequena campanha em defesa da novela “Salve Jorge”⁶⁵, que vinha recebendo críticas de telespectadores intolerantes e dá tamanha coça na cantora Elba Ramalho por causa de um pronunciamento infeliz que a mesma envia um vídeo de pedido público de desculpas, que a @casadeoxumare republica com comunicado público⁶⁶.

Vídeos às quintas

Outra série digna de nota, apesar de não se encaixar no recorte da presente pesquisa, é a de vídeos às quintas, estruturada como um programa audiovisual. Teve por mote os quase 500.000 seguidores da página: “Para comemorar nossa página trará novidades!!! Vamos publicar vídeos elucidativos, narrativas de histórias dos orixás e entrevistas com pessoas que muito contribuem para nossa religiosidade!!! Aguardem!!!” Os vídeos também respondiam perguntas dos internautas⁶⁷,

⁶⁵ CASA DE OXUMARÊ, [Vamos Salvar Jorge!], Facebook: casadeoxumare, v. 474090009280909, n. 1, 2012.

⁶⁶ CASA DE OXUMARÊ, Comunicado da Casa de Òsùmàrè à Sociedade Religiosa do Candomblé e Umbanda, Facebook: casadeoxumare, v. 1024941150862456, n. 1, 2015.

⁶⁷ Isto me leva a entendê-lo como precursor do seu atual programa de Facebook “Oju Awo”, que vai ao ar todos os sábados ao vivo, no qual duas iaôs entrevistam mais velhos ao vivo sobre temas previamente divulgados. O de 08/06/2019 (“O que é ser ekedji?”), com mais de 50 minutos de duração, teve mais de vinte mil visualizações.

Figura 9 Postagem 1227994637223772



Fonte: Fanpage da Casa de Oxumarê no Facebook.

6.1.4 Campanhas próprias

A @casadeoxumare encabeça campanhas próprias de engajamento em causas sociais, combate a preconceitos e intolerâncias, orgulho da religião. Também adere e se engaja em campanhas de iniciativas de outros, oferecendo um texto complementar que faz a ponte entre mundos éticos. Muitas das campanhas são apenas declaradas como tal na imagem que acompanha a postagem, ou se enquadram no rol das mensagens curtas. Outras não são chamadas explicitamente de campanhas, como a de combate ao mosquito da dengue, que aqui tomo por exemplo.

Combate ao mosquito da dengue

Três fotografias são publicadas em 2016. Retratam cenas reconhecíveis de cotidiano em um terreiro de candomblé, com pequenas adaptações feitas como sugestão de medidas preventivas a serem adotadas. No texto, o enunciador divulga dados estatísticos alarmantes e declara que também “entrou nessa guerra”, convoca “todas as comunidades de terreiro” para aderirem à campanha e adiciona ao habitual rol de recomendações presentes em panfletos do tipo algumas específicas para comunidades de candomblé: “Encha de areia a os pratos dos vasos de plantas e de axé; [...] Não faça oferendas externas em pratos, copos ou qualquer

recipiente que possa acumular água, lembrando que esses utensílios devem ser reservados às práticas religiosas internas”.

Exemplo:

CASA DE OXUMARÊ, [O Brasil está enfrentando uma verdadeira guerra contra o mosquito “Aedes aegypti”], Facebook: casadeoxumare, v. 1064434393579798, n. 2, 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/215511825138730/posts/1064434393579798>

Faça seu cadastro

A campanha mais interessante da @casadeoxumare, ao meu ver, foi esta de cadastramento de “filho, neto, familiar ou amigo da Casa de Oxumarê”. Foi lançada quase sem texto em 2011, repostada com algum texto em 2012 (poucas semanas depois da primeira) e repostada em 2014 sem texto nenhum.

Em nenhuma das postagens ocorreu número excepcional de reações e compartilhamentos, mas o seu sucesso em realidade foi retumbante.

Figura 10 Postagem 318788448144400



Fonte: Fanpage da Casa de Oxumarê no Facebook.

Autoridades da Casa me informaram que o número de pessoas que se cadastraram foi muito superior à capacidade do módulo. Por algum motivo técnico que meu informante não soube explicar, não conseguiram desativar o formulário⁶⁸, que já deixou de gravar novos registros há alguns anos.

CASA DE OXUMARÊ, [Você que é filho, neto], Facebook: casadeoxumare, v. 318788448144400, n. 2, 2012. Disponível em:
<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/318788448144400>

6.1.5 Retrospectivas

Seguindo uma prática que nos habituamos a ver na imprensa ao final do ano, a @casadeoxumare publica algumas séries retrospectivas, repostando conteúdo que foi bem recebido, julgado importante e marcado pela rememoração de fatos de destaque na vivência da Casa no ano que se encerra. No recorte cronológico da pesquisa, apenas os anos de 2012 e 2015 não tiveram “retrospectiva”.

6.1.6 Concursos/Promoções

A @casadeoxumare promove ainda concursos que estimulam engajamento. Esta é uma estratégia típica da comunicação em redes sociais, altamente recomendada para páginas e perfis que desejam ganhar mais visibilidade e seguidores. Não acontecem com muita frequência, mas o regulamente está sempre ligado a testemunho de vínculo com a Casa, e as recompensas são invariavelmente símbolos do mesmo. A linguagem é típica de textos publicitários.

Gan de Mestre Erenilton (2015)

O público é encorajado a marcar na postagem o nome de ogãs dedicados. O prêmio é um gan que foi feito e usado por Mestre Erenilton, celebrado alabê da Casa de Oxumarê.

⁶⁸ <http://casadeoxumare.com.br/index.php/cadastre-se/cadastro-religioso>

Convocatória:

CASA DE OXUMARÊ, ATENÇÃO: CADA PERFIL PODERÁ VOTAR APENAS UMA ÚNICA VEZ, Facebook: casadeoxumare, v. 869338059756100. Disponível em: <https://www.facebook.com/215511825138730/posts/869338059756100>

Resultado:

CASA DE OXUMARÊ, Ganador do “Gan” Confeccionado e Utilizado pelo Mestre Erenilton!!!, Facebook: casadeoxumare, v. 870085849681321. Disponível em: <https://www.facebook.com/215511825138730/posts/870085849681321>

Kit da Casa de Oxumarê (2012)

Promoção tendo por mote aniversário de Babá Pecê. Concorre-se a um kit que contém uma sacola de plástico, uma caneca e um prato com o brasão da casa. O premiado será aquele que enviar o melhor texto sobre a importância dos orixás para o planeta.

CASA DE OXUMARÊ, PROMOÇÃO: QUER GANHAR A SUA CANECA?, Facebook: casadeoxumare, v. 53046728051904. Disponível em: <https://www.facebook.com/215511825138730/posts/453046728051904>

Realizando o Seu Sonho Em Conhecer o Ile Oşumare Araka Aşę Ogodo – Na Festa do Nosso Patrono – Pai Oşumare

A promoção é apresentada pelo enunciador como ideia derivada de mensagens que recebe no Facebook de pessoas relatando o sonho de conhecer a Casa. É realizada com o apoio da agência de viagens AfroTours e o prêmio é passagem aérea de ida e volta e hospedagem no Terreiro durante as festividades de Oxumarê.

O participante para esta promoção deverá ser descendente da Casa de Oşumare, morar no Brasil e relatar no campo “Comentar” dessa publicação, uma história que conte o seu sonho em conhecer a Casa Matriz do seu Aşę, bem como, os motivos que impediram que esse sonho fosse realizado até hoje e explicar o seu merecimento em ser contemplado por este presente dado pela Afrotours. O comentário que tiver o maior número de curtidas até às 21hs do dia 06/08/2014, será a vencedora da promoção.

CASA DE OXUMARÊ, Realizando o Seu Sonho Em Conhecer o Ile Oşumare, Facebook: casadeoxumare, v. 763007327055841. Disponível em: <https://www.facebook.com/215511825138730/posts/763007327055841>

6.2 ASSINATURA

Embora a figura do pai de santo seja emblematicamente a que concentra em si a representação da Casa, por ser seu líder religioso e comunitário⁶⁹, observa-se que são relativamente poucas as mensagens do recorte expressamente assinadas pelo referido sacerdote (em comparação à frequência de postagens). Outras tantas, ainda em menor número, vêm expressamente assinadas por outras autoridades da Casa ou grupos de trabalho especializados em determinados temas.

Como já comentei, assinar uma postagem do Facebook é um comportamento redundante, pois cada publicação vem precedida do nome de usuário e seu avatar (foto de perfil). Relaciono, portanto, a atribuição de assinatura a uma necessidade de reiterar autoria, ancorando legitimação do conteúdo. Parece-me que o procedimento guarda relação com o teor da mensagem: tanto mais complexa se fará a assinatura (com sobreposição de títulos, grafia de termos em iorubá etc.) quanto mais severo ou formal for o tom da mensagem, ou quanto mais polêmico afigurar-se o assunto abordado, sobretudo quando o coenunciante presumido se aproxima de “povo de axé”).

Assinaturas identificadas no mostruário:

Terreiro de Òsùmàrè⁷⁰, Casa de Oxumarê⁷¹, Casa de Òsùmàrè⁷², Ilé Òsùmàrè Aràkà Àse Ògòdó⁷³, Ilé Òsùmàrè Aràkà Àşẹ Ògòdò , Casa de Osumarê⁷⁴, Axé Oxumarê⁷⁵ (aparece numa *hashtag*, recurso de uso pouco frequente no recorte cronológico observado)

Conselho consuntivo da Casa de Oxumarê⁷⁶, Bàbàlòrìsà Pecê Casa de Òsùmàrè⁷⁷, Pai Pecê - Babalòrìsà do Terreiro de Òsùmàrè⁷⁸, [Conselho Religioso da Casa de Oxumarê]⁷⁹, Bàbàlòrìsà

⁶⁹ Faço a distinção porque existem títulos diferentes para designar cada uma dessas responsabilidades.

⁷⁰ CASA DE OXUMARÊ, O Candomblé Não Pratica Sacrifício Humano!!!, **Facebook: casadeoxumare**, v. 471143859575524, n. 1, 2012.

⁷¹ CASA DE OXUMARÊ, [Aviso: proibido fotografar e filmar], **Facebook: casadeoxumare**, v. 364410546915523, n. 1, 2012.

⁷² CASA DE OXUMARÊ, ÌYÁWÓ – PARTE I: AS VISITAS AO TERREIRO, **Facebook: casadeoxumare**, v. 475919105764666 / Série ÌYÁWÓ, n. 1, 2012.

⁷³ CASA DE OXUMARÊ, Òrìsà Usa Máscara?, **Facebook: casadeoxumare**, v. 440706452619265, n. 1, 2012.

⁷⁴ CASA DE OXUMARÊ, Muito Cuidado com o que você faz na Internet!, **Facebook: casadeoxumare**, v. 784891381534102, n. 1, 2014.

⁷⁵ CASA DE OXUMARÊ, [#SouAxéOxumarê - Lutamos por um Candomblé melhor!], **Facebook: casadeoxumare**, v. 1138401406183096, n. 1, 2016.

⁷⁶ CASA DE OXUMARÊ, [Não podemos calar diante de negligências e desrespeito com nossa ancestralidade!], **Facebook: casadeoxumare**, v. 652641934759048, n. 1, 2013.

Silvanilton Encarnação da Mata Bábá Pecê CASA DE OXUMARÊ⁸⁰, Casa de Oxumarê Tradição Ancestral com compromisso Social⁸¹

6.3 QUEM SOMOS E EM NOME DE QUEM FALAMOS

Não é por acaso que nomeio este subcapítulo com uma frase na primeira pessoa do plural. Um dos traços mais constantes da auto-referência da @casadeoxumare é justamente este número verbal, muitas vezes empregado numa construção de enunciado que começa fazendo referência à “Casa de Oxumarê” ou “Ilê Axé Oxumarê” na terceira pessoa. Este tipo de construção sugere alguns possíveis fenômenos concorrentes. Por um lado, pode ser entendido como uma forma de assinalar, simultaneamente, reverência e pertença (ao mundo ético religioso). Por outro, parece indicar uma certa hesitação entre falar de si na terceira pessoa (o que poderia ser lido como pretensioso, distante, institucional e artificial) ou na primeira pessoa do plural exclusivamente (o que poderia ser mal visto, se interpretado como a incorporação de um enunciador individual que tem a audácia de falar pelo todo). Ainda é possível ler nesse fenômeno um impasse da ordem do mundo ético da plataforma: perfis são “eus”, páginas são “issos”.

A partir de hoje, o Terreiro de Òsùmàrè inicia uma serie semanal de postagem, abordando alguns temas que revelam o preconceito e, muitas vezes, o desconhecimento acerca dos dogmas da nossa religião, partindo dos próprios adeptos.⁸²

Um senso de coletivo antecede a todas as outras características constitutivas desse enunciador em particular. Ainda que a sua natureza seja híbrida, como veremos no próximo subcapítulo, não há dúvidas de que a @casadeoxumare não se entende como ente singular.

Um exemplo de personificação de lugar/instituição que deu errado é a estratégia de narrativa do @ecbarroquinha, que inventa para si uma personagem em seu discurso no Facebook (“Dona Barroca”), causando certo embaraço ao público da página, ao contrário do que provavelmente foi desejado pela equipe de comunicação. Não há, de fato, um senso de

⁷⁷ CASA DE OXUMARÊ, [Vamos Salvar Jorge!].

⁷⁸ CASA DE OXUMARÊ, Pai Pecê, fala sobre o Candomblé Tradicional e a Reafricanização, **Facebook: casadeoxumare**, v. 871029776253595, n. 1, 2015.

⁷⁹ CASA DE OXUMARÊ, NOTA PÚBLICA Sobre Registros Audiovisuais de Orixás e Cerimônias, **Facebook: casadeoxumare**, v. 850316264991613, n. 1, 2015.

⁸⁰ CASA DE OXUMARÊ, NOTA AO POVO E ÀS AUTORIDADES PÚBLICAS SOBRE O MOMENTO BRASILEIRO, **Facebook: casadeoxumare**, v. 1038791386144099, n. 1, 2015.

⁸¹ CASA DE OXUMARÊ, [NOTA PÚBLICA COMPARTILHE!], **Facebook: casadeoxumare**, v. 886574504699122, n. 1, 2015.

⁸² CASA DE OXUMARÊ, O PRECONCEITO VELADO – O IMPORTANTE É QUE O ORO JÁ ACONTECEU, A FESTA É SÓ FOLCLORE, **Facebook: casadeoxumare**, v. 438339016189342, n. 1, 2012.

coletivo pré-existente ligado ao Espaço Cultural da Barroquinha que sustente essa intimidade⁸³.

6.4 NÓS

O aprendizado no candomblé passa pelo corpo: incorporar, no sentido etimológico da palavra, é um mecanismo necessário para apreender. A experiência transporta e efetiva os laços que se formam entre o humano e o sobre-humano, as diversas dimensões e modulações de temporalidade, o trânsito simbólico entre ser e espaço (que é sempre lar, ambiente). Assim como o discurso para Maingueneau, os elementos do corpo dessa identidade coletiva são, a um só tempo, seus resultantes e seus resultados.

Pode-se argumentar que esta é uma dinâmica narrativa típica de qualquer discurso de pertença e origem. Talvez seja o caso. Mas tenho a impressão de que há uma conjugação um pouco diferente das relações entre os termos do sistema, por assim dizer, porque a relação tão íntima entre significante e significado – “corpo” e “essência” - *presencializa* passados e futuros. As distâncias se eliminam pela comunhão de experiência. É uma carga grande e precisa vir aos poucos; o corpo precisa estar preparado para que o sagrado aconteça: “(1) no ato de transferir uma corporalidade ao fiador; (2) na assunção pelo enunciador de um conjunto de esquemas correspondentes a uma maneira específica de relacionar-se com o mundo habitando seu próprio corpo; (3) a constituição, a partir das condições supracitadas, de um corpo da comunidade imaginária daqueles que aderem ao mesmo discurso”⁸⁴.

O presente eterniza a história. O axé, princípio básico da religião e da lógica de funcionamento de mundo deste grupo etno-religioso, é algo que acontece e precisa seguir acontecendo para ser sempre.

[...] no Candomblé, de nada vale o conhecimento sem que haja a experiência de vida. O aprendizado não pode ser visto como um ato isolado da vida, ou seja, não basta aprender, há que se colocar em prática e vivenciar as experiências daquilo que se aprendeu.⁸⁵

A narrativa de identidade coletiva da @casadeoxumare segue a mesma lógica argumentativa recorrente nas postagens que experimento em meu aprendizado religioso na Casa: somos herdeiros da história que temos; as provações pelas quais passamos nos

⁸³ “Povo da Bahia, a Dona Barroca aqui veio avisar que depois de alguns dias fechada para manutenção, reabriremos amanhã, às 18h, aqui na minha casa, a tão amada exposição ‘Orixás da Bahia’”. <https://www.facebook.com/ecbarroquinha/posts/2361412820796826>

⁸⁴ Eu mesma, no subcapítulo 4.1 da presente dissertação.

⁸⁵ CASA DE OXUMARÊ, EM DEFESA DA TRADIÇÃO, **Facebook: casadeoxumare**, v. 1002482969774941, n. 1, 2015.

conferem qualidades que nos equipam para lidar com as adversidades e portanto temos a *missão* e o *compromisso* (com o passado, o presente, o futuro e o eterno) de fazê-lo.

6.4.1 Legitimação

A legitimação dos ethe, da narrativa e da atuação da @casadeoxumare (ou seu argumento na enunciação) se dá através da invocação de recursos diferentes, a depender da situação do enunciado. Proponho alguns tipos e dou exemplos, que grifo:

a) paisagem mítica⁸⁶ (hiperenunciador, cronografia e/ou topografia)

As antigas Egbon-mi orientam as Iyawos para que jamais amolem uma faca na outra, evitando-se dessa forma, a ira de Ògún, o grande Orisa Guerreiro.⁸⁷

b) paisagem histórica (hiperenunciador, cronografia e/ou topografia)

Assumir ser praticante do candomblé é reconhecer perante a sociedade o valioso, rico e complexo legado cultural e religioso herdado de nossas civilizações ancestrais na África.⁸⁸

O Terreiro de Òsùmàrè, *sempre* foi um *importante seleiro de renomados Ògáns*. Grandes mestres surgiram aqui, tais como Posidônio, Paisinho, Januário, Manoel Alagbé e Erenilton, todos considerados e reconhecidos no chamado Candomblé da Linha 15 (berço de grandes Terreiros da Bahia), pela grande versatilidade frente aos atabaques e pelo grande domínio das antigas cantigas dos Òrisàs. A 'nova geração' de Ògáns da Casa de Òsùmàrè, segue o ensinamento e postura desses grandes mestres, perpetuando assim, essa importante história. Além disso, e principalmente, esses e outros importantes Ògáns, *foram e são reconhecidos pela postura e papel* dentro da Casa de Candomblé.

c) paisagem histórica (parceiro/co-fiador)

Não fomos nos que criamos estas diretrizes, *herdamos rico patrimônio cultural*, símbolo de resistência devemos seguir tal como nos foi legado não nos compete a mudar uma *tradição religiosa bicentenária* apoiada em uma *cultura milenar*. As tradições citadas acima *se apoiam nos principais terreiros de candomblé baianos*[.] Esperamos ter colaborado com a continuidade de nossa religião.

d) paisagem especializada de mundo ético específico

A Casa de Oxumarê, sendo um dos terreiros de candomblé mais antigos do Brasil, *registrado como patrimônio histórico e cultural da nação*,

⁸⁶ Este termo é utilizado aqui sem nenhuma conotação derogatória, faz referência aos encantados, aos orixás.

⁸⁷ CASA DE OXUMARÊ, Ile Idana, **Facebook: casadeoxumare**, v. 767862986570275, n. 1, 2014.

⁸⁸ CASA DE OXUMARÊ, [No candomblé encontram-se pessoas], **Facebook: casadeoxumare**, v. 21554855202940, n. 1, 2012.

não pode ser negligente e fazer de conta que não tem conhecimento de determinados fatos que comprometem a continuidade de nossas tradições.

6.4.2 Família, templo, comunidade, religião

Figura 11 Postagem 1189924307697472



Fonte: Fanpage da Casa de Oxumarê no Facebook.

Não parece ser um problema para a @casadeoxumare (nem para a Casa de Oxumarê!) que sua identidade tenha um aspecto formal flutuante entre comunidade, entidade, organização, religião, família e lugar. Como já comentei, esta é uma característica típica de terreiros de candomblé. Ilustro abaixo alguns dos qualitativos que a Casa usa para descrever a si e ao candomblé, uma forma de autodescrição por associação:

De acordo com a pesquisa o Candomblé conta com 572.100 adeptos. Sabemos que estes dados não correspondem à realidade, sendo que somente a família *Ôsùmàrè* ultrapassa este número divulgado e associado a outras famílias e comunidades, este número se multiplica várias vezes.⁸⁹

⁸⁹ CASA DE OXUMARÊ, [250 mil amigos em nossa página "Somos uma força que não pára de CRESCER], Facebook: casadeoxumare, v. 863398273683412, n. 1, 2015.

Casa de Oxumarê em específico

“Casa de Candomblé Tradicional e formadora de opinião”⁹⁰, “um dos mais antigos e tradicionais terreiros de candomblé da Bahia”⁹¹, “Casa de Candomblé centenária”⁹², “templo este, que é sinônimo de resistência e preserva um legado religioso e cultural em suas edificações e historia”⁹³

Candomblé

Reproduzo o primeiro exemplo selecionado tal como foi escrito, porque revela uma camada de possível dupla intenção de efeito, ou pelo menos dupla interpretação. Se, por um lado, nos gêneros textuais clássicos se convencionou o uso de caixa alta para títulos, manchetes, dar destaque a palavras específicas em situações nas quais o negrito e itálico não se podem empregar (como é o caso Facebook), nas redes sociais ele está associado a uma voz. Um texto em caixa alta é um texto gritado, dito de forma assertiva, enérgica, agressiva até.

CANDOMBLÉ NÃO É UMA RELIGIÃO DE MINORIAS E SIM UMA GRANDE FORÇA QUE NÃO PARA DE CRESCER⁹⁴, “religião dos yorùbás”⁹⁵, “Religião brasileira, de Matriz Africana, ultrapassando os séculos com resistência, persistência e tradição”⁹⁶, “uma religião que agrega todas as classes sociais”, “nós de Candomblé, povo de resistência”⁹⁷

6.4.3 Missão, Luta, Compromisso

Reproduzo aqui algumas passagens em que o ethos de “herdeiros de uma tradição e portanto uma missão” é explicitado: “Há um antigo provérbio yorùbá que diz: ‘Você só completará a sua missão, se cumprir a missão dos seus antepassados’”⁹⁸.

É notável a reincidência de vocábulos como “luta”, “guerra”, “campanha” pela @casadeoxumare para descrever as causas com as quais se afirma envolvida, empregando uma ideia de movimento, comunicando, assim, um corpo enunciador alerta e engajado.

⁹⁰ CASA DE OXUMARÊ, Òrisà Usa Máscara?

⁹¹ CASA DE OXUMARÊ, NOTA AO POVO E ÀS AUTORIDADES PÚBLICAS SOBRE O MOMENTO BRASILEIRO.

⁹² CASA DE OXUMARÊ, [Turbantes do Aladim, Soutien de Nadador, fazem parte do Candomblé Tradicional???], **Facebook: casadeoxumare**, v. 790121341011106, n. 1, 2014.

⁹³ CASA DE OXUMARÊ, [NOTA PÚBLICA COMPARTILHE!].

⁹⁴ CASA DE OXUMARÊ, [No candomblé encontram-se pessoas].

⁹⁵ CASA DE OXUMARÊ, O Culto aos Ancestrais e a Reencarnação no Candomblé, **Facebook: casadeoxumare**, v. 485447591478484, n. 1, 2012.

⁹⁶ CASA DE OXUMARÊ, A TRADIÇÃO, **Facebook: casadeoxumare**, v. 1070779649611939, n. 1, 2016.

⁹⁷ CASA DE OXUMARÊ, [#SouAxéOxumarê - Lutamos por um Candomblé melhor!].

⁹⁸ CASA DE OXUMARÊ, O Culto aos Ancestrais e a Reencarnação no Candomblé.

Assim convidamos todas as comunidades de terreiro a participar desta luta, cada uma fazendo a sua parte e com a adoção de medidas simples sairemos vitoriosos!!⁹⁹

A noção de responsabilidade para com seus predecessores (míticos e humanos) e futuras gerações confere nobreza heroica e distinção ao enunciador.

Em quanto casa matriz, somos conscientes e convictos que não podemos ser negligentes, somos responsáveis pela cultura e religiosidade disseminada em nome de nosso terreiro e sobre tudo, um fiel compromisso com nossa ancestralidade, divindades e todos descendentes da Casa de Oxumarê.¹⁰⁰

No convite para a celebração dos 180 anos de fundação da Casa, o texto elogioso vem acompanhado de uma ilustração que também evidencia paisagens de legitimação do discurso, tornando redundante o trabalho interpretativo da analista que vos escreve: o arco-íris é a materialização do orixá patrono da Casa (o sagrado está presente); os dirigentes prévios do Terreiro estão *por trás* do atual babalorixá (a ancestralidade está presente): tudo isso numa ilustração digital de autoria de André Hora (o presente está presente!).

Figura 12 Postagem 1146390772050826



Fonte: Fanpage da Casa de Oxumarê no Facebook.

⁹⁹ CASA DE OXUMARÊ, [O Brasil está enfrentando uma verdadeira guerra contra o mosquito “Aedes aegypti”], Facebook: [casadeoxumare](#), v. 1064433170246587, n. 1, 2016.

¹⁰⁰ CASA DE OXUMARÊ, [#SouAxéOxumarê - Lutamos por um Candomblé melhor!].

6.5 PRESENÇA NA INTERNET

A @casadeoxumare declara em diversas postagens os motivos pelos quais está na internet, seus objetivos e limites, antecipando uma reação de estranhamento do coenunciante. Antecede desta forma perguntas e críticas que imagina que coenunciantes de vários perfis possam estar fazendo.

Aqui fica evidente que, para o enunciador, a presença em meio virtual não é inconciliável com o status/imagem de representante de uma tradição (em suas palavras) “milénar”, “multissecular”, que “preserva” a “essência” da “herança”. Pelo contrário. Ao longo da realização do discurso, por várias vezes essa presença é defendida como estratégia, adequada para cumprir a missão de preservação e difusão de um “candomblé sério”, “tradicional”.

6.6 FACEBOOK/INTERNET NA VISÃO DO ENUNCIADOR

Na postagem que anuncia o lançamento do site e blog da Casa de Oxumarê, a internet (através dessas modalidades) é descrita na mesma enunciação como “meios de comunicação”, “mecanismo”, “espaço” e “canal”:

Dia 30/11 entrará no ar site e o blog da Casa de Òsumàrè. Estes meios de comunicação terão como principal objetivo servirem como mecanismo para fortalecer as religiões de matriz africana e será também um espaço para compreender o candomblé e desmitificar conceitos. Um canal direto de diálogo entre a sociedade e a Casa de Òsumàrè. <http://www.casadeoxumare.com.br/>¹⁰¹

Sua descrição como “espaço” é a mais comum:

“Ao longo de toda essa jornada, também publicamos nesse espaço, matérias que tinham como proposta esclarecer sobre as vestimentas dos Orisas e de seus filhos”¹⁰², “Em diversas oportunidades abordamos nesse espaço, questões relacionadas às vestimentas dos Òrìsàs e dos

¹⁰¹ CASA DE OXUMARÊ, [Dia 30/11 entrará no ar site], **Facebook: casadeoxumare**, v. 318729144803956, n. 1, 2011.

¹⁰² CASA DE OXUMARÊ, [Nós da Casa de Òsumàrè, desde o início das publicações nesta Fanpage], **Facebook: casadeoxumare**, v. 793307784025795, n. 1, 2014.

adeptos do Candomblé”¹⁰³, “Estamos somente, aproveitando esse espaço de comunicação, para participar à sociedade aquilo que pregamos em nossa rica e linda tradição.”¹⁰⁴

Mas também ocorre ser a internet descrita como instrumento: “Divulguem e integrem-se a nossa fanpage e vamos fazer dela um instrumento de utilidade e interesse para todos os povos de religiões de matriz”¹⁰⁵

6.6.1 Objetivo

Elucidar, desmistificar, orientar

Este eixo parece ter pelo menos três tipos de coenunciadores presumidos. De um lado, um coenunciador não-especializado (não-adepto, não-simpatizante, potencial adversário, mas tratado com respeito). Nestes casos o “elucidar” se alinha com a temática de “combate à intolerância”, tão cara à Casa. Na maioria das postagens desse tipo, o tom é amigável. No exemplo abaixo, a @casadeoxumare traz à cena a paisagem topográfica da fanpage e cronografia que a um só tempo alude à competência do enunciador (planejado, sistemático, generoso) e imprime um corpo de camaradagem, “freguesia” (eu te vejo, você não está sozinho, costumamos nos encontrar por aqui).

Conforme vocês devem ter observado na série de postagens que estamos publicando, estamos tentando elucidar o motivo dos rituais que realizamos

... de bônus, um recadinho para o coenunciador presumido adepto crítico:

... sem obviamente ultrapassar o limite daquilo que só é permitido aos iniciados ...

Volta a atenção para o primeiro tipo de coenunciador, sem tirar o olho do outro (a “história” aqui pode ser entendida como um hiperenunciador)

... Tudo que fazemos tem um porque, uma razão, uma história. Nada é ao acaso.”¹⁰⁶

Não se perde de vista o outro coenunciador, representado por adeptos de candomblé da própria Casa ou de Casas descendentes. O exemplo abaixo não poderia ser mais explícito:

¹⁰³ CASA DE OXUMARÊ, [Turbantes do Aladim, Soutien de Nadador, fazem parte do Candomblé Tradicional???].

¹⁰⁴ CASA DE OXUMARÊ, ÌYÁWÓ – PARTE I: AS VISITAS AO TERREIRO.

¹⁰⁵ CASA DE OXUMARÊ, [Com a finalidade de acolher mais amigos], **Facebook: casadeoxumare**, v. 294301800612285, n. 1, 2011.

¹⁰⁶ CASA DE OXUMARÊ, [OȘOGIYAN O GUERREIRO DE EJIGBO], **Facebook: casadeoxumare**, v. 452825761407334 / Série Orixás, n. 1, 2012.

[...] quando discorremos sobre uma matéria, o fazemos para orientar os descendentes da Casa de Òsùmàrè, pois acreditamos que somente deste modo garantiremos a continuidade de nossa Tradição [...] ¹⁰⁷

Identidade

A partir de hoje, o Terreiro de Òsùmàrè inicia uma serie semanal de postagem, abordando alguns temas que revelam o preconceito e, muitas vezes, o desconhecimento acerca dos dogmas da nossa religião, partindo dos próprios adeptos. Dessa forma, esperamos contribuir para um melhor esclarecimento e *construção de uma identidade forte*, salvaguardado-nos das falas de adeptos desconhecedores do nosso credo religioso ¹⁰⁸

Difusão como estratégia de preservação

A @casadeoxumare declara abertamente em uma postagem de 2015 um dos mais fortes argumentos a favor de sua presença online, que em tantas outras publicações apenas se insinua: “Difundindo nossa cultura garantimos sua preservação” ¹⁰⁹

Compartilhar / Estreitar laços

Geral (e naturalmente) o argumento de compartilhar/estreitar é usado com em postagens cujo coenunciante é “povo de axé” ou correlato.

Com a finalidade de acolher mais amigos e expandir nosso canal de comunicação transformamos nosso perfil do facebook em fanpage, podendo assim ter um numero ilimitado de amigos. ¹¹⁰

Transparência

O enunciador reclama para si em postagem única, ao menos de forma explícita, o dever de transparência para com a sociedade:

Ao mesmo tempo, autorizei que a Casa de Oxumarê, enquanto entidade jurídica pertencente à sociedade civil, publicasse um documento em nossos meios de comunicação pelo dever de transparência que temos perante

¹⁰⁷ CASA DE OXUMARÊ, Algumas considerações acerca de se paramentar o segundo Òrișà, **Facebook: casadeoxumare**, v. 1064498680240036, n. 1, 2016.

¹⁰⁸ CASA DE OXUMARÊ, O PRECONCEITO VELADO – O IMPORTANTE É QUE O ORO JÁ ACONTECEU, A FESTA É SÓ FOLCLORE.

¹⁰⁹ CASA DE OXUMARÊ, Igi Ope a Árvore da Fundação, **Facebook: casadeoxumare**, v. 914930371863535, n. 1, 2015.

¹¹⁰ CASA DE OXUMARÊ, [Com a finalidade de acolher mais amigos].

a sociedade, tratando nossa religiosidade com a devida dignidade e institucionalidade que merece.¹¹¹

Esta é, aliás, uma postagem fantástica do ponto de vista de cenografia da narrativa. Não há como assinar mais uma mensagem do que foi feito com esta. O vídeo que acompanha o texto começa com uma vinheta do brasão da casa, com um soar de trombetas. Mãe Sandra, Iya Kekerê da Casa, lê em tom solene o conteúdo de uma carta (o mesmo da postagem) que tem em mãos, ao lado do Babá Pecê, que aquiesce. Em seguida, o babalorixá faz um apelo consternado e faz bênçãos. Vinheta, brasão, trombetas, fim.

6.6.2 A @casadeoxumare e o candomblé: limites

A @casadeoxumare se mostra muito cautelosa quando se trata de falar sobre ritos, procedimentos, dogmas e liturgias. Se, por um lado, não hesita em discorrer sobre o que considera apropriado ou de acordo com a tradição e a *essência* que tem por missão preservar, por outro alerta sempre que não tem a pretensão de dizer ou saber o que é o certo para todos na religião. O caso é um pouco diferente quando se trata de terreiros descendentes. Deles se requer uma conduta condizente com os ensinamentos e as práticas da matriz. Não se espera que tenham exatamente o mesmo tipo de realização ritual, mas há limites. Observemos o trecho de uma postagem de 2016:

Não é nossa pretensão delinear regras gerais, mas consolidar os procedimentos específicos do nosso Àṣẹ e daqueles que pretendem segui-lo como descendentes diretos. Há quase duzentos anos na Casa de Òṣùmàrè adotamos procedimentos rituais, mantendo nossos costumes no culto aos Òrìṣà. Portanto, é preciso compreender que estes devem ser a referência de todos aqueles que descendem deste Àṣẹ e se orgulham de se apresentar como tal. Conforme o provérbio (òwe): “Agbasà ni bàbá òkúta” (A rocha é o pai da pedra). O Candomblé não nos pertence. Nós é que pertencemos a Ele.”¹¹²

O enunciante evoca à cena cenografias de passado histórico e ritual, faz apelo a valores que associa a sua identidade em função de sua origem, de sua genealogia: valores de resiliência e perseverança. Faz uso de participação-*owe* e emprego de grafia iorubá, delineando um ethos didático, que apresenta o argumento por etapas e envolve a tradução de termos em iorubá. O tom maternal/paternal aciona o tesouro estereotípico do coenunciante, fazendo referência a

¹¹¹ CASA DE OXUMARÊ, [Filhos, filhas e todo Povo de Axé], **Facebook: casadeoxumare**, v. 1149823728374197, n. 1, 2016.

¹¹² CASA DE OXUMARÊ, Òrìṣà Usa Máscara?

uma figura que pode, sem prejuízo de contradição, mostrar-se a um só tempo doce e severa. Encerra com uma particitação-slogan.

A @casadeoxumare legitima sua presença na internet e sua representatividade em diversas postagens, mas o trecho abaixo talvez seja o mais incisivo, embora passe quase despercebido em meio a uma cena maior que se desenha. Ainda na dramaturgia de um ethos de herdeiro-guardião, fala sem falar de um fato ocorrido, a que alude sem dizer quando nem como aconteceu. Trata-se de uma prática narrativa do grupo, prática esta que pode levar ao desespero pesquisadores desavisados. A cena de enunciação apresenta paisagens negativas que imprimem urgência, deixando o ethos herói sem alternativa senão tomar providências severas. Evoca paisagens, cronografias e topografias que induzem ao mesmo tempo diferentes efeitos: legitimam seu status de representante da religião e da herança ancestral (hiperenunciador); qualificam, por associação a Orixás e ancestrais, os valores que embasam as ações a serem realizadas – resiliência, abnegação, superação, luta – e outros ainda, como a humildade, um valor, de acordo com as regras do mundo ético, impassível de autoatribuição, apenas imputável através do reconhecimento de pares (hiper)qualificados. O enunciador emprega também um ethos de competência, demonstrando plano, estrutura e organização; recorre ainda ao ethos que a particitação-slogan tão bem representa: *tradição ancestral com compromisso social*. (Este hiperenunciador legitima e qualifica, além de implicar uma postura presente de manutenção, defesa, responsabilidade):

Na incansável tentativa de combater esses excessos e abusos constantes, atuamos na difusão de valores e princípios através de nossas periódicas publicações em redes sociais e diálogos permanentes, mantidos entre a alta cúpula da Casa de Oxumarê com seus descendentes. Lamentavelmente, mesmo diante de tanto compromisso pela manutenção dos valores referidos, ainda não logramos o êxito almejado. Por intermédio da herança ancestral somos comprometidos com nossa religiosidade e, persistentes, não deixaremos de atuar, não seremos coniventes com erros e como não poderia ser diferente, respeitando os ensinamentos e exemplos dos que nos antecederam e mesmo diante das dificuldades ora enfrentadas, perpetuaremos nossas ações em nome da preservação do Axé. No intuito de pacificar os corações dos sérios representantes do nosso Axé, e preservar futuros iniciados dentro de candomblé de prováveis enganos, após as devidas análises, as casas descendentes serão publicamente reconhecidas pela Casa de Oxumarê, e vão constar em um rol explícito, de fácil consulta inclusive virtual. Por oportuno, cumpre-nos informar, que será criando uma Ordem de caráter religioso com o objetivo de resguardar os nossos dogmas, posicionar-se frente a sociedade em relação a determinados questionamentos, produzir escritas sobre a religiosidades da Casa de Oxumarê, dentre outras funções. Dentro desta ordem constará uma comissão de ética que se encarregará de julgar os casos de desobediência, excessos e abusos envolvendo os descendentes deste Axé multissecular, ficando também em sua incumbência analisar os Casos que por ventura exijam exclusão de nosso seio familiar. A Casa de Oxumarê, sendo um dos

terreiros de candomblé mais antigos do Brasil, registrado como patrimônio histórico e cultural da nação, não pode ser negligente e fazer de conta que não tem conhecimento de determinados fatos que comprometem a continuidade de nossas tradições. Se calar mediante a fatos que alteram a essência dos fundamentos deixados por nossos ancestrais é ser conivente com os erros e descompromissados com a sociedade que tantos nos preocupamos e temos a missão de zelar. Nosso compromisso não é somente com a sociedade religiosa atual, somos engajados em manter viva a religiosidade e cultura de nossos antepassados que enfrentaram a escravidão, o massacre cultural e religioso, em uma época que era extremamente proibido qualquer manifestação cultural e religiosa por africanos ou afrodescendentes. Manter viva a crença dos nossos ancestrais, que, eram presos, torturados e ainda expostos a uma série de humilhações, com os que foram obrigados a andar com os atabaques na cabeça até a delegacia para que as elites racistas tivessem a oportunidade de colocar toda a sua intolerância e preconceito para fora; com aqueles que para manter viva sua fé, em muitos momentos abdicaram do próprio alimento e mesmo com fome, tiveram forças para edificar e perpetuar os dogmas da Casa de Oxumarê, templo este, que é sinônimo de resistência e preserva um legado religioso e cultural em suas edificações e história.

6.6.3 Pauta

O enunciador revela em algumas postagens mecanismos de elaboração de pauta para as postagens na fanpage. Em algumas delas fala diretamente da interação com os “visitantes” da página e revela que recebe pedidos específicos de assuntos a serem abordados.

[...] recebemos dezenas de mensagens pedindo que abordássemos alguns temas como a migração de Omo Òrisà entre os Terreiros, a Postura de Sacerdotes e Ògáns, a Falta de União entre as Casas, etc. Observamos atentamente cada pedido de postagens [...] Em verdade, para nós do Terreiro de Òsumàrè, poder atender aos pedidos que recebemos daqueles que visitam e comentam em nossa Fanpage, Blog e Site é uma grande satisfação.¹¹³

Note-se aqui o ethos de uma @casadeoxumare presente em seu tempo, habitante nativa de um mundo virtual (antig@s, displicência com a acentuação em português), sem por isso abdicar da conduta que se espera no mundo ético do candomblé (buscar orientação junto aos mais velhos):

Estamos nos reunindo com as mais antig@s da Casa de Oxumare na busca de preparar pautas e orientações de interesse para o povo de santo.¹¹⁴

¹¹³ CASA DE OXUMARÊ, Ética e Moral: Parte I, **Facebook: casadeoxumare**, v. 460181524005091, n. 1, 2012.

¹¹⁴ CASA DE OXUMARÊ, Ética e Moral: Parte I, **Facebook: casadeoxumare**, v. 460181524005091, n. 1, 2012.

6.6.4 Awo

“Nós do Terreiro de Òsùmàrè, esperamos estar contribuindo para a elucidação e edificação da nossa Cultura, explanando sobre os nossos importantes dogmas sem que, no entanto, revelemos aquilo que só é facultado aos iniciados. Que o nosso Pai, Òsùmàrè Aráká, abençoe sempre a vida de vocês. Terreiro de Òsùmàrè.”¹¹⁵

6.6.5 Interação com a audiência

Para além de postagens cuja natureza pressupõe e convoca interação (concursos, por exemplo), em algumas publicações a @casadeoxumare se dirige diretamente a seus seguidores virtuais, agradecendo sua fidelidade e encorajando as trocas:

Como forma de agradecimento a todos que acompanham nosso trabalho através da página do Facebook a Casa de Oxumarê tem o prazer de compartilhar com vocês este espaço e os nossos 250 Mil Amigos. Use este post para divulgar a página da sua Casa ou mesmo de serviços e produtos relacionados ao Axé. Somente divulgações relacionadas ao Povo de Santo, serão aceitas. #JuntosSomosMais¹¹⁶

Declara-se contente com a interação:

A Casa de Oxumarê, em especial a equipe designada pelo Babalorixá Pecê, para gerenciar as redes sociais do Terreiro, agradece o carinho dos familiares e amigos que interagem conosco, fomentando a comunicação com todos os povos de santo. Postar notícias, divulgar eventos, compartilhar ideias e pensamentos ultrapassam o dever que nos foi encarregado, se tornou um prazer. Estar compartilhando e curtindo no facebook junto com vocês nos completa. Prova esta, que estaremos juntos até mesmo nos feriados! <https://www.facebook.com/casadeoxumare>¹¹⁷

“O Candomblé não é imutável e talvez nada seja”¹¹⁸

Parece-me claro que a relação entre o tradicional e o novo para a @casadeoxumare é a um só tempo simples e complexa: contanto que não se traia a essência, os princípios do sagrado, a

¹¹⁵ CASA DE OXUMARÊ, [#SouAxéOxumarê - Lutamos por um Candomblé melhor!], **Facebook: casadeoxumare**, v. 1138401406183096, n. 1, 2016.

¹¹⁶ 18/10/2015 CASA DE OXUMARÊ, [Òsùmàrè senhor do movimento], **Facebook: casadeoxumare**, v. 309777965712115, n. 1, 2011.

¹¹⁷ CASA DE OXUMARÊ, A Casa de Oxumarê, em especial a equipe designada, **Facebook: casadeoxumare**, v. 299112573482136, n. 1, 2012.

¹¹⁸ CASA DE OXUMARÊ, Pai Pecê, fala sobre o Candomblé Tradicional e a Reafricanização.

vontade dos orixás, o novo pode e deve chegar. Pois se por um lado há compromisso com a manutenção da tradição, não deixa de ser tradição que o novo sempre venha.

“Porém é nosso dever não permitir que nossos descendentes mude a essência, cultura e religiosidade legada para nós.”¹¹⁹

É seguindo essa lógica que a @casadeoxumare admite e faz especializado uso das redes sociais (como canal-lugar-estratégia-meio para elucidar-explicar-compartilhar e assim preservar-perpetuar), mas aponta os limites:

Para nós, os livros e os conteúdos de internet, servem como acervos sobre a história das religiões de matriz africana, mas não como conhecimento de uso litúrgico ou cotidiano em uma casa de Candomblé. Aliás, somos veementemente contra a exposição de vídeos e fotos do sagrado, que achamos desnecessárias, desrespeitosas e em desacordo com as nossas tradições e religiosidade. Nada substitui a hierarquia, o tempo dos Orixás e a sabedoria dos mais velhos. Aliás, foi graças aos mais velhos que chegamos até aqui.¹²⁰

Posicionar-se acerca desse tema é encarado como missão pelo enunciador, pois

Se calar mediante a fatos que alteram a essência dos fundamentos deixados por nossos ancestrais é ser conivente com os erros. Portanto, seguindo a nossa tradição ancestral, Iremos relatar as ultimas mudanças que agridem os princípios do candomblé com a intenção de contribuir para restauração do equilíbrio e tradições.¹²¹

Vamos e convenhamos!

Todo esse cenário desprovido do bom senso nos faz refletir muito, muito sobre os rumos que alguns adeptos do Candomblé estão seguindo e de forma muito negativa e depreciativa, construindo uma nova religião. É difícil conceber a ideia de pedir para um Òrisà aguardar para que possamos registrá-lo. É difícil imaginar alguém falando: “Meu Pai Obaluwaiye o senhor pode tirar o azem para fazermos uma selfie”? “Oh minha mãe Oxum, vire o espelho, pois está refletindo na lente da câmera”...¹²²

6.7 COENUNCIADOR – A QUEM SE DIRIGE A MENSAGEM

¹¹⁹ <https://www.facebook.com/215511825138730/posts/654115251278383>

¹²⁰ CASA DE OXUMARÊ, EM DEFESA DA TRADIÇÃO.

¹²¹ CASA DE OXUMARÊ, [Não podemos calar diante de negligências e desrespeito com nossa ancestralidade!].

¹²² CASA DE OXUMARÊ, [Nós da Casa de Òsumarê, desde o início das publicações nesta Fanpage].

“Filhos, filhas e todo Povo de Axé”, “Povo de Axé”, “Povo de Santo”, “Amigos”¹²³, “Irmãos”, “população Candomblecista”, “todos os internautas”¹²⁴, “Povo brasileiro”, Relação com outros

A @casadeoxumare conclama e convoca com frequência em suas postagens para que o “povo de axé” ou “povo de santo” (“nós” no qual, naturalmente, se inclui) não se cale perante afirmações deturpadoras das pessoas”, maneira como comumente se refere àqueles que desconhecem e difamam a religião; aliás, às vezes, “as pessoas” parece incluir adeptos e/ou simpatizantes da religião caracterizados como ameaças à missão de preservação do essencial e união contra difamação e fofoca (ejó).

Família, Comunidade, Sociedade

Procurei observar a ocorrência dos termos *família*, *comunidade* e *sociedade* no corpus da pesquisa. Suspeito que a @casadeoxumare as emprega de modo diferente, conforme o grau de proximidade do mundo ético que reclama no argumento da enunciação. Esta é uma das hipóteses que pretendo verificar em fase posterior da pesquisa, pois, embora à primeira vista ela pareça válida para *família*, parece haver certo intercâmbio entre os termos *comunidade* e *sociedade* tal como os assinalo na ilustração abaixo::

a) Família (sinônimo de egbé – endo-endo);

Dentro desta ordem constará uma comissão de ética que se encarregará de julgar os casos de desobediência, excessos e abusos envolvendo os descendentes deste Axé multissecular, ficando também em sua incumbência analisar os casos que, por ventura, exijam exclusão do **seio familiar** de nosso axé.

b) Comunidade (diferentes egbé e outras religiões simpáticas de matriz africana, grupos com quem a Casa de Oxumarê compartilha laços de origem e pertença (mítica ou histórica) localizados numa paisagem/cenografia de diáspora; às vezes se atribui a *família* distante – endo-exo):

Assim convidamos todas as comunidades de terreiro a participar desta luta, cada uma fazendo a sua parte e com a adoção de medidas simples sairemos vitoriosos!!¹²⁵

¹²³ CASA DE OXUMARÊ, [Ôsùmàrè senhor do movimento], **Facebook: casadeoxumare**, v. 309777965712115, n. 1, 2011, l. 309777965712115.

¹²⁴ CASA DE OXUMARÊ, Terreiro de Oxumarê lança amanhã (30/11), Quarta-Feira seu site, blog e Redes sociais oficiais., **Facebook: casadeoxumare**, v. 298504916839420, n. 1, 2011.

- c) Sociedade (coletivo com quem compartilha algum repertório cultural, espaço e momento histórico, mas a quem não reconhece como participante de “família” nem “comunidade” - exo).

Por oportuno, cumpre-nos informar, que será criando uma Ordem de caráter religioso com o objetivo de resguardar os nossos dogmas, posicionar-se frente a **sociedade** em relação a determinados questionamentos, produzir escritas sobre nossas religiosidades da Casa de Oxumarê, dentre outras funções.

Um comentário sobre as Casas descendentes

Há um mapeamento em curso dessas instituições, que resultará numa publicação no site oficial, gerando um rol consultável. Espera-se das afiliadas uma certa conduta condizente com as orientações da Casa Matriz, sob pena de repreensão e até desligamento.

A “ameaça” não é vazia: em 16 de maio de 2016, um terreiro descendente, situado em São Paulo, foi compulsoriamente desligado da linhagem da casa. Este anúncio foi publicado em papel timbrado no site da Casa e na fanpage¹²⁶.

Metáfora da árvore

A metáfora da árvore é muito recorrente na narrativa deste grupo etno-religioso. Cultivam-se raízes, planta-se axé e as Casas derivadas são terreiros ramificados.

¹²⁵ CASA DE OXUMARÊ, [O Brasil está enfrentando uma verdadeira guerra contra o mosquito “Aedes aegypti”].

¹²⁶ CASA DE OXUMARÊ, [l]jeníyà ìlájáde], **Facebook: casadeoxumare**, v. 1128845510472019, n. 1, 2016.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tenho ciência de que a Casa vem elaborando um documento no qual registra suas tradições religiosas, ainda em fase de elaboração, o “Asà Ìwé – Livro das Tradições da Casa de Oxumarê”. A intenção é que seja utilizado internamente, como guia consultivo de práticas e ritos. Nenhum *awó* é revelado nesse documento. Tenho uma cópia de uma versão preliminar, que consultei em alguns casos para esta pesquisa, a fim de melhor entender estrutura hierárquica e determinados vocábulos. Sem prejuízo da sua confidencialidade, posso comentar que o mesmo é estruturado seguindo a formatação de um trabalho acadêmico, com capa, contracapa e um organograma que, inclusive, foi recentemente publicado no Facebook (sem maiores explicações dos termos ali ilustrados, diga-se de passagem). É evidente a preocupação da Casa em orientar sobre as posturas e costumes que julga apropriados no Candomblé. Isso é feito sempre com muito cuidado para deixar claro que o Ilê Oxumarê não pretende proclamar-se detentor absoluto da verdade candomblecista ou proponente de uma formatação da religião. Como faz questão de reiterar em sua comunicação no Facebook, o Ilê Oxumarê tampouco tem a pretensão de fixar o certo, o correto, “engessar a regra”. Considero de extrema relevância a assunção pelo egbé do discurso sobre a própria trajetória inscrito nessa plataforma. Através de sua presença virtual e fazendo uso sofisticado e complexo das ferramentas disponíveis, a Casa de Oxumarê frisa a importância que atribui ao fato de ser uma comunidade participante, atuante e reflexiva e **empenhada em demonstrá-lo**.

A CASA DE OXUMARÊ

A partir de um primeiro olhar sobre o conjunto total da obra, julgo possível afirmar (e acredito tê-lo comprovado através das postagens selecionadas) que a @casadeoxumare procura caracterizar-se como:

- bem informada: cita fontes, recomenda leituras, compartilha campanhas;
- atenta ao trato com seu egbé e família de santo: notas de congratulações e pêsames, convite a festividades, divulgação de agenda de viagens, lives;
- refletida, engajada, combativa: discute/debate temas importantes, defende valores;
- respeitosa das tradições ancestrais africanas: valoriza o *awó*, emprega a grafia iorubana de termos dessa origem, corrige erros no enunciado de jaculatórias e fórmulas rituais etc.;

- ciosa de seus próprios dogmas e zelosa de suas liturgias: mostra cuidado com paramentos e praxes rituais etc.
- atenciosa no trato com outros terreiros de candomblé, cuja autonomia reconhece: preocupa-se sempre em sublinhar que sua pregação de ortodoxia se cinge ao que se pratica no seu egbé e afirma estar ciente das diferenças de tradição, que as respeita e preza (“cada Casa é um caso”: os exemplos aqui são muitos e recorrentes)
- consciente das demandas modernas de adaptação (que não lê como corrupção de significados, mas como adaptação de significantes. Postula que muitas vezes o “novo” se aproxima ainda mais do “ancestral” do que do “novo antigo” (passado histórico da religião no Brasil);
- atenta ao que ocorre no seu entorno, às circunstâncias do meio contemporâneo: comentário de novelas, de cenas políticas etc.
- portadora de compromisso ético e moral tanto dentro como fora do âmbito religioso;
- capacitada a agir como conselheira, tanto para os seus como para outros, com base em seus valores religiosos e conhecimentos tradicionais: pregação de respeito à natureza, assim como de respeito recíproco entre pessoas e grupos. As recomendações de cautela e perseverança são recorrentes;
- compenetrada de sentido coletivo: sempre se expressa assim, como coletividade, mesmo quando as postagens são assinadas individualmente;
- Solidária: com outras casas, com a causa dos direitos humanos, com ideais de liberdade, democracia e igualdade; com comunidades tradicionais. Frequentemente ocorrem no seu discurso manifestações de solidariedade para com os povos indígenas brasileiros, marcadas por simpatia e aproximação no tocante a três aspectos: ligação com a natureza; passado comum de subordinação e opressão; presente de perseguição/incompreensão por conta de repertórios distintos dos vigentes na cultura hegemônica; vivência do entrechoque entre tradicional e novo; sujeição a cobranças de “autenticidade”;
- interessada em preservar sua memória remota e sua memória presente
- aberta, receptiva, acolhedora, capaz de interessar-se por novidades que não contradigam seus códigos ético-religiosos;
- empenhada em manter a prescrição mística do segredo ritual: mostra-se sempre pronta a declarar que, embora tenha a comunicação como prioridade e a considere

estrategicamente importante no seu relacionamento com a sociedade em geral, observa sempre o limite do *awo*;

- Bem informada, bem versada, mas acessível, avessa a discriminação;
- Desejosa de interação com seus coenunciadores. Exemplo: uso de estratégias de comunicação típicas da rede, como campanhas de engajamento para ganhar um *gan* de Mestre Erenilton (famoso alabê da Casa, figura de fama e destaque nacional).

Merecem destaque outros traços de sua apresentação no Facebook:

- Com frequência a @casadeoxumare refere-se a si mesma na terceira pessoa e no feminino quando inicia uma assertiva, passando rapidamente a representar-se como um corpo coletivo com emprego da primeira pessoa do plural. Outra estratégia narrativa análoga é frequentemente utilizada quando a postagem é assinada por autoridades com seu nome expresso em pena autoral ou através de citação (ex. “hoje perguntamos a Babá Pecê o que ele achava de x e ele disse y”);
- Mensagens densas são comumente finalizadas com uma bênção¹²⁷;
- Algumas postagens têm título: (Ex. “Ile Idana”, que fala sobre a cozinha no candomblé);
- Por vezes, a @casadeoxumare adota tom didático. As mensagens têm título, começam por expor o ponto que desejam demonstrar; cuida-se de colocar entre aspas certos termos rituais; mostra-se preocupação com a correta acentuação iorubana¹²⁸; marcam palavras que julgam dignas de sublinho com letras iniciais maiúsculas; são assinadas. Apresentam o problema, em seguida enunciam a conclusão e depois passam a confirmações com emprego de *itans*, *orikis*, *owés* ou “antigas histórias”;
- A @casadeoxumare estabelece os contornos e limites do seu uso das redes sociais.
- Preocupa-se, muitas vezes, em traduzir jargões, bênçãos e termos litúrgicos em iorubá¹²⁹

¹²⁷ Esta é uma forma recorrente de “encerramento” de interlocução, tanto em cerimônias quanto no trato diário: é comum que se inicie uma interação por pedir a bênção, concedê-la um ao outro e, à despedida, renovar bênçãos e votos de prosperidade). Esta prática é lida no candomblé como prova de “educação”/bons modos básicos.

¹²⁸ Devo reiterar que neste estudo não me importa verificar a pertinência desses procedimentos: não cuido de checar se, por exemplo, os vocábulos em iorubá estão corretamente acentuados; apenas sublinho a existência dessa preocupação.

¹²⁹ É prática da Casa traduzir as bênçãos dirigidas aos circunstantes depois de tê-las entoado em iorubá. Procedese assim em rituais/celebrações abertas ao público como o amalá, o ebô, a bênção final do paô das Águas de Oxalá. Em rituais sagrados de que participei e nos quais eu era a ofertante as bênçãos e os pedidos feitos aos orixás em meu nome eram traduzidos para mim após entoados.

Desdobramentos futuros

Recolhi rico material, que acredito poder ser explorado mais a fundo em pesquisa de doutorado. Com a ajuda de ferramentas mais avançadas de captura e processamento de dados quali-quantitativos, pretendo investigar:

- recorrência de termos nas postagens textuais e combinações frequentes;
- mapeamento e cruzamento de ethe e temáticas
- o material imagético (fotografias, imagens, vídeos, *cards*, *memes*);
- narrativa em transmissões ao vivo estruturadas como programas;

Pretendo também coletar depoimentos com geradores de conteúdo, autoridades religiosas e administradores das redes sociais da Casa de Oxumarê sobre o funcionamento, planejamento e procedimentos de curadoria, edição e manutenção dos canais virtuais do Terreiro. Já recolhi alguns depoimentos informais, que pretendo aprofundar através de entrevistas semi-estruturadas (ver modelo no apêndice A desta dissertação).

Três sinais

Antes de adentrar o teatro, o público ouve o primeiro sinal: as portas são abertas. À medida que vai assumindo seu lugar na plateia, soa o segundo sinal. Desligam-se (tomara!) os telefones, os espectadores se ajeitam em seus assentos e se preparam para firmar um pacto: enquanto ali estiverem, serão olhos e ouvidos, atenção e sensibilidade. Terceiro sinal: as portas se fecham, vai começar.

Não se pode pular etapas, diz a @casadeoxumare numa postagem. Todo aprendizado é importante. Dei-me conta de que o projeto que havia originalmente desenhado não poderia se efetuar sem esta etapa que ora concluo. Material não me falta: tenho acesso a documentos de acervo, extensa bibliografia e contato frequente com autoridades da Casa. Mas nada é ganho em se antecipar à trama.

Senti que este era um momento de assistir. Precisei esforçar-me para ficar deste lado da plateia, não porque acredite em imparcialidade ou distanciamento, mas porque ali, em cena, havia alguém falando de uma forma que merecia escuta. E devo dizer que me comovi com a experiência.

Manter-me mais seguidora que abiã me permitiu descobertas importantes. Vi que o tema escolhido era mais complexo ainda do que antecipava e que, se na metáfora que empreguei na introdução admito que não poderia ser toda a equipe, fecho este capítulo sabendo que tampouco posso ocupar todos os lugares da plateia.

Acredito muito na fertilidade do material que colhi e no potencial desenvolvimento da minha pesquisa. Antecipo que um estudo quali-quantitativo de ocorrências vocabulares, por exemplo, permita análise ainda mais detalhada das escolhas de composição de cenas da narrativa identitária - da @casadeoxumare e da Casa de Oxumarê. Explorar os critérios de curadoria e edição da sua comunicação em meio virtual permitirá cruzamentos de intertextos para a experiência e fruição do espetáculo.

Orixá nos dê caminho para trilhar com nossos passos!

(BLACKOUT)

8. REFERENCIAL

AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagem de si no discurso: a construção do ethos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

APPADURAI, Arjun. **Dimensões Culturais da Globalização**. Lisboa: Teorema, 1996.

AZEVEDO DOS SANTOS, M. S. Presença, sim! Presente, não! **A Tarde**, 2015. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/opiniao/noticias/1734286-presenca-sim-presente-nao>>.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: EDUFMG, 1998.

BOYD, Danah. Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications. *In*: PAPACHARISSI (Org.). **A Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites**. New York: Routledge, 2011.

CASA DE OXUMARÊ. [250 mil amigos em nossa página "Somos uma força que não pára de CRESCER"]. **Facebook: casadeoxumare**, v. 863398273683412, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/863398273683412>>.

CASA DE OXUMARÊ. A Casa de Oxumarê, em especial a equipe designada. **Facebook: casadeoxumare**, v. 299112573482136, n. 1, 2012. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/299112573482136>>.

CASA DE OXUMARÊ. A TRADIÇÃO. **Facebook: casadeoxumare**, v. 1070779649611939, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/1070779649611939>>.

CASA DE OXUMARÊ. Agutan, porque ofertamos aos Ancestrais? **Facebook: casadeoxumare**, v. 468246819865228, n. 1, 2012. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/468246819865228>>.

CASA DE OXUMARÊ. Algumas considerações acerca de se paramentar o segundo Òrìṣà. **Facebook: casadeoxumare**, v. 1064498680240036, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/1064498680240036>>.

CASA DE OXUMARÊ. [Aviso: proibido fotografar e filmar]. **Facebook: casadeoxumare**, v. 364410546915523, n. 1, 2012. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/364410546915523>>.

CASA DE OXUMARÊ. **Casa de Osùmàrè [Livreto eletrônico]**. Disponível em: <http://www.casadeoxumare.com.br/images/livro/livro_oxumare.pdf>.

CASA DE OXUMARÊ. [Com a finalidade de acolher mais amigos]. **Facebook: casadeoxumare**, v. 294301800612285, n. 1, 2011. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/294301800612285>>.

CASA DE OXUMARÊ. Comunicado da Casa de Òsùmàrè à Sociedade Religiosa do

Candomblé e Umbanda. **Facebook: casadeoxumare**, v. 1024941150862456, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/1024941150862456>>.

CASA DE OXUMARÊ. [Dia 30/11 entrará no ar site]. **Facebook: casadeoxumare**, v. 318729144803956, n. 1, 2011. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/318729144803956>>.

CASA DE OXUMARÊ. EM DEFESA DA TRADIÇÃO. **Facebook: casadeoxumare**, v. 1002482969774941, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/1002482969774941>>.

CASA DE OXUMARÊ. [Estamos nos reunindo com as mais antig@s]. **Facebook: casadeoxumare**, v. 278247288952413, n. 1, 2012. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/278247288952413>>.

CASA DE OXUMARÊ. ÈŞÛ, O CONTROVERSO... **Facebook: casadeoxumare**, v. 1075802442442993 / Série Orixás, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/1075802442442993>>.

CASA DE OXUMARÊ. Ética e Moral: Parte I. **Facebook: casadeoxumare**, v. 460181524005091, n. 1, 2012. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/460181524005091>>.

CASA DE OXUMARÊ. [Filhos, filhas e todo Povo de Axé]. **Facebook: casadeoxumare**, v. 1149823728374197, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/1149823728374197>>.

CASA DE OXUMARÊ. Igi Ope a Árvore da Fundação. **Facebook: casadeoxumare**, v. 914930371863535, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/914930371863535>>.

CASA DE OXUMARÊ. [Ìjẹníyà Ìlẹ́jádẹ]. **Facebook: casadeoxumare**, v. 1128845510472019, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/casadeoxumare/posts/1128845510472019>>.

CASA DE OXUMARÊ. Ile Idana. **Facebook: casadeoxumare**, v. 767862986570275, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/767862986570275>>.

CASA DE OXUMARÊ. ÌYÁWÓ – PARTE I: AS VISITAS AO TERREIRO. **Facebook: casadeoxumare**, v. 475919105764666 / Série ÌYÁWÓ, n. 1, 2012. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/475919105764666>>.

CASA DE OXUMARÊ. Muito Cuidado com o que você faz na Internet! **Facebook: casadeoxumare**, v. 784891381534102, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/784891381534102>>.

CASA DE OXUMARÊ. [Não podemos calar diante de negligências e desrespeito com nossa ancestralidade!]. **Facebook: casadeoxumare**, v. 652641934759048, n. 1, 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/652641934759048>>.

CASA DE OXUMARÊ. [No candomblé encontram-se pessoas]. **Facebook: casadeoxumare**, v. 215554855202940, n. 1, 2012. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/215554855202940>>.

CASA DE OXUMARÊ. [Nós da Casa de Òsùmàrè, desde o início das publicações nesta Fanpage]. **Facebook: casadeoxumare**, v. 793307784025795, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/793307784025795>>.

CASA DE OXUMARÊ. NOTA AO POVO E ÀS AUTORIDADES PÚBLICAS SOBRE O MOMENTO BRASILEIRO. **Facebook: casadeoxumare**, v. 1038791386144099, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/1038791386144099>>.

CASA DE OXUMARÊ. [NOTA PÚBLICA COMPARTILHE!]. **Facebook: casadeoxumare**, v. 886574504699122, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/886574504699122>>.

CASA DE OXUMARÊ. NOTA PÚBLICA Sobre Registros Audiovisuais de Orixás e Cerimônias. **Facebook: casadeoxumare**, v. 850316264991613, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/850316264991613>>.

CASA DE OXUMARÊ. [O Brasil está enfrentando uma verdadeira guerra contra o mosquito “Aedes aegypti”]. **Facebook: casadeoxumare**, v. 1064433170246587, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/1064433170246587>>.

CASA DE OXUMARÊ. O Candomblé Não Pratica Sacrifício Humano!!! **Facebook: casadeoxumare**, v. 471143859575524, n. 1, 2012. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/471143859575524>>.

CASA DE OXUMARÊ. O Culto aos Ancestrais e a Reencarnação no Candomblé. **Facebook: casadeoxumare**, v. 485447591478484, n. 1, 2012. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/485447591478484>>.

CASA DE OXUMARÊ. O PRECONCEITO VELADO – O IMPORTANTE É QUE O ORO JÁ ACONTECEU, A FESTA É SÓ FOLCLORE. **Facebook: casadeoxumare**, v. 438339016189342, n. 1, 2012. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/438339016189342>>.

CASA DE OXUMARÊ. O Terço dos Òrìsàs. **Facebook: casadeoxumare**, v. 479009672122276, n. 1, 2012. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/479009672122276>>.

CASA DE OXUMARÊ. Òrìsà Usa Máscara? **Facebook: casadeoxumare**, v. 440706452619265, n. 1, 2012. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/440706452619265>>.

CASA DE OXUMARÊ. [OȘOGIYAN O GUERREIRO DE EJIGBO]. **Facebook: casadeoxumare**, v. 452825761407334 / Série Orixás, n. 1, 2012. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/452825761407334>>.

CASA DE OXUMARÊ. [Ôsùmàrê senhor do movimento]. **Facebook: casadeoxumare**, v. 309777965712115, n. 1, 2011. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/309777965712115>>.

CASA DE OXUMARÊ. Pai Pecê, fala sobre o Candomblé Tradicional e a Reafricanização. **Facebook: casadeoxumare**, v. 871029776253595, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/871029776253595>>.

CASA DE OXUMARÊ. **Site oficial**. Disponível em: <<http://www.casadeoxumare.com.br>>.

CASA DE OXUMARÊ. [#SouAxéOxumarê - Lutamos por um Candomblé melhor!]. **Facebook: casadeoxumare**, v. 1138401406183096, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/1138401406183096>>.

CASA DE OXUMARÊ. Terreiro de Oxumarê lança amanhã (30/11), Quarta-Feira seu site, blog e Redes sociais oficiais. **Facebook: casadeoxumare**, v. 298504916839420, n. 1, 2011. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/298504916839420>>.

CASA DE OXUMARÊ. [Turbantes do Aladim, Soutien de Nadador, fazem parte do Candomblé Tradicional???]. **Facebook: casadeoxumare**, v. 790121341011106, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/790121341011106>>.

CASA DE OXUMARÊ. [Vamos Salvar Jorge!]. **Facebook: casadeoxumare**, v. 474090009280909, n. 1, 2012. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/474090009280909>>.

CASA DE OXUMARÊ. [Você que é filho, neto]. **Facebook: casadeoxumare**, v. 318788448144400, n. 2, 2012. Disponível em: <<https://www.facebook.com/215511825138730/posts/318788448144400>>.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

DAMIN, Hiram. **Aumente o alcance orgânico no Facebook - Resultados Digitais**. Blog de Marketing Digital de Resultados. Disponível em: <<https://resultadosdigitais.com.br/blog/como-aumentar-o-alcance-organico-no-facebook/>>. Acesso em: 6 jun. 2019.

DEVITO, Michael A. From Editors to Algorithms: A values-based approach to understanding story selection in the Facebook news feed. **Digital Journalism**, v. 5, n. 6, p. 753–773, 2017. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21670811.2016.1178592>>. Acesso em: 6 jun. 2019.

DIGITAL, Redação Olhar. **Justiça condena internautas por “curtir” e compartilhar post no Facebook**. Olhar Digital - O futuro passa primeiro aqui. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/noticia/justica-condena-usuarias-por-cutir-e-compartilhar-post-no-facebook/39175>>. Acesso em: 6 jun. 2019.

FLETCHER, Dan. Facebook Looks to Get Personal. **Time**, 2010. Disponível em:

<<http://content.time.com/time/business/article/0,8599,1983721,00.html>>. Acesso em: 7 jun. 2019.

FROW, John; MORRIS, Meghan. Estudos Culturais. *In*: DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs.). **O Planejamento Da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 432.

GARCIA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4a. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

GARCIA CANCLINI, Nestor. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma Poética da Diversidade**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nossos tempos. **Educação e Realidade**, v. 22, n. 2, p. 15–46, 1997. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>>.

LUBISCO, Nícia Maria Lienert. **Manual de Estilo Acadêmico: trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses**. 5. ed. Salvador: EDUFBA, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/14310>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

LÜHNING, Angela; MATA, Sivanilton Encarnação da. **Casa de Oxumarê: os cânticos que encantaram Pierre Verger**. Salvador: Vento Leste, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. A análise do discurso e suas fronteiras. **Revista Matraca**, v. 14, n. 20, p. 13–37, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. *In*: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana; BRUNELLI, Anna Flora (Orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo (SP): Parábola Ed., 2008.

MANSON, MARSHALL. **Facebook Zero: Considering Life After the Demise of Organic Reach**. Ogilvy Greece. Disponível em: <<https://ogilvy.gr/feed/facebook-zero-considering-life-after-the-demise-of-organic-reach>>. Acesso em: 6 jun. 2019.

RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, v. 28, n. 68, p. 114–124, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/7323>>.

RECUERO, Raquel. O Capital Social Em Rede: Como As Redes Sociais Na Internet Estão Gerando Novas Formas De Capital Social. **Revista Contemporânea**, p. 597–617, 2012. Disponível em: <www.contemporanea.poscom.ufba.br>.

SERRA, Ordep (Org.). **O mundo das folhas**. Salvador: Universidade Estadual de Feira de Santana, Universidade Federal da Bahia, 2002.

Facebook To Release A “Like” Button For the Whole Darn Internet. Disponível em: <<http://social.techcrunch.com/2010/03/25/facebook-to-release-a-like-button-for-the-whole-darn-internet/>>. Acesso em: 7 jun. 2019.

Funções da Página | Central de ajuda do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/1206330326045914/?helpref=hc_fnav>. Acesso em: 8 jun. 2019.

News Feed FYI: A Window Into News Feed. Facebook para Empresas. Disponível em: <<https://www.facebook.com/business/news/News-Feed-FYI-A-Window-Into-News-Feed>>. Acesso em: 8 jun. 2019.

O que é uma Página ou um perfil verificado? | Central de ajuda do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/help/196050490547892>>. Acesso em: 8 jun. 2019.

Quais recursos estão disponíveis com base na categoria da minha Página? | Central de ajuda do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/918592541485077?helpref=faq_content>. Acesso em: 8 jun. 2019.

GLOSSÁRIO

Abás / Agbás – as “mais velhas”, filhas de santo com mais de 50 anos de feitura

Ajodun – Cerimônias públicas de celebração dos orixás, conhecidas como “festas”

Alabê – sacerdote encarregado dos toques rituais

Awó – segredo místico, “o mistério que só pode ser revelado aos iniciados”¹³⁰

Babá – pai

Babalorixá – pai de santo

Ebomi, egbon – iniciados no candomblé com 7 anos de feitura completos

Egbé – Família/comunidade religiosa. Filhos de casas descendentes estão incluídos nessa noção.

Ejó – fofoca, maldizer

Gan – agogô

Iaô – iniciados no candomblé antes de completarem 7 anos de feitura

Ilê – casa

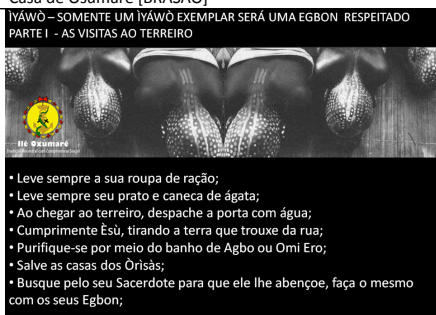
Orò - tradição, rito¹³¹

Owe, Òwe – provérbio

¹³⁰ CASA DE OXUMARÊ, O Terço dos Òrisàs, **Facebook: casadeoxumare**, v. 479009672122276, n. 1, 2012.

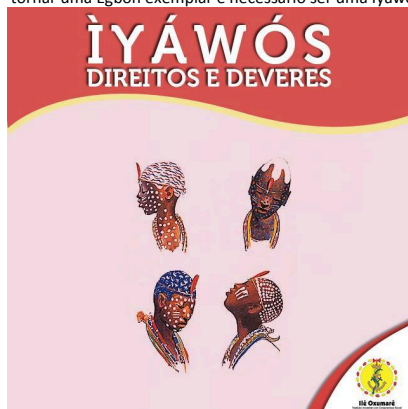
¹³¹ CASA DE OXUMARÊ, A TRADIÇÃO.

APÊNDICE A - Exemplo de ficha catalográfica usada na pesquisa

REFERÊNCIA	475919105764666
TÍTULO	ÌYÁWÓ – PARTE I: AS VISITAS AO TERREIRO
SAUDAÇÃO / VOCATIVO	N/A
MENSAGEM	O Terreiro de Òsùmàrè acredita que os Ìyáwòs são de importância fundamental dentro da Casa de Candomblé. Um grande Sacerdote ou uma grande Egbon, certamente foi um Ìyáwò exemplar. Por isso, nessa semana, vamos abordar algumas práticas que todos os Ìyáwòs devem seguir, para que cumpram esse processo iniciatório como modelo, de modo que no futuro, sirvam de exemplo para àqueles que adentrarem a magnífica Religião dos Òrisàs. É importante salientar que não há um código de conduta no Candomblé e que em momento algum, o Terreiro de Òsùmàrè tem como objetivo ditar regras ao Povo do Santo. Estamos somente, aproveitando esse espaço de comunicação, para participar à sociedade aquilo que pregamos em nossa rica e linda tradição. Antes de tudo e de forma muito resumida podemos dizer que Ìyáwò é uma pessoa iniciada na Religião dos Òrisàs e que ainda não completou a obrigação de sete anos. Nesse período, o Ìyáwò começa a ter maior conhecimento da sua religião, entendendo a sua cultura, os dogmas, as danças, cânticos, histórias e, sobretudo, a postura religiosa que será seu alicerce por toda a sua vida. Assim, nessa primeira postagem da série, vamos listar algumas “dicas” relacionadas as “visitas” do Ìyáwò ao Terreiro. São elas: · Leve sempre a sua roupa de razão; · Leve sempre seu prato e caneca de ágata; · Ao chegar ao terreiro, despache a porta com água; · Cumprimente Èsù, tirando a terra que trouxe da rua; · Purifique-se por meio do banho de Agbo ou Omi Ero; · Salve as casas dos Òrisàs; · Busque pelo seu Sacerdote para que ele lhe abençoe, faça o mesmo com os seus Egbon; Amanhã, na segunda postagem da série, vamos falar sobre as roupas e adereços do Ìyáwò no Terreiro de Candomblé.
BÊNÇÃO / REMATE	Que Òsùmàrè Aràkà continue olhando e abençoando todos!
ASSINATURA	Casa de Òsùmàrè [BRASAO]  <ul style="list-style-type: none"> • Leve sempre a sua roupa de razão; • Leve sempre seu prato e caneca de ágata; • Ao chegar ao terreiro, despache a porta com água; • Cumprimente Èsù, tirando a terra que trouxe da rua; • Purifique-se por meio do banho de Agbo ou Omi Ero; • Salve as casas dos Òrisàs; • Busque pelo seu Sacerdote para que ele lhe abençoe, faça o mesmo com os seus Egbon;
IMAGEM	
SERIE/CAMPANHA	ÌYÁWÓ
NÓS	(Povo do Santo)
NOSSOS/NOSSAS	(magnífica Religião dos Òrisàs) NOSSA RICA E LINDA TRADIÇÃO
ESCOLHA VOCABULAR	MODELO, EXEMPLO, GRANDE (GRANDIOSO), POSTURA, ALICERCE,
ETHE	(CAUTELOSO) (GENEROSO) (DIDÁTICO) (BENEVOLENTE) (CONSELHEIRO) (MODELAR) (NÃO HÁ VERGONHA EM OBEDECER) (SERENO) (POSSIVELMENTE ACALMANDO ABÍÁ/FUTURO IAÔ, REF. ATITUDE DE "CALMA, VOCÊ VAI ACABAR APRENDENDO"/ VAMOS DAR UMAS DICAS)
TEMA CENTRAL	EDUCAÇÃO/MODUS OPERANDI/LITURGIA
PARTICIPAÇÃO	N/A
COENUNCIANTE	EXPLÍCITO DE AXE INICIANTE / POSSIVEL IMPLÍCITO-INDIRETO DE AXE DESCENDENTE REF. P COE INDIRETO++ NAO TRADUZ TERMOS "OMI ERO" NEM "AGBO" >> MAS >> EXPLICA O QUE SIGNIFICA IAÔ E COMO SE CUMPRIMENTA EXU (BÁSICO!), LOGO POSSIVEL SALVAGUARDA COE INDIRETO EXO CRITICO/PREDISPOSTO A PRECONCEITO
OBJETIVO DECLARADO	EXPLICA CANDOMBLE
GRAFIA	YO / PTBR
AÇÕES	ENU:ACREDITA, ABORDAR, SALIENTAR, NAO TEM COMO OBJETIVO DITAR REGRAS, APROVEITANDO ESPAÇO, PARTICIPAR, PREGAMOS, PODEMOS DIZER IMPERATIVO: DEVEM SEGUIR CUMPRAM, SIRVAM,
VALORES	REVERENCIA, PACIENCIA, CAUTELA, DEDICAÇÃO
PAISAGENS/CENAS	TOPOGRAFIA FAMILIAR, CRONOGRAFIA LENTA E COREOGRAFADA EM ETAPAS
PARTICULARIDADE	GANCHO ANTES DA BENÇÃO (GEN. FOLHETIM/TV/SEQUENCIAL) : Amanhã, na segunda postagem da série, vamos falar sobre as roupas e adereços do Ìyáwò no Terreiro de Candomblé. DIDÁTICO+ : MESMOS PONTOS DO TEXTO REPRODUZIDOS NA FOTO, OBJ COMPARTILHAMENTO O MAIS EFICIENTE POSSIVEL DA MENSAGEM) CHECAR: ESSA FOTO É DE VERGER? NA 3P MUDA PARA IMAGEM DE CARYBÉ! REF. CÃNONE IMAGÉTICO
1a POSTAGEM	
DATA	29/10/12
LINK	https://www.facebook.com/215511825138730/posts/475919105764666
REAÇÕES	295
COMPARTILHAMENTOS	428
COMENTARIOS	28
2a POSTAGEM	
DATA	13/02/14

REFERÊNCIA	475919105764666
TÍTULO	ÌYÁWÓ – PARTE I: AS VISITAS AO TERREIRO
LINK	https://www.facebook.com/215511825138730/posts/681792528510655
REAÇÕES	1.511
COMPARTILHAMENTOS	1.118
COMENTARIOS	55
OBSERVAÇÕES	
3a POSTAGEM	
DATA	04/05/15
LINK	https://www.facebook.com/215511825138730/posts/899608570062382
REAÇÕES	3.310
COMPARTILHAMENTOS	1.004
COMENTARIOS	165
OBSERVAÇÕES	Conteúdo significativamente incrementado. Perde o título de série e marca de temporalidade ("esta semana"/"amanhã, na segunda postagem da série") e adota tom mais incisivo. Muda também a imagem, que traz em si novo título: [ÌYÁWÓS DIREITOS E DEVERES]
CONTEÚDO ADICIONADO	Ìyáwó de sexo feminino deve se trajar de saia de ração (por de baixo da saia de ração, deverá usar a calça de ração) Pano de Cabeça (indispensável) Pano da Costa (indispensável) Mokan (indispensável) Ikan (indispensável) Dilogun (indispensável) Ilekes (indispensável) Caso a Ìyáwó seja iniciada para um Òrìsà Oboro (Orixá Masculino), a mesma não deverá usar brincos, pulseiras, etc. Observação: Por cima do Pano da Costa, A Ìyáwó deverá usar o "lacinho" ou "gravatinha", a depender do Òrìsà (masculino ou feminino) Ìyáwó de sexo masculino deve se trajar de calça de ração: não é permitido o uso de Jeans, Bermuda, etc. Camisa de Ração: não é permitido o uso de camiseta, regata, camisa de crioula (uso exclusivo para mulheres). Eketé: não é permitido o uso de pano de cabeça (somente quando está recebendo Asè, em Oro). No tempo em que permanecer no terreiro procure cuidar da Casa dos Òrìsàs, sempre existe algo para ser feito, basta somente que aja o entendimento que zelando pelo espaço sagrado, em verdade você estará agradando as divindades, elas retribuíram com Asè. Todas as tarefas dentro do templo são suma importância e necessárias para o funcionamento da Casa.

É muito triste quando ouvimos uma pessoa antiga referir-se a um iniciado da seguinte forma: "Hoje ela quer que a respeitem, mas quando ela foi Ìyáwó não respeitava ninguém, nem mesmo a sua Ojugbona"; "Ah! Que coisa! Essa Ìyáwó disse que nunca vai pegar uma Adiyé para limpar, agora me diga, como ela saberá um dia preparar a comida do santo? Em suma, esses comentários surgem em razão de uma postura equivocada ou desaproprada da Ìyáwó na Casa de Candomblé. Muitas pessoas acham que, por exemplo, limpar uma Adiyé é algo de importância menor, que lhes minore. No entanto, conforme mencionado acima, essas atividades escondem grandes ensinamentos. A Ojugbona é, em verdade, os "Olhos que encaminham a Ìyáwó". A Ojugbona transmite o conhecimento de diversas formas, mas quase sempre sem que a Ìyáwó perceba que está aprendendo. No entanto, esse processo só ocorrerá a depender da postura da Ìyáwó. Uma Ìyáwó que tem postura religiosa, não sairá conversando à toa sobre aquilo que vê e ouve. Não grita no Terreiro de Candomblé ou responde ao seu Sacerdote e Egbon, respeita as orientações acerca das vestimentas e adereços que deverá usar e, por aí vai. Essa Ìyáwó começa a ser observada pelos antigos com bons olhos que, por sua vez, começam a lhe designar certas funções que muitos acham de menor valia, mas que escondem os ensinamentos do Candomblé. Exemplificamos com a limpeza da Adiyé: Digamos que uma Ìyáwó que recebeu a confiança dos seus mais velhos em razão da sua postura, ao longo de anos cuidou do trato das Adiyé, desde a limpeza até a preparação do Asè. Nesse período, nesse processo que muitos acham humilhante, essa Ìyáwó aprendeu que há diferenças significativas nesse preparo a depender do Òrìsà. Ela saberá que um determinado Asè vai Epo Pupá e que em outro não. Saberá que em um vai camarão e em outros não. Que para uma Divindade arruma a Adiyé de uma forma e para outra não. Muitas vezes esse Ìyáwó só terá compreendido que aprendeu tanto, quando se tornar uma Egbon e um Ìyáwó lhe perguntar: Esse Asè é preparado da mesma forma que aquele que a senhora me ensinou naquele dia? No entanto, uma Ìyáwó que, por exemplo, se nega a cuidar de uma Adiyé está na verdade, se privando do conhecimento, pois no Candomblé tudo é galgado e as etapas não podem ser negligenciadas. Por isso, infelizmente, observamos alguns sacerdotes que desconhecem as diferenças nas comidas dos Deuses, pelo simples fato de terem "pulado" uma importante fase da iniciação, recusando as atividades que lhe eram dadas. Esse foi somente um exemplo, mas todos os ensinamentos ocorrem dessa forma, sem que a pessoa perceba que está aprendendo. Por isso, não tenham dúvidas, para se tornar uma Egbon exemplar é necessário ser uma Ìyáwó exemplar.



APÊNDICE B - Quadro histórico resumido da Casa de Oxumarê

Quadro 2 Quadro histórico resumido da Casa de Oxumarê

Gestão	Ano/ período	Acontecimentos relevantes
Babá Talabi Oruko ¹³² : Talabi (aquele que nasce na pureza) Orixá: Aiyun	1836	Em 1836 , Tálabi adquire uma propriedade em Salvador à Rua das Grades de Ferro “para consolidar as bases do culto a Ajúnsún” (S) ou Rua do Sodré (E), transferindo “para Salvador o culto familiar praticado no Obitedó” (L), ”legando à Casa a divindade Dan, dando origem a família Òsumàrè” (E)

¹³² Nome ritual. ”Nome próprio. É utilizado como forma de resgate ancestral. No momento da iniciação, os iyawò devem dizer para os presentes o novo nome que recebeu.” CASA [2014], p. 68.

Quadro 2 Quadro histórico resumido da Casa de Oxumarê

Gestão	Ano/ período	Acontecimentos relevantes
Babá Salakó “Antônio das Cobras” Oruko: Salakó (Aquele que fica na pureza)	1845	Migra o terreiro para a Cruz do Cosme, atual bairro do Pau Miúdo em Salvador. Inicia o primeiro barco de iaô (turma de iniciados), do qual fazem parte os filhos de Belchior Rodrigues Moura que, anos mais tarde, ocupariam lugares de destaque na narrativa da difusão, manutenção e resistência das culturas de origem africana no Brasil: José Belchior (Zé do Brechó), que seria presidente da Irmandade dos Nagôs e fundador do terreiro Zoogodô Bogum Malê Seja Hundê, hoje conhecido como e situado à Roça do Ventura, em Cachoeira ¹³³ ; Antônio Maria Belchior, que viria a assumir o posto de babalorixá da Casa de Oxumarê; e Maria da Encarnação que, junto com sua mãe, Maria da Mota, e irmãs fundaria a irmandade da Boa Morte em Cachoeira (E).
	(antes de 1855)	Compra a liberdade de seus filhos de santo. Cria um tipo de irmandade entre os mesmos para comprar a liberdade de outros negros escravizados e agregá-los à família de axé.
	1855	Belchior Rodrigues Moura falece e nomeia Talabi seu primeiro testamenteiro, a quem encarrega a educação dos cinco filhos.
	(antes de 1865)	Ainda em vida e por conta de sua idade avançada, designa a “missão de perpetuar o legado ancestral do culto aos Òrìsà fincado na Casa de Òsùmàrè” para um triunvirato formado por dois de seus filhos biológicos, Damásio Joaquim Ricardo (Doyin) e Olavo Joaquim Ricardo (Salami), e Antônio Maria Belchior (Salako), ficando o cargo de babalorixá para este último. Especula-se que Zé do Brechó tenha retornado a Cachoeira justamente nesta época por não concordar com a escolha de seu irmão de sangue e santo de Salakó para ocupar o cargo máximo da Casa de Oxumarê.
	1865	Babá Talabi falece.
	1866	Salakó assume oficialmente a gestão da Casa de Oxumarê. Transfere o terreiro para a Rua da Lamma, no atual bairro do Garcia, pois a casa da Cruz do Cosme pertencia a Talabi e, com sua morte, poderia vir a ser disputada por seus herdeiros.

¹³³ Luiz Cláudio Nascimento nos alerta para o fato de que não há consenso quanto ao ano de fundação ou da origem do terreiro. Em uma das versões, diz, ele seria derivado do Obitedô; em outra ele seria oriundo de uma associação entre Zé do Brechó e Ludovina Pessoa, “responsável também pela formalização do Bogum de Salvador” (p.137). Nascimento chama atenção ainda para o fato de Parés atribuir a Tixareme a fundação do Seja Hundê, e que Zé do Brechó teria sido um sucessor do mesmo. Nascimento discorda desta versão, acreditando que Tixareme seria a corruptele de um topônimo. (p.139-140). Adoto a versão de Nascimento neste trabalho, por ser consoante com aquela eleita pela Casa de Oxumarê na narrativa de sua história.

Quadro 2 Quadro histórico resumido da Casa de Oxumarê

Gestão	Ano/ período	Acontecimentos relevantes
	≈ 1880	Doyin e Salami se mudam em definitivo para a África.
		Conta com o auxílio de Tia Bá, sacerdotisa e mãe biológica de Antônio Manoel Bonfim, na gestão do terreiro.
		Foi presidente da Sociedade do Montepio dos Artistas de Cachoeira e muito engajado na luta abolicionista.
	1904	Salakó falece.
Babá Antônio de Oxumarê Antônio de Oxumarê”, “Cobra encantada” Oruko: Danem	1904	Babá Antônio de Oxumarê é preso no último dia do terceiro axexé de Salakó, depois de uma intensa campanha nos jornais reclamando do barulho advindo do terreiro. (E) Passa a ser perseguido de forma intensa e truculenta pela polícia e decide mudar o terreiro para uma área mais remota da cidade.

Quadro 2 Quadro histórico resumido da Casa de Oxumarê

Gestão	Ano/ período	Acontecimentos relevantes
<p>Mãe Cotinha de Yèwá Oruko: Abiyámo (Mãe de muitos) Orixá: Ewá (Maria das Mercês)</p> <p>Reverenciada por sua devoção, pelos muitos filhos de santo que fez e por sua ligação com Ewá.</p>	1905	<p>O terreiro é transferido para a Mata Escura, atual bairro da Federação, onde se encontra situado até os dias de hoje. “[...] Antônio de Oxumarê estrutura o axé construindo duas casas: uma para Ajunsun e outra dedicada a Xangô.” (L)</p> <p>Antônio de Oxumarê foi o responsável pela implantação do culto a Ewá no Brasil (S, E) e Maria das Mercês a primeira pessoa iniciada para este orixá de que se tem notícia (E).</p> <p>Finca a coroa de Dadá, o Adé Bayemin, no centro do barracão, onde até hoje se encontra.</p> <p>Constrói um recuo protegido por cortinas para os atabaques e um altar católico no barracão, como estratégia de se esquivar das batidas policiais, alegando que as festas eram celebrações dos santos católicos.</p>
	1926	Falece Antônio de Oxumarê.
	1927	Primeira iyalorixá do terreiro. Como era muito tímida, muitas das decisões de sua gestão foram tomadas diretamente pelo seu orixá, Ewá. (E)
		Inicia “importantes personagens que contribuíram para a preservação e difusão do Àse” (E), alguns abrindo casas em outras cidades.
		Ewá (sic) forma um corpo de ogãs encarregados de proteger a Casa de Oxumarê e seus filhos. (E)
		Graças à atuação de Ewá (incorporada em Mãe Cotinha) a incidência de batidas policiais diminui.
	1948	<p>Antes de falecer, consulta o oráculo para saber quem a deverá suceder. Ewá responde que deverá ser uma mulher, filha de Ogum. Aponta, assim, Maria Francelina de Jesus, a filha de Ogum mais velha da casa.</p> <p>Mãe Cotinha falece</p>
<p>Iyá Francelina de Ogún Oruko: Não consta das fontes</p>	1948	Iyá Francelina Preside o axexé de Mãe Cotinha

Quadro 2 Quadro histórico resumido da Casa de Oxumarê

Gestão	Ano/ período	Acontecimentos relevantes
	1949	Iyá Francelina renuncia ao cargo por conta da idade avançada. Mais uma vez o oráculo é consultado e indica uma filha de Ogum, Simplícia Brasília da Encarnação, “prevalecendo, assim, a determinação de Yêwá”.(E)
Mãe Simplícia Oruko: Ògún Dekisi (A que chega ao poder com honra) Orixá: Ogum (Simplícia Brasília da Encarnação) Filha biológica de Maria das Neves, primeira filha de santo de Antônio de Oxumarê, e bisneta biológica de Maria da Encarnação, do primeiro barco de Talabi. Reverenciada por seu compromisso com a casa, a comunidade e religião, determinação, articulação, empreendedorismo e diplomacia.	≅1950	(Mãe Simplícia assume a gestão da casa)
	1952	Mae Simplícia é convidada (L) / se articula (E) para organizar a recepção do presidente Getúlio Vargas e sua comitiva na inauguração Grande Hotel em Caldas do Cipó, no sertão da Bahia, “com o intuito de denunciar a reeleitura da inquisição contra o Candomblé promovido pela polícia baiana da época.”(E) Pede a ele que acabe com a necessidade de pedir alvarás para realizar cerimônias, que na prática ia de encontro ao decreto-lei 1202 de 1939, cujo artigo 33 declarava vedado ao Estado e ao Município “estabelecer, subvencionar ou embargar o exercício de cultos religiosos”.
	1953	Posse oficial de Mãe Simplícia (E)
		Realiza melhorias físicas no terreiro. Abre comércios (depósito de carvão e bar) que geram renda para o sustento do ilê axé.
		Ensina “culinária baiana” (E) a suas filhas de santo para que possam sobreviver de seu próprio ganho como baianas de acarajé ou quituteiras, sem precisar “trabalhar para uma elite preconceituosa e racista”.
	1958	Pierre Verger registra os cânticos da Casa de Oxumarê.
	1964	À data de nascimento de Silvanilton, neto biológico da ialorixá, o Ogum de Mãe Simplícia toma o menino nos braços logo após seu nascimento e anuncia que o mesmo será babalorixá da Casa.
	1965	Mãe Nilzete e Silvanilton são iniciados.
	1967	Mãe Simplícia falece
Miudinha de Òsun e Dona Margarida de Ògún	≅ 1967	Irmãs de santo de Iyá Simplícia indicadas por Seu Hilário para ocupar o cargo de forma interina até Mãe Nilzete atingir idade iniciática que lhe permitisse assumir a gestão da casa.
Mãe Nilzete Oruko: Omilola Orixá: Iemanjá	1974	Filha biológica de Iyá Simplícia. Já no ano de sua posse, parte da área do terreiro é invadida pela “urbanização desordenada”, mas Mãe Nilzete conseguiu recuperá-las graças ao seu carisma e bom diálogo com a comunidade. (E)

Quadro 2 Quadro histórico resumido da Casa de Oxumarê

Gestão	Ano/ período	Acontecimentos relevantes
		“Pessoas de diversas regiões e estados, até mesmo fora do país, vinham em busca dos sábios conselhos de Mãe Nilzete e se tornavam filhos de santo da carismática e carinhosa Ìyálòrìsà.” (E)
	1988	<p>O projeto de construção de uma passarela sobre a Avenida Vasco da Gama pela prefeitura de Salvador, que tomaria uma parte do terreno do terreiro, desencadeia uma série de eventos importantes para a história da casa.</p> <p>Busca por documentos relativos à história da Casa e indicação por mãe Nilzete de um responsável por fazer a coleta da história oral do terreiro, o ogã e ofarerê¹³⁴ do Oxumarê, Israel Evangelista dos Santos de Oxóssi</p> <p>A Casa de Oxumarê é reconhecida instituição de utilidade pública e , sob o nome Associação Cultural e Religiosa São Salvador</p> <p>É formado o grupo de trabalho “Frente de Defesa do Terreiro”, liderado por Mãe Nilzete e coordenado por Ebomim Sandra Bispo de Yemanjá e Mayé Tânia de Oxóssi. Faziam parte deste grupo autoridades do próprio Oxumarê, de outros terreiros, artistas e intelectuais.</p> <p>Mãe Nilzete, muitas vezes acompanhada por seu filho biológico, Silvanilton (S), inicia uma campanha de não violência, sentando-se ao lado de Iroko¹³⁵, impedindo assim, com sua presença física, que as obras da passarela avancem. Revezavam com ela na campanha Ebomim Sandra, Iyá Kekerê¹³⁶ da casa, e Mayê¹³⁷ Tânia de Oxossi.</p> <p>A Casa de Oxumarê obtém êxito em sua disputa com a prefeitura, que muda os planos para a localização da passarela. Uma vitória importante “para todo o povo de candomblé baiano”. (E)</p>
	(depois da vitória contra a prefeitura)	Empenha-se na tarefa de angariar fundos para comprar as terras onde estava localizado o terreiro, que haviam sido arrendadas pelo Babá Antônio de Oxumarê. Para tanto, viaja para outros estados prestando suporte religioso (uma espécie de consultoria) para outras casas de candomblé. Todo dinheiro arrecadado é entregue aos advogados do proprietário das terras, que depois alega que o montante era apenas pagamento de foros atrasados.
	1989	A legislação do Estado da Bahia reconhece o candomblé como religião e homologa no artigo 275 de sua constituição os seguintes termos: “É dever do Estado preservar e garantir a integridade, a respeitabilidade e

¹³⁴ ”Responsável por buscar recursos para a Casa. É o ‘caçador’”. (BRASIL, p. 187).

¹³⁵ Em Salvador, árvore gameleira sacralizada para e habitada pelo orixá Iroko.

¹³⁶ “Mãe pequena. Sacerdotisa que auxilia o bàbàlòrisa. Responsável pelos laços fraternos entre os filhos de santo, apoiando o bàbàlòrisa nessa função”. (BRASIL, p. 187).

¹³⁷ ”Guardiã das casas dos orixás”. Idem, ibidem.

Quadro 2 Quadro histórico resumido da Casa de Oxumarê

Gestão	Ano/ período	Acontecimentos relevantes
Babá Silvanilton “Babá Pecê” Oruko: Danjemi ¹³⁸ (a grande serpente não me deixa faltar nada)		a permanência dos valores da religião afro-brasileira”.
	1990	Mãe Nilzete falece. Nove dias após seu falecimento, Iroko “não resiste a partida de sua amiga e desaba seu tronco gigantesco, interditando a Avenida Vasco da Gama, por dois dias consecutivos.” (E)
	1991	As pesquisas sobre a memória da Casa são interrompidas. Babá Pecê assume o cargo de Babalorixá da Casa de Oxumarê. “Baba Pecê perpetua o legado dos ancestrais conduzindo a Casa de Òsùmàrè com a mesma dignidade. [...] Sua luta é em defesa da cultura, religiosidade africana e da união dos povos. Acima de tudo, Baba Pecê mantém extrema preocupação em conservar a tradição e cultura religiosa, assegurando que seja transmitido o conhecimento para garantir a continuidade do candomblé.” (E)

¹³⁸ Note-se que Babá Silvanilton herda o oruko de Antônio de Oxumarê, “o tornando ainda mais especial, legando a ele a força que envolvia o lendário Bábàlòrisà conhecido como Cobra Encantada.” (CASA [2014], p. 46)

Quadro 2 Quadro histórico resumido da Casa de Oxumarê

Gestão	Ano/ período	Acontecimentos relevantes
	1994	Baba Pecê recebeu na Casa de Òsùmàrè a majestade Alákétu Adiro Adetutu, 49º rei de Ketu.
	1996	Pesquisas sobre a memória da casa são retomadas pelo ogã e ofarerê da casa (L).
	2002	Fundação Cultural Palmares reconhece a Casa de Oxumarê como território cultural afro-brasileiro.
	2004	O terreiro é tombado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – IPAC
	2005	Dá início ao projeto Inclusão Digital, em parceria com a Secretaria Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado da Bahia. Infocentro com 10 computadores é instalado no espaço do terreiro (S). Idealiza e promove a I Caminhada pela Vida e Liberdade Religiosa (E).
	≅ 2007	Babá Pecê “idealiza a campanha nacional ‘Quem é do axé, diz que é’ que tem como objetivo quantificar os seguidores das religiões de matrizes africanas no país e com isso assegurar o desenvolvimento de políticas públicas para estes segmentos” (E).
	2007	Projeto “Gravações Históricas de Pierre Fatumbi Verger na Casa de Oxumarê” (2007-2011), realizado em parceria com a Fundação Pierre Verger e financiado pela Petrobras, através da Lei Rouanet.
	2010	Publicação do livro “Casa de Oxumarê: os cânticos que encantaram Pierre Verger”. Coautoria de Babá Pecê.
	2011	Projeto Memória e História da Casa de Oxumarê: tradição ancestral e saber preservado (2011-2012)
	2013	A Casa de Oxumarê é reconhecida como Patrimônio Cultural pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural
	2014	Promove o I Seminário Internacional para Preservação do Patrimônio Cultural Brasil-Nigéria. Recebe a visita de (convida) Sua Majestade Real o Alàá- fín de Oyo A Casa de Oxumarê é tombada pelo IPHAN, reconhecida como Patrimônio Nacional do Brasil
	2016	Casa de Oxumarê celebra 180 anos com direito a selo comemorativo e sessão especial na Assembleia Legislativa da Bahia (S). Propõe discussão entre a comunidade, representantes de órgãos públicos a nível municipal, estadual e nacional, UFBA, CAU e IAB sobre o desenvolvimento do Plano Diretor de Preservação do Ilê Oxumarê.

APÊNDICE C - Modelo de entrevista

OBJETIVOS/MOTIVAÇÕES

- Você lembra como surgiu a ideia de fazer a página?
- Qual a ideia, inicialmente?
- Tinha um objetivo específico?
- Porque foi tudo meio que lançado junto, né? Página oficial, a fanpage no Facebook, o blog...
- E hoje? O objetivo continua o mesmo?
- (É importante ocupar o espaço virtual?)
- (A internet é uma ferramenta, um lugar, um espaço?)

ORGANIZAÇÃO

- E como é que funciona, assim, na prática mesmo? Existe um grupo designado para isso? Porque eu sei que vocês têm GT jurídico, tem outros grupos designados para tratar de projetos específicos e tal....
- Esse grupo é fixo, muda? Tem papéis específicos para as pessoas do grupo?
- Em uma postagem lá do início, de 2011, alguém pergunta “quem tá aí” e um administrador da página responde que o grupo é Babá Egbé, Maíra, Kiko e Taís dOgun. Continua?
- Existe algum cargo religioso da casa que fique encarregado dessa parte de comunicação em especial? Do mesmo jeito que tem gente que fica responsável pelas chaves, por partes específicas e rituais específicos? Ou é separado.
- Como é o processo no dia a dia? Tem alguém que faz uma programação de conteúdo?
- Tem conteúdo que tem que ser aprovado por uma autoridade da casa em específico, conteúdo que não precisa? Quem avalia isso? Ou o grupo tem carta branca?
- Vocês conversam entre si sobre o que dizer, como dizer? Tem limites claros?
- Já aconteceu de orixá determinar o que pode ou não ser comunicado na internet? Ou quem pode falar em nome da Casa?

- Algumas postagens vêm assinadas por Babá Pecê. Como é isso, ele produz um texto e manda para alguém? Ou ele mesmo entra lá e escreve e posta? Ele é tecnológico assim?
- O cotidiano aqui influencia de alguma forma o funcionamento do Facebook da casa? (quero deixar vaga mesmo, para ver se vem lagosta na rede)
- Por exemplo, quando a casa está em axexé... pode postar?
- (se sim para a pergunta anterior) Pode postar qualquer coisa em axexé (ou outro período que surgir), ou varia?

IMAGEM DO COENUNCIADOR x RELAÇÃO COM O “PÚBLICO”

- Quem é o público de vocês? Digo assim, quando vocês colocam um texto no Facebook, quem vocês imaginam do lado de lá, lendo essas coisas que vocês publicam?
- Tem gente que pede conteúdo específico?
- Por exemplo, acontece de alguém de fora desse grupo que administra o Face /as redes sociais mandar uma coisa para vocês publicarem?

DESAFIOS

- Teve quem achasse ruim ou complicado vocês serem tão ativos na internet? Ainda tem?
- Ouvi dizer que vocês já foram hackeados algumas vezes....
- Como vocês percebiam essa invasão? (Sumia conteúdo? Postavam coisa indevida em nome da Casa?)
- Teve uma vez que eu tive entrar em contato com o pessoal do servidor, por causa de um link no Facebook de uma postagem de vocês que parecia estar levando para um ciclo malicioso/vírus. Aí falei com Paula, da agência que desenvolveu o site, e ela falou que o blog está desativado há um tempo... (Foi ataque de hacker? Vocês têm suspeita de quem pode estar por trás desse tipo de ataque?)
- Esse conteúdo do blog, vocês têm salvo em algum lugar ainda?

PROVOCAÇÕES FINAIS

- Tem espaço para o candomblé na internet?
- Tem espaço para a internet no candomblé?
- A internet ajuda como?
- A internet atrapalha como?